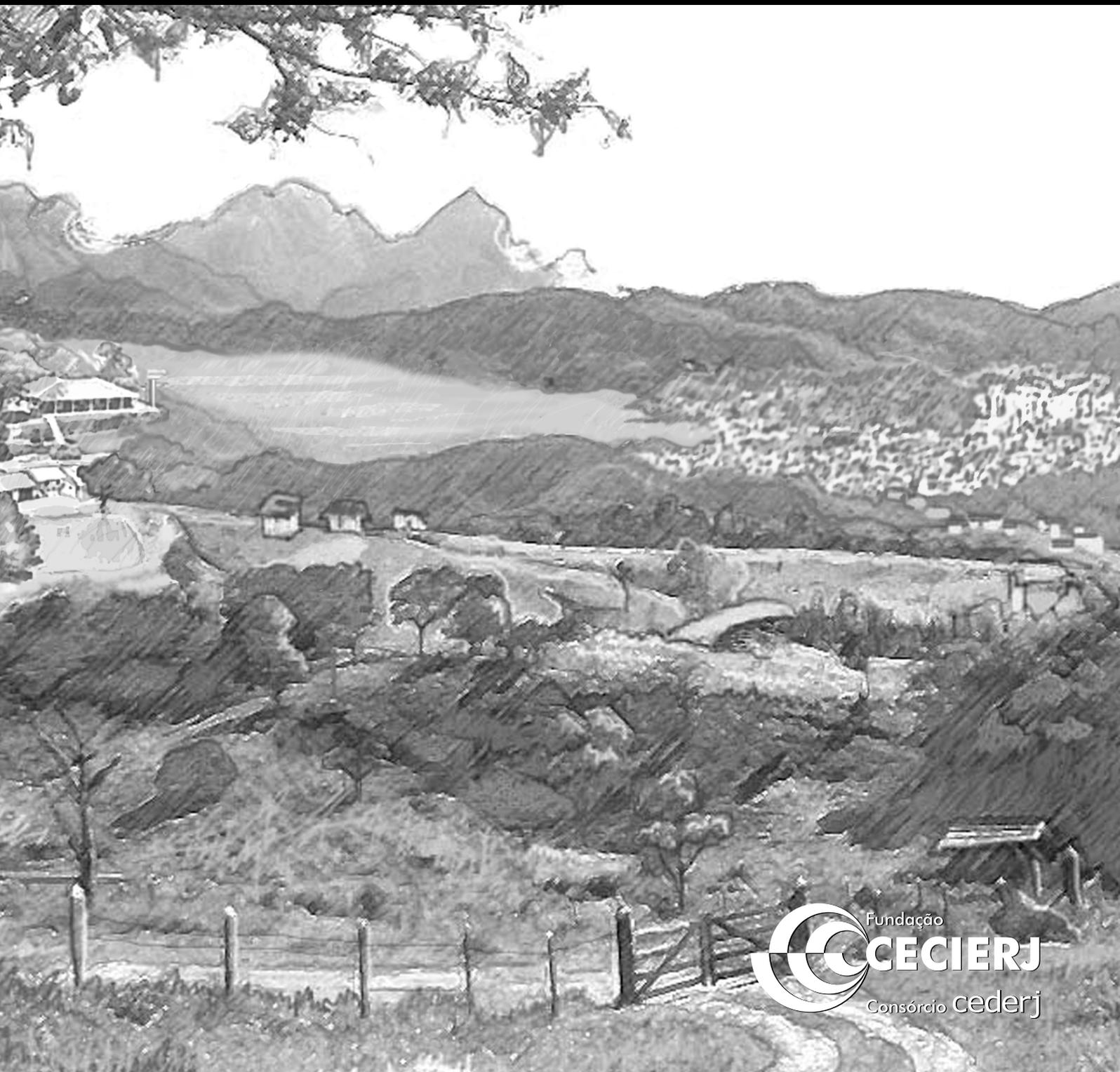


Constança Maria da Rocha Moreira
Fernando Lannes Fernandes

Geografia na Educação 1





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Geografia na Educação 1

Volume 1 – Módulos 1, 2 e 3

Constança Maria da Rocha Moreira

Fernando Lannes Fernandes



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Ministério
da Educação



Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2299-4565 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Eloiza Gomes

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Constança Maria da Rocha Moreira
Fernando Lannes Fernandes

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Anna Maria Osborne
Marcia Pinheiro

COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

COORDENAÇÃO DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Débora Barreiros

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Ana Paula Abreu Fialho
Aroaldo Veneu

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jane Castellani

COPIDESQUE

Cristina Freixinho

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Kátia Ferreira dos Santos
Patrícia Paula

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Katy Araujo

COORDENAÇÃO DE ILUSTRAÇÃO

Simone de Paula Silva
Maria Cecília Sertã

ILUSTRAÇÃO

Hilda Maria da Costa Ferreira
Jefferson Caçador
Marcela Severonico

CAPA

Hilda Maria da Costa Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Andréa Dias Fiães
Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

M838g

Moreira, Constança Maria da Rocha.

Geografia na educação 1. v. 1 / Constança Moreira. – Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2008.

237p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 85-7648-104-9

1. Geografia. 2. Ensino e pesquisa.
3. Geografia no ensino fundamental. 4. Espaço geográfico.
- I. Fernandes, Fernando Lannes. II. Título.

CDD: 372.891

2008/1

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Nival Nunes de Almeida

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Aula	Introdutória _____	7
Aula	1 – O que é Geografia? _____	15
Aula	2 – As origens e pressupostos da Geografia _____	29
Aula	3 – As principais correntes da Geografia – Parte I – A Geografia Tradicional _____	41
Aula	4 – A renovação crítica da Geografia _____	59
Aula	5 – O espaço geográfico _____	73
Aula	6 – A produção do espaço geográfico _____	87
Aula	7 – A nova ordem mundial _____	107
Aula	8 – O pós-fordismo e seus impactos na organização do espaço _____	121
Aula	9 – Do local ao global – uma reflexão preliminar da Geografia como instrumento de ampliação do espaço-tempo nas séries iniciais do Ensino Fundamental _____	139
Aula	10 – Por que estudar Geografia? _____	155
Aula	11 – A Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental _____	171
Aula	12 – A Geografia no 1º ciclo do Ensino Fundamental _____	185
Aula	13 – A Geografia no 2º ciclo do Ensino Fundamental _____	199
Aula	14 – Os livros didáticos de Geografia – uma reflexão _____	215
	Referências _____	229

Geografia na Educação 1

Aula Introdutória

UMA CONVERSA INICIAL SOBRE A DISCIPLINA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO 1

Esta é a nossa aula introdutória.

Nossa proposta aqui é mostrar a você que a disciplina que estaremos lhe apresentando a partir de agora, a Geografia, está muito ligada ao seu dia-a-dia. Possivelmente você já a desenvolve em sala de aula, como professor(a) das séries iniciais do Ensino Fundamental; Gostaríamos de salientar que a proposta original desse nosso trabalho é que funcione como um instrumento de qualificação profissional e, portanto, uma importante ferramenta para o aprimoramento de sua prática em sala de aula.

Com base nisso, todas as nossas aulas serão construídas em torno do que chamamos linguagem dialógica, o que significa que serão em forma de diálogo. Isso expressa, de certa forma, não apenas um dos aspectos de nossa metodologia de trabalho, mas também o nosso sentimento quanto ao papel que esse material que se coloca diante de seus olhos poderá ter para a sua formação como profissional e, particularmente, como cidadão(ã) e educador(a).

Não será fácil a nossa tarefa, especialmente por se tratar do ensino a distância. É bem provável, por exemplo, que não venhamos a nos conhecer pessoalmente. Mas, isso não deve ser motivo de desestímulo. Pelo contrário, esperamos que você, tanto quanto nós, sinta-se permanentemente estimulado pelo sentimento de descoberta. O “mistério” que seguirá daqui para frente, com o nosso diálogo sem “olhos nos olhos”, deve ser a ponta de um *iceberg*, cujo verdadeiro mistério a ser desvendado é o da busca pelo conhecimento.

Certamente, você já deve ter ouvido essas palavras (talvez de um modo diferente) ao longo do seu curso. Repetimo-las por acreditarmos que a solidão que lhe acompanhará nesta jornada deva ser, simultaneamente, superada (através do contato com os tutores e colegas de pólo) e aceita, visto que a solidão, em certo sentido, é um momento importante na vida de quem estuda. A busca pelo conhecimento requer, em muitos momentos, uma introspecção que só pode se dar quando aquele que busca conhecer se fecha em si mesmo, sozinho.

Talvez você não tenha notado, mas, de alguma forma, estamos falando de coisas que num determinado nível estão muito próximas da Geografia.

Quando falamos em ensino a distância, por exemplo, estamos partindo do pressuposto de que duas pessoas ou mais se comunicam e trocam informações e idéias por intermédio de algum meio de comunicação: carta, Internet, telefone. Esses meios de comunicação, que permitem a interlocução entre pessoas situadas em diferentes localidades, são também os meios pelos quais os lugares se ligam e, com isso, se aproximam.

Você já parou para pensar sobre o significado da frase “este lugar isolado do mundo” ? Muitas vezes utilizamos essa frase para nos referirmos a localidades que, a nosso ver, estão isoladas do resto do mundo, ou seja, que não têm comunicação com outros lugares. Imagine, portanto, um lugar onde não há posto do correio, onde não há linha de telefone ou sinal de celular. Ou, ainda, onde a luz elétrica sequer chegou. Imagine ainda que esse lugar é tão isolado que só se possa chegar nele de helicóptero ou avião. Estamos vendo que esse isolamento ocorre em particular, por conta da ausência de instrumentos que permitam a conexão entre lugares, seja ela realizada pelos meios de comunicação mais comuns e/ou pelos meios de transporte. Estamos percebendo que transporte e meios de comunicação são fatores fundamentais para o não isolamento. Por menor que seja o acesso a esses instrumentos, já se pode dizer que um dado lugar não é tão isolado assim...

O grau de acesso aos meios de transporte e comunicação certamente vão implicar um nivelamento entre os lugares. Quanto mais servido de equipamentos de comunicação e meios de transporte – tanto em quantidade quanto em variedade e qualidade –, mais conectada está uma localidade e, portanto, maior capacidade de interlocução ela terá com outros lugares do mundo.

Poderíamos, a partir disso, fazer uma breve reflexão em torno de sua realidade. Sabemos que você mora no interior e que habitualmente as pessoas do interior reclamam – muitas vezes com razão – que estão “isoladas” “nesse fim de mundo”. Em geral, essas afirmações são feitas em comparação ao que se vê nas grandes cidades. Pensando de uma outra forma, em primeiro lugar, é necessário determinar o grau desse isolamento. Quantas linhas intermunicipais servem seu município? Quantas linhas ligam seu município à capital ou a outras cidades maiores? Com que frequência? Seu município é bem servido de linhas de telefone? Há quantos postos de correio? Muitas perguntas, dentre outras, podem ser feitas para se tentar medir o grau de isolamento de seu município. Entretanto, isso não basta. Quem tem acesso aos equipamentos de transporte e comunicação de sua cidade? Será que todos têm telefone em casa? Será que o acesso às linhas de ônibus que ligam o município à capital é igual para todos? Ou haveria lugares mais isolados no seu município? É bastante provável que sim.

Ora, estamos vendo que existem muitos refinamentos possíveis a partir de uma simples análise. O que queremos mostrar com isso, em primeiro lugar, é que a Geografia é um rico instrumento para a compreensão do espaço em que vivemos. Por outro lado, vemos o quanto é importante correlacionar as coisas. Não basta, neste sentido, afirmar que uma dada localidade é isolada. É necessário compreender as razões para isso e os níveis desse isolamento, tanto da cidade em relação a outras quanto da cidade internamente.

Abrindo um pequeno parêntese, podemos refletir, com base no que foi dito até agora, que o ensino a distância é um importante instrumento de transmissão do saber e do diálogo, possibilitados pelo uso de diferentes instrumentos de comunicação. Assim, embora não haja uma universidade em sua cidade e nem próxima a ela, existe todo um esforço para que você tenha acesso ao ensino superior, ainda que essa não seja a maneira ideal, visto que o desejado é que você viva a universidade, seus corredores, o contato com as pessoas, sua estrutura física etc. A propósito, é fundamental que você tenha consciência disso. O ensino a distância não é a universidade, muito embora sirva para trazer a universidade um pouco mais perto de você. A propósito, o que você acha de, num momento oportuno, romper com o isolamento e visitar uma universidade?

Vamos retomar nossa conversa inicial

Estávamos falando da importância dos meios de transporte e comunicação para a articulação entre os lugares. Você já se deu conta de que a cada ano, e cada vez mais, o mundo se torna um só? O termo globalização tem sido utilizado comumente para expressar essas mudanças recentes no mundo, que vem tornando os lugares mais próximos, especialmente em função da intensificação das trocas comerciais e, por conseguinte, das trocas culturais. Com isso, diferentes *mundos* tendem a se unificar em torno de aspectos comuns, especialmente no que se refere às relações comerciais. É bom lembrar que esse processo, a exemplo do que refletimos anteriormente acerca de sua realidade local, não ocorre da mesma forma de lugar a lugar, sendo seus reflexos, na maior parte das vezes, uma expressão amplificada – visto que global – de contradições que acompanham as nossas sociedades há centenas de anos. O que queremos dizer, com isso, é que ao mesmo tempo em que a globalização pode ser benéfica para um país ou grupo de pessoas, também pode ser prejudicial a nações inteiras, algo que buscaremos refletir no decorrer de nosso curso.

Cabe ainda considerar que a globalização, ao mesmo tempo em que é global, também se manifesta localmente, visto que atua diretamente sobre a vida de cada um de nós. Sem uma base local (ou bases locais), a globalização não existiria, o que nos faz refletir sobre a dualidade local e global. Local e global, ao mesmo tempo em que são complementares, são antagônicos, e põem em evidência a importância de valorização do local tanto como ponto de partida para as coisas boas da globalização quanto como foco de resistência às tendências globalizantes, às quais o famoso geógrafo Milton Santos, em seu livro *Por uma outra globalização*, deu o nome de *globalitarismo*. Essas coisas nós vamos ver com mais calma mais adiante, em nossas próximas aulas.

Será, então, que essa Geografia de que estamos falando, nas entrelinhas, tem a ver com a Geografia que você já conhece? Bom, essa é apenas uma pequena amostra do que é possível ver com olhar geográfico. A Geografia, porém, é algo muito mais amplo, cujo papel em nossas vidas, embora não nos demos conta, é bastante significativo. Será com base nessa premissa que buscaremos, ao longo de nosso curso, apresentar-lhe a Geografia, sem com isso, é claro, assumir qualquer postura pretenciosa ou mesmo de autoridade. No fundo, no fundo, a Geografia é feita e refeita por nós todos os dias. Neste sentido, cada um de nós possui uma explicação plausível do que seja a Geografia. Para uns, ela é a ciência que estuda o espaço; para outros, o ramo do conhecimento que estuda o planeta Terra e a interação entre os homens e a natureza, dentre milhares de outras definições possíveis.

O que buscaremos trazer para o nosso curso é uma tentativa de superação do senso comum, ou seja, daquelas definições usuais e pouco criteriosas que mencionamos há pouco. Superar o senso comum significa tentar apresentar-lhe uma Geografia em sua acepção acadêmica; aquela Geografia que ganhou “G” maiúsculo nas universidades. Mas, não se desfaça de suas concepções pessoais sobre o que seria a Geografia. Tente, a todo tempo, dialogar conosco, a partir daquilo que você já conhece. É muito importante ter em mente o fato de que a Universidade não é a única detentora de saber. Ela compete com outros saberes, que possuem outras bases de argumentação, que não a científica.

Para tanto, haverá uma parte de nosso curso inteiramente dedicada à ciência geográfica: suas origens e pressupostos e seus principais conceitos. Acreditamos que essa base seja importante para que você supere o senso comum que ainda pode fazer parte de suas interpretações da Geografia e, com isso, você possa aproveitar melhor o restante do curso, que não se limita apenas a esse semestre, mas que se estende por mais um. Nossa proposta é que você adquira uma base mínima necessária para que o manuseio da Geografia não seja em vão; para que você possa se apropriar da Geografia com maior segurança em sua prática pedagógica.

A que serve, então, a Geografia?

Essa pergunta já foi feita e respondida de diversas formas ao longo da história da Geografia. Há um livro, por exemplo, do geógrafo francês Yves Lacoste, cujo título é: *A Geografia – isto serve antes de tudo para fazer a guerra*. Sugestivo, não? Pois bem, a Geografia é um saber que apresenta características estratégicas de grande valia para os militares e estadistas. Ela pode ser apropriada, desta forma, para se fazer a guerra. Conhecer o território do inimigo e identificar as zonas de fraqueza são exemplos do que se pode fazer com a Geografia. A propósito, a Geografia, como iremos mostrar em

nosso curso, surge como disciplina acadêmica no contexto do imperialismo europeu, no auge das conquistas sangrentas da África e da Ásia.

Mas existem outros usos possíveis da Geografia. Um deles, é o que buscaremos destacar ao longo de nosso curso: a Geografia pode se tornar, em sala de aula, um importante instrumento de ampliação do espaço-tempo dos alunos. Mas, o que isso significa? Significa que a Geografia nos dá a possibilidade de conhecer outras realidades, outros lugares e povos. Nos dá ainda a possibilidade de compreender nosso próprio espaço, onde vivemos e nos relacionamos. Auxilia, assim, na aquisição de três níveis de consciência fundamentais: a consciência do mundo, ou seja, do lugar onde vivemos; a consciência de si no mundo, ou seja, de nosso lugar no mundo; e a consciência do outro, que é o reconhecimento de que não somos um só, mas uma sociedade, composta por diferentes grupos sociais, por diferentes culturas e saberes – a base para o respeito à diferença e à crítica à desigualdade.

Como você vê, a Geografia que pretendemos lhe mostrar é muito importante para qualquer um de nós, já que faz parte da nossa vida, permitindo um conhecimento maior do nosso mundo, do mundo global, de nós mesmos e dos outros.

Já dissemos aqui, que esse material deve ser instrumento de qualificação para a sua formação profissional, de cidadão e de educador(a). A Geografia possui um instrumental que vai auxiliar você no caminho em busca de um aprimoramento profissional.

Quando se fala em instrumental, um dos primeiros instrumentos que vem a nossa mente são os mapas. Como ciência que estuda o espaço, a Geografia precisa representar esse espaço. Ao longo de nossas aulas, queremos refletir com você, porque muitas pessoas “olham” para um mapa ou uma planta da cidade e não conseguem “ver” o que está sendo mostrado ali. Você, provavelmente, conhece esses casos. E aí a pergunta é: se todos passaram pela escola, o que será que aconteceu com essas pessoas para não conseguirem ler um mapa? Você deve lembrar que o mapa, em muitas escolas, ainda serve para enfeitar a sala ou então para as crianças brincarem de colorir.

E o que dizer das imagens que se formam na mente de cada um? Queremos que nossos alunos entendam a mensagem transmitida pelos mapas e esquecemos que, na verdade, cada um deles está com uma determinada imagem na cabeça e, portanto, a interpretação será individual. Não se preocupe, porque este assunto será explicado em nossas aulas.

Ao longo do nosso curso, vamos procurar contar como os mapas surgiram entre nós e como devem ser utilizados de forma correta, de maneira a poder interpretar o espaço ali representado.

Continuando o trabalho, nossa proposta é apresentar uma metodologia, com todo o embasamento científico, que permita a utilização dos conceitos e habilidades que precisam ser conhecidos das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. O que estamos querendo apontar é que, o que você já vem fazendo, os jogos e as brincadeiras que vem utilizando vão receber um tratamento, de modo que compreenda como todas essas atividades contribuem para o desenvolvimento mental das crianças. Queremos também dar base aos conhecimentos para que, de acordo com as necessidades e possibilidades de seus alunos, você possa “criar” seus próprios jogos e brincadeiras para incentivar e desenvolver o trabalho da Geografia em sala de aula.

O que dizer dos livros didáticos? Eles são instrumentos que estão entranhados no sistema escolar. Provavelmente, você também se utiliza deles. Queremos que pense junto conosco, até que ponto os conteúdos e a forma, como são apresentados, são satisfatórias para a proposta de ensino. Claro que não é nosso objetivo que você se desfaça deles, mas, “olhe” para eles com um outro olhar, procurando questionar e ler nas entrelinhas o que estão querendo dizer.

Sabemos que você é um trabalhador(a) e que optou pelos estudos a distância nas horas em que estivesse disponível. Considerando este aspecto, procuramos dar aos nossos assuntos uma forma agradável, e sempre que possível, convidamos você a participar e demonstrar que está acompanhando nosso pensamento. Já dissemos aqui, que usamos uma linguagem dialógica para que saiba que estamos trabalhando juntos.

Alguns assuntos vão ganhar uma forma de desenvolvimento que você poderá utilizar ou adaptar em seu trabalho do dia-a-dia. Veja. Não queremos apresentar “a coisa pronta”, preferimos que você use o exemplo e desenvolva sua criatividade. É por isso que, a música, o desenho e a literatura estarão presentes como forma de trabalho em sala de aula em Geografia, mas, repetimos, preferimos “ensinar a pescar do que a dar o peixe pronto”.

O esforço que você está fazendo para estudar a distância em busca de uma maior qualificação, nós entendemos, estamos solidários e juntos com você. Não estamos tão distante. A idéia de distância é relativa. Varia com a percepção de cada um. Posso estar a quilômetros de alguém, mas, por uma afinidade de objetivos e intenções, posso senti-lo bem perto de mim. Nossos livros, tutores e o seu pólo são o ponto de contato entre nós.

Vamos citar o pensamento de um educador:

O longo vôo das aves, desde o gelado Canadá ao calor do Brasil, ultrapassa todas as dificuldades, porque as aves “sabem” o seu destino... Para quem sabe onde vai, os caminhos são vários.

(GANDIN, 1995, pp. 48-110)

A opção que você fez pela educação a distância é o caminho que escolheu para realizar seu objetivo. Siga por ele, não desista, conte conosco.

Você só terá a ganhar.

Os Autores

O que é Geografia?

AULA

1

Meta da aula

Apresentar o significado da Geografia.

objetivos

Esperamos que ao fim desta aula, você seja capaz de:

- Criar uma definição de Geografia aplicável aos nossos dias.
- Identificar o que mudou na Geografia ao longo do tempo.
- Analisar alguns elementos responsáveis pelas mudanças nas concepções da Geografia.

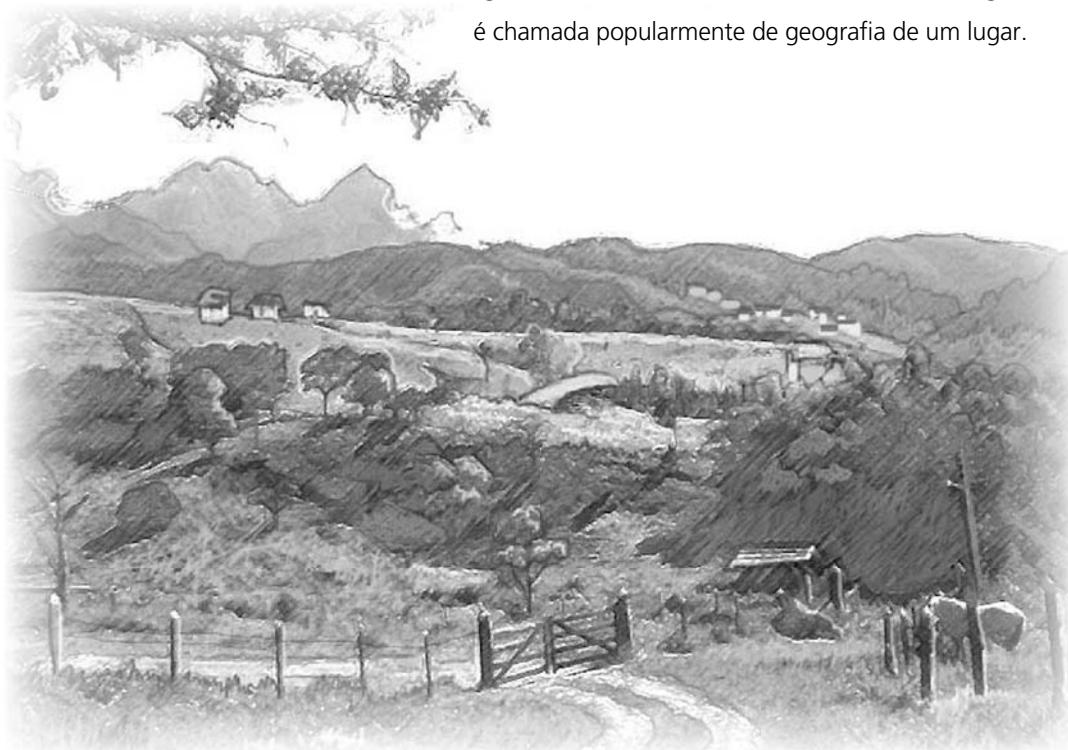
INTRODUÇÃO

Primeiramente, queremos esclarecer que esta aula é muito simples porque se propõe a, somente, introduzir você no pensar geográfico, no raciocínio geográfico. Isso só será alcançado plenamente ao final do curso. Mas, devagar, esse pensamento será construído.

Vamos começar a estudar Geografia, conhecimento muito antigo que se transformou em ciência no século XIX, a Ciência Geográfica. Todos temos uma relação com essa ciência. Por fazer parte da vida cotidiana, é muitas vezes considerada como sendo do conhecimento de todos, e muitos falam dela como um conhecimento simplório. Pode ser um estudo desinteressante ou desinteressado, dependendo de quem estuda, com que finalidade estuda e de que forma estuda.

Vamos procurar tornar o estudo da Geografia o mais útil e interessante possível. Queremos que você conheça o significado dessa ciência. Não é necessário guardar conceitos ou definições, mas procurar entender e construir sua própria definição. Se, como dissemos, ela faz parte da vida cotidiana de todos, a pergunta é: **O que é Geografia?**

Em um primeiro momento, começamos observando uma determinada paisagem. Nela podemos ver elementos da natureza – morros, vales, vegetação, rios – e podemos reparar em elementos que mostram a presença do homem – casas, animais pastando nos campos, uma estrada, uma ponte. Essa combinação, algumas vezes harmoniosa, outras vezes agressiva, é chamada popularmente de geografia de um lugar.



Lembre-se de uma paisagem que já tenha visto e de que tenha gostado. Repare na conjunção de elementos da natureza e elementos humanos.

Em uma observação mais cuidadosa, nossa preocupação é não só com o que pode ser visto, mas também com o que pode ser questionado e pensado.

Vejamos o caso de uma ponte. Ela precisou ser construída porque ali passava um rio. A fisiografia do lugar influenciou essa obra. A ponte permitiu a ligação entre dois lugares. Você deve estar se perguntando qual a importância disso para a Geografia.

Dessa forma, é uma simples constatação, não é ainda a Geografia verdadeira que queremos conhecer. A Geografia é feita e refeita todos os dias por cada um de nós.

Começo a refletir: Por quem e para que a ponte foi construída? Por que foi construída? Que operários a construíram? De onde eles vieram? Por que escolheram aquele ponto para a construção? Com a construção, a natureza precisou ser alterada? Ela trouxe benefícios para as pessoas irem para o trabalho? E para o turismo? Ela ajudou a movimentar outros setores da produção ou dos serviços? Enfim, são inúmeras as perguntas que posso fazer.

Estamos chegando ao conceito de Geografia. É mais complexo do que pensamos.

Além da observação, é preciso também pensar sobre a paisagem.

Volte àquela paisagem em que você pensou e reflita sobre ela. Saberá responder a todas as indagações anteriores?

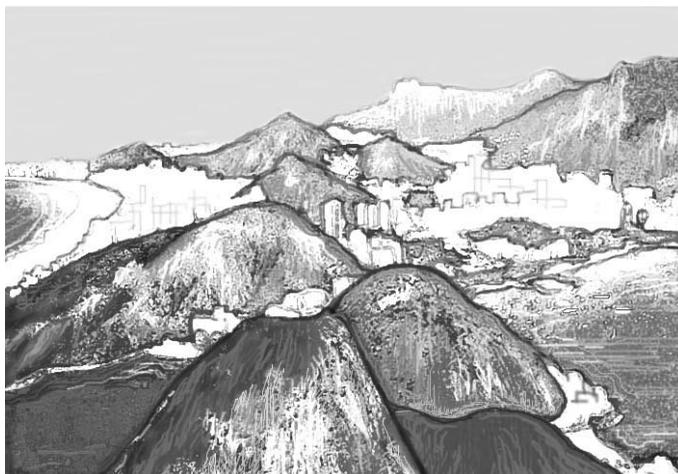
A PAISAGEM É UMA COMBINAÇÃO, NO ESPAÇO, DA NATUREZA E DA SOCIEDADE

Veja a afirmativa a seguir:

O Homem faz Geografia desde há muito tempo, e o faz sem saber.

Todos fazemos Geografia no dia-a-dia, uma vez que nos movimentamos nos espaços, modificamos esses espaços e os organizamos de acordo com nossas necessidades e interesses.

Pensando dessa forma, é mais fácil compreender por que se diz "fazer Geografia".



Mas não se preocupe em definir Geografia, procure compreender o que foi explicado e criar a sua própria definição.

O espaço geográfico resulta da relação homem-natureza através do trabalho, que é uma ação consciente pela sobrevivência e é uma prática social, pois envolve a relação homem-homem (...) é um produto histórico (...) que apresenta em cada momento as características da sociedade que o produz (SILVA, 1991, p. 135).

GEOGRAFIA

Como diz Sodré (1987), a Geografia é talvez o conhecimento mais antigo da História. Desde que as primeiras comunidades dos homens começaram a se movimentar, a se dispersar pela superfície terrestre, os acidentes geográficos passaram a ser conhecidos, apropriados e descritos para as gerações posteriores. E a curiosidade natural do Homem levou-o a se aventurar, cada vez mais, pela superfície da Terra, expandindo seu conhecimento e a necessidade de seu registro.

Foram os gregos os primeiros a sistematizar esses conhecimentos e a batizá-los como Geografia, que, **ETIMOLOGICAMENTE**, significa:

ETIMOLOGIA

Origem de uma palavra.

GEO → Terra

GRAFIA → descrição

A Grécia encontrava-se em uma posição privilegiada: ao sul da Europa, entre os mares Mediterrâneo, Negro e Egeu, bem próxima da Ásia e de frente para o litoral da África. Essa situação lhe dava a condição de ponte entre o Ocidente e o Oriente. Para ela era interessante, pois necessitava desses contatos para realizar suas trocas comerciais, além de ser uma sociedade escravagista.

Observe na **Figura 1.1** o mundo conhecido pelos gregos.



Figura 1.1

Para as necessidades desses povos bastava descrever os obstáculos que dificultavam ou facilitavam as conquistas e a movimentação das pessoas. Era suficiente apontar a existência dos morros, dos rios, das ilhas, dando a eles nomes que os identificassem. Entende-se pelas necessidades dessa sociedade observar o espaço sem o aparato científico que se conhece hoje e com um conhecimento limitado, compatível com o momento histórico.

Mas, mesmo nessa época (Antigüidade Clássica), o pensamento grego mostrava a dificuldade de se organizar um conteúdo por demais variado. Foi assim com **ERATÓSTENES**, **HIPARCO** e **PTOLOMEU**, cada um deles descrevendo ou representando a forma como concebia a Terra. Alguns eram matemáticos, outros eram astrônomos, preocupavam-se com medições para alcançar a forma e a dimensão da Terra. Percebe-se que não havia uma unidade no conhecimento geográfico. Este encontrava-se disperso, portanto, não existia a geografia com G maiúsculo, ainda não se podia falar em Ciência Geográfica. Você vai estudar o assunto nas aulas seguintes.

Assim, a Geografia atendia às necessidades daquela época. Ela descrevia a Terra.

**ERATÓSTENES
(276-196 A.C.)**

Acreditava na esfericidade da Terra e tentou calcular a circunferência terrestre medindo um arco entre Siena e Alexandria. (Figura 1.2)

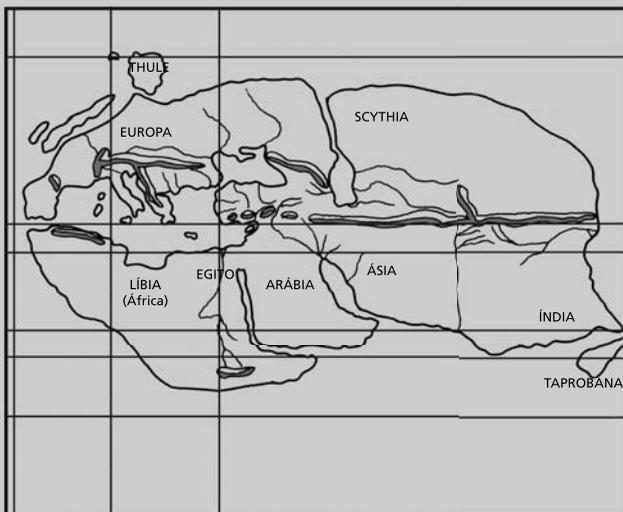


Figura 1.2: Mapa de Eratóstenes.

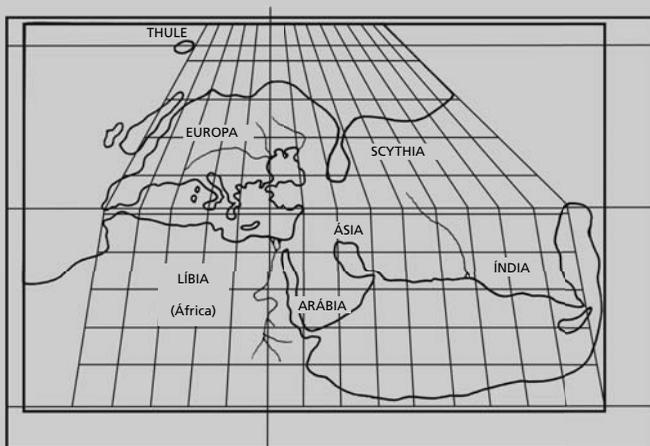


Figura 1.3: Mapa de Hiparco.

**HIPARCO
(166-126 A.C.)**

Primeiro a utilizar-se das projeções nas cartas geográficas, deu continuidade aos estudos de Eratóstenes. (Figura 1.3)

**PTOLOMEU
(90-168 D.C.)**

Descreveu a forma de projetar a esfera sobre o plano, concebeu a rede de paralelos e meridianos, construiu o primeiro mapa-múndi e o primeiro atlas. Defendeu a idéia da Terra fixa como centro do sistema. Teoria geocêntrica. (Figura 1.4)

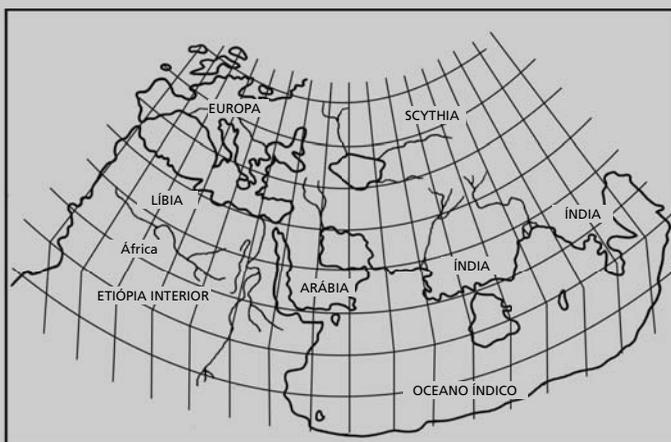


Figura 1.4: Mapa de Ptolomeu.

Os viajantes relatavam o espaço geográfico percorrido de forma diferente pois era assim que eles viam. Heródoto, considerado o Pai da História e da Geografia, e também Estrabão, descrevem o mundo conhecido e, em parte, percorrido por eles.

Vamos refletir juntos.

A noção de mundo é muito particular. Para você, o mundo é esse onde você vive e circula: trabalho, casa, escola, praça, clube, igreja... Esse mundo faz parte do seu cotidiano, e cada um tem seu mundo próprio. Os antigos gregos também tinham o “seu” mundo. Seu mundo conhecido. É bem verdade que hoje a noção de mundo está ampliada. Você não precisa se deslocar no espaço para viajar, pode assistir à televisão ou navegar pela internet, e seu mundo se amplia.

Pense um pouco no “seu mundo” aí onde você está e com o qual se identifica. Você seria capaz de descrevê-lo? Esse mundo é só seu, e só você é capaz de reconhecê-lo.

Os viajantes, como iam a outros lugares, tinham uma visão de mundo mais ampliada. Isso também aconteceu nos dias de hoje. Existem pessoas que viajam muito e por isso têm uma visão mais ampliada do que as pessoas pouco viajadas. É comum referir-se a essas pessoas com uma expressão popular: o “mundinho delas”.

É por isso que, durante vários séculos, esse conhecimento geográfico foi suficiente, refletindo o momento histórico, descrevendo o “seu mundo”.

Será que para os dias de hoje basta isso?

A descrição da Terra como tal não atende às aspirações do homem moderno. A evolução dos conhecimentos, a revolução tecnológica nos meios de transporte e de comunicação instigam o homem a buscar explicações para entender o mundo onde vive.





ATIVIDADES

1. Na Grécia antiga, como era a Geografia:

- dos astrônomos _____
- dos viajantes _____

COMENTÁRIO

Os astrônomos descreviam a Terra conhecida da forma matemática como a concebiam. Os viajantes relatavam o mundo a partir dos caminhos percorridos; logo, a visão desses pensadores apresentava resultados diferentes.

Agora, queremos que você use sua imaginação .

2. Utilizando essas palavras, monte uma frase que explique a Geografia na Antigüidade.

descrição

necessidades

mundo

COMENTÁRIO

Sabemos que a sua frase não pode ser igual à nossa. Mas você deve ter lembrado, ao construir sua idéia, que a descrição do mundo conhecido na Antigüidade bastava às necessidades e interesses do homem da época. E não basta mais para nós.

O pensamento geográfico

É preciso olhar o espaço em que vivemos com olhos que compreendam como o Homem se apropriou da natureza desse espaço, usou-o, conservou-o e o modificou.

Algumas pessoas dizem que a Geografia é:

- o estudo da superfície terrestre;
- a descrição da Terra;
- o estudo da paisagem;
- o estudo da individualidade dos lugares;
- o estudo do espaço;
- o estudo das relações do homem com o meio.

Esses são alguns pensamentos da Geografia tradicional que, atualmente, está definitivamente enterrada. Mas não vamos nos esquecer de que foi essa Geografia tradicional que nos deixou um conjunto de conhecimentos que permitiram a concretização da Ciência: a Ciência Geográfica, como você verá nas Aulas 2 e 3.

O período das grandes navegações e novas descobertas foi importante para a Geografia, uma vez que proporcionou ampliação do mundo conhecido até então. Da mesma forma, os avanços dos meios de transporte e de comunicação do mundo contemporâneo vêm possibilitando uma nova leitura geográfica do mundo, conforme você verá em outras aulas.

Observe na **Figura 1.5**, as grandes navegações e o mundo descoberto.

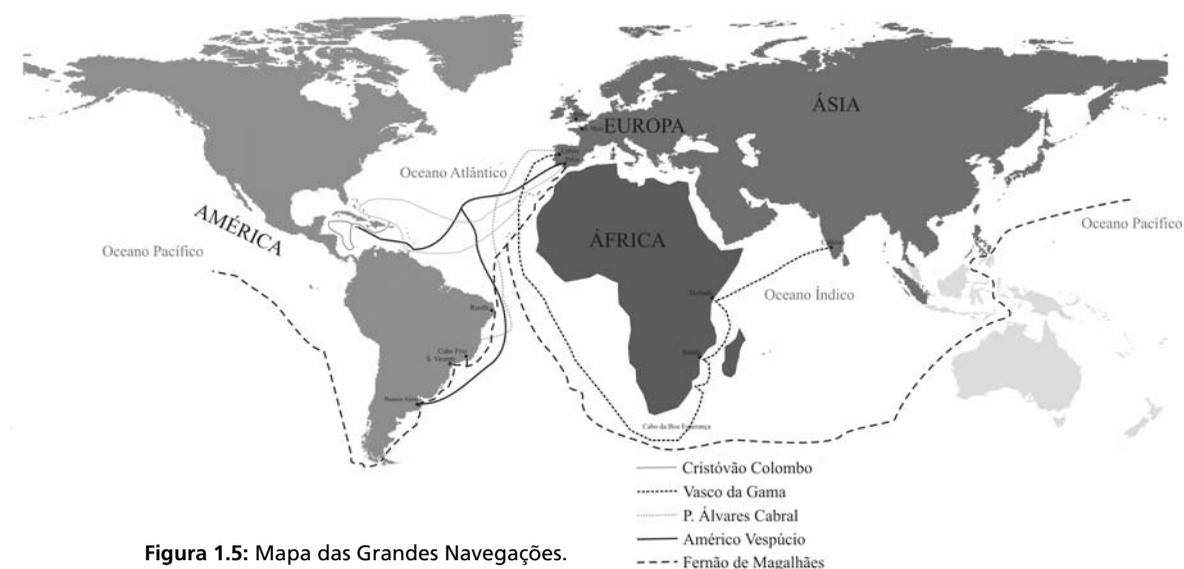


Figura 1.5: Mapa das Grandes Navegações.



ATIVIDADES

3. Como você acha que era o mundo para o homem da Grécia Antiga? (séculos IV – III a.C.) _____

3.1. Como você acha que era o mundo para o homem do século XV? _____

3.2. Como você acha que é o mundo para o homem atual? (século XXI) _____

3.3. Que razões você atribui a essas diferentes visões de mundo? _____

COMENTÁRIO

Através dos meios de comunicação e transporte, o espaço conhecido da Terra foi sendo ampliado. Inicialmente, os gregos conheciam uma área muito pequena do mundo. No século XV, a invenção da bússola, dos instrumentos de navegação, das caravelas marcou o período das navegações e descobertas de outras partes do mundo (a América foi descoberta, a África foi circundada e a Ásia foi ocupada). Atualmente, todas as regiões do planeta já são conhecidas, graças às viagens feitas por cientistas – seja por terra, por mar ou pelo ar – além de utilizarem radares, satélites e sensoriamento remoto que fotografam todo o planeta. Ainda através dos meios de comunicação – o rádio, a televisão e a internet –, que conseguem divulgar as informações de forma simultâneo em toda a Terra, essa ampliação do conhecimento permitiu uma nova visão e representação do mundo.

Na Geografia, a concepção de mundo dos cientistas decorre do posicionamento social e/ou engajamento político. Assim, as várias formas de análise histórica, a concepção de classes sociais e a visão ideológica levaram às várias correntes do movimento de renovação da Geografia.

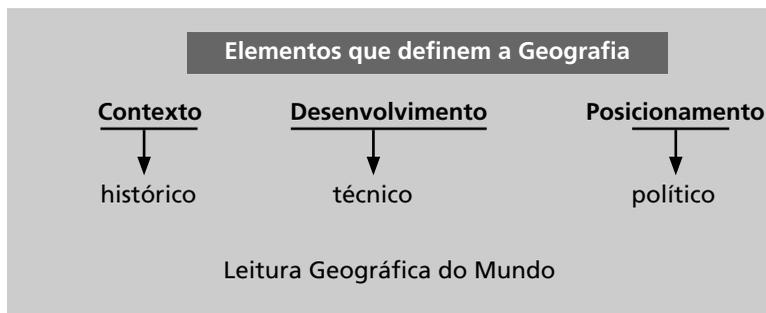
Essa ciência geográfica surgida no século XIX renovou-se no século XX.

Essa é a Geografia, fruto das condições históricas atuais.

Não se preocupe em defini-la. Procure somente entender.

Observe o quadro síntese abaixo. Ele apresenta as condições necessárias para se fazer uma leitura em Geografia.

Quadro 1.1

**ATIVIDADE**

4. Qual a diferença entre a Geografia surgida na Grécia e a Geografia que se faz hoje?

COMENTÁRIO

Sabemos que a Geografia surgida na Grécia era resultado dos relatos de viajantes ou dos estudos de matemáticos e astrônomos. Preocupavam-se em descrever o mundo conhecido por eles. Atualmente, a descrição não atende mais aos interesses do homem, que já tem conhecimentos mais amplos e sabe que a organização dos espaços implica o conhecimento das relações sociais, políticas e ideológicas.

O pensamento geográfico vivencia na atualidade um amplo processo de renovação. Rompe-se com as descrições áridas, com as exaustivas enumerações, enfim, com aquele sentimento de inutilidade que se tem ao decorar todos os afluentes da margem esquerda do rio Amazonas (MORAES, 1986, p. 128).

RESUMO

- A importância da Geografia está em saber ler o espaço que se quer compreender.
- A Geografia que se faz hoje não é a mesma surgida na Grécia Antiga.
- As mudanças no modo de ver a Geografia foram resultado da evolução dos conhecimentos do homem.
- A escola precisa se readaptar à nova visão da Geografia.

ATIVIDADES FINAIS

1. Você acha que uma aula centrada na memorização de lugares e fenômenos é uma aula de Geografia?

COMENTÁRIO

Uma aula de Geografia deve desenvolver no aluno a capacidade de pensar o espaço conhecido por ele para compreendê-lo, organizá-lo, defendê-lo e modificá-lo. A memorização não tem mais sentido nos dias de hoje porque existem muitas outras formas de se obter informações sem precisar decorá-las.

2. Por que o ato de localizar acidentes geográficos em um mapa não caracteriza o aprendizado da Geografia?

COMENTÁRIO

O mapa representa o espaço. Se não for feita uma leitura correta, é um mero desenho artístico. Essa leitura implica o conhecimento da linguagem cartográfica: da legenda, da escala e da projeção, sem esquecer do momento histórico em que foi elaborado e também da visão do autor, que está implícita no mapa. Isso será assunto para as próximas aulas. Portanto, qualquer marcação com intuito somente de localização atende ao objetivo de descrever o espaço, o que queremos evitar.

AUTO-AVALIAÇÃO

Pense na aula que leu e veja se alcançou nossos objetivos.

Você conseguiu desfazer sua idéia de Geografia? Compreendeu a relação da Geografia com a nossa vida, considerando que ocupamos um espaço e que a Geografia se preocupa com o entendimento desse espaço?

Se você compreendeu isso, já está no caminho para a Geografia renovada. Mas, se conseguiu compreender que os espaços se alteraram ao longo do tempo devido ao aumento dos conhecimentos do homem, compreendeu por que a Geografia também se alterou. Você saberia relatar alguns fatores responsáveis por essa mudança?

Concorda que a Geografia na escola precisa se reestruturar em função dessas modificações no modo de pensar o mundo?

Se você dominou esse assunto, está pronto a continuar a ver a Geografia.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula dará continuidade ao conhecimento de Geografia, identificando as características do pensamento geográfico e reconhecendo o processo histórico em que isso aconteceu.

As origens e pressupostos da Geografia

AULA 2

Meta da aula

Situar o aluno quanto às origens e pressupostos do pensamento geográfico, apontando para a aula seguinte, sobre as principais correntes da Geografia.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar as principais características do pensamento geográfico anterior ao processo de sua sistematização.
- Compreender o contexto histórico que forneceu as condições para a sistematização do pensamento geográfico.

Pré-requisito

Para facilitar a compreensão desta aula, é importante que você releia a Aula 1.

INTRODUÇÃO

Uma vez feito um contato prévio com a Geografia na Aula 1 – o que é, quais são seus fundamentos básicos e o que se pode tirar dela –, passemos à compreensão de suas origens e pressupostos.

Nesta aula é importante que você compreenda que o saber geográfico esteve disperso durante muitos séculos. Em obras de vários pensadores, a maior parte deles filósofos, havia muitas questões de ordem geográfica, mas nenhum deles foi um geógrafo tal qual concebemos hoje.

É importante, também, saber quais as características do saber geográfico daquele período, ou seja, entender os seus pressupostos.

Por fim, desejamos que você compreenda as condições que favoreceram a sistematização do saber geográfico, o que lhe garantiu uma unidade e o que foi fundamental para sua institucionalização como disciplina acadêmica. Mas isso veremos na aula seguinte.

No decorrer desta aula, procure não se prender muito a nomes, especialmente aos nomes dos filósofos citados. Eles são apenas referências para que possamos compreender melhor o período sobre o qual falarmos. Mas não deixe de matar sua curiosidade, caso as idéias de algum deles lhe interessem. Faça pesquisas na internet, em bibliotecas, e procure saber mais a respeito. Mas lembre-se sempre: isso não será, aqui, o mais importante.

O que interessa mesmo nesta aula é a compreensão do que caracterizou o saber geográfico ao longo do tempo.

Cabe considerar, por fim, que não é de nosso interesse que você seja um expert no assunto. Nossa proposta aqui é que você adquira referências básicas sobre a Geografia, de modo que isso possa lhe auxiliar na prática pedagógica. Para tanto, gostaríamos que fizesse, durante a leitura, o seguinte exercício: questione cada frase, cada parágrafo, a partir das seguintes perguntas: como o saber geográfico evoluiu? O que essas mudanças representam?

AS ORIGENS DA GEOGRAFIA

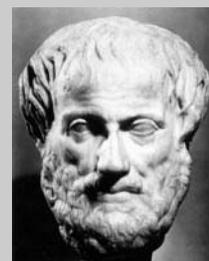
A Geografia como saber, como pudemos ver na aula anterior, tem suas origens ainda na Antigüidade clássica, cujo legado maior é atribuído aos gregos. De acordo com Lencioni (1999), a expansão geográfica dos gregos, que ocorreu entre 1200 e 600 a.C., foi um fator importante para que temas geográficos se desenvolvessem entre os gregos. Como afirma a autora, “a ampliação geográfica do mundo se colocou como uma necessidade prática em face das atividades de comércio e de colonização que desenvolviam” (p. 36).

Ao longo da história, no entanto, foram inúmeras as formas de elaboração e explicitação do saber geográfico, bem como do uso do termo *geografia*.

Como vimos na aula anterior, alguns pensadores da Antigüidade privilegiaram a medição do espaço e a discussão da forma da Terra. Heródoto, por sua vez, interessava-se pela descrição dos lugares numa perspectiva regional, ou seja, a diferenciação entre as áreas a partir da caracterização de suas singularidades.

Muitos outros autores, embora não utilizassem o termo *geografia*, tratavam de questões fundamentalmente geográficas, como foi o caso do filósofo **ARISTÓTELES**. Ele tratou, por exemplo, da idéia de lugar em sua *Física*, da discussão homem-natureza em sua *Política* e ainda de descrições regionais em sua *Meteorologia*. Aristóteles, no entanto, como salienta Moraes (1997), não articulou essas discussões, distanciando-se um pouco da idéia de geografia tal qual a concebemos modernamente. A Geografia Moderna busca articular todos os componentes relativos ao espaço, dentre os quais o homem, a natureza e as diferenças entre lugares e regiões, identificando suas diversas influências e correlações.

O que ocorre é que o pensamento geográfico desde a Antigüidade clássica até fins do século XVIII se apresentou de forma dispersa. Não há uma Geografia com “G” maiúsculo. Assim, a idéia do que era a geografia variava de autor para autor, de obra para obra, não havendo, portanto, uma unidade desse saber.



ARISTÓTELES
(384-322 A.C.)

Foi um dos filósofos mais influentes da filosofia ocidental.

Em síntese, como afirma Moraes (1997),

até o final do século XVIII, não é possível falar de conhecimento geográfico com algo padronizado, com um mínimo que seja de unidade temática, e de continuidade nas formulações (...). Na verdade, trata-se de todo um período de dispersão do conhecimento geográfico onde é impossível falar dessa disciplina como um todo sistematizado e particularizado (pp. 35-34).

Só que mais do que a dispersão do conhecimento geográfico, esse período que antecede a sistematização da Geografia é marcado por uma concepção estática da sociedade e, portanto, a-histórica, não levando em conta as transformações empreendidas pelo homem e as mudanças, tanto na natureza quanto na sociedade. A abordagem era essencialmente descritiva e parecia haver, na interpretação dos lugares e povos, um certo imperativo da história natural sobre a história social, ou seja, a natureza, em última instância, foi o que determinou o curso da História. Nesse caso, era bastante comum associar as diferenças entre os povos a partir das condições climáticas a que estavam submetidos. Referindo-se à obra de Hipócrates, Lencioni (1999) afirma que:

Hipócrates acreditava que a diversidade de tipos humanos era decorrente das condições naturais dos lugares. Para ele, a fertilidade do solo estaria relacionada diretamente à indolência dos homens percebida nas regiões mais férteis, tendo em vista as facilidades em se obter os meios de vida; enquanto que, sob condições naturais mais adversas, os homens seriam mais dispostos ao trabalho, como exigência da própria sobrevivência (p. 40).

Observe que a abordagem de Hipócrates, como revelou Lencioni, estava muito centrada na idéia de que o meio influencia o homem.

Ora, que tipo de conclusão se pode tirar quando se afirma que o meio natural determina a vida do homem? Não responda agora. Perceba, no entanto, que o discurso geográfico pode sustentar determinados interesses. Afinal, com um argumento desses pode-se facilmente afirmar que um povo é menos civilizado que outro por causa de suas influências naturais. Não é à toa que muitos autores, estudiosos da Geografia, dirão que existiu, durante algum tempo, uma geografia colonialista ou ainda uma geografia imperialista. Mas isso é assunto para a nossa próxima aula.

Antes, vamos fazer uma breve recapitulação das questões até aqui levantadas e avançar mais um pouco, em direção ao processo de sistematização do saber geográfico.

Recapitulando, para você se sentir mais seguro com relação ao que foi abordado até aqui:

- 1 – Resgatando a nossa primeira aula, percebemos que existe um saber geográfico inserido em nossas ações e formas de conceber o mundo. Foi a partir disso que muitos pensadores da Antigüidade, – astrônomos, filósofos, matemáticos –, começaram a fazer uma interpretação **geográfica do mundo**.
- 2 – Vimos que essa interpretação geográfica do mundo não obedecia a um critério, ou seja, não levava em conta variáveis comuns. Ora estudava-se a forma da Terra, ora os tipos climáticos. Esse saber ainda era disperso.



ATIVIDADES

1. O que você considera um saber disperso? Será que poderia dar um exemplo parecido com o que foi apresentado em relação ao saber geográfico?

COMENTÁRIO

As atividades se propõem permitir que você assimile a idéia central da aula. Para tanto, estamos querendo, em primeiro lugar, que você mostre o que entendeu por saber disperso. Seria muito ruim avançar sem que se tenha uma noção básica do que é isso. A expressão “saber disperso” é algo fácil de explicar, mas nossa preocupação é saber se realmente você assimilou a idéia. O que interessa é saber se você foi capaz de estabelecer uma correlação entre distintas formas de concepção e abordagem de questões de ordem geográfica – como o clima, a sociedade e as diferenças entre os lugares – e o fato de essas concepções não encontrarem um lugar comum, um porto seguro onde pudessem se reunir.

2. Estabeleça uma correlação entre as condições técnicas para o conhecimento do mundo dois milênios atrás e as condições oferecidas hoje. Depois, procure refletir sobre as distintas formas de interpretação geográfica do mundo ao longo da História.

COMENTÁRIO

A outra reflexão proposta apresenta-se como uma extensão da primeira. Agora, queremos que você estabeleça uma correlação entre as interpretações do mundo a partir das condições técnicas existentes para isso. É importante, nessa resposta, que pense, por exemplo, que a visão de mundo dos gregos antigos estava atrelada às possibilidades técnicas de seu conhecimento. Seu mundo limitava-se ao circuito Mediterrâneo-Ásia. Na época dos grandes descobrimentos, todavia, com a utilização de grandes embarcações e novos instrumentos de observação das estrelas, foi possível conhecer novos lugares e ampliar a visão do que era o mundo, o que acabou provocando mudanças na própria sociedade. Atualmente, temos uma visão ainda maior de mundo, rica em detalhes, de acordo com o instrumental disponível. As distâncias encurtaram, e é possível comunicar-se instantaneamente com pessoas a milhares de quilômetros de distância – algo impensável há alguns séculos. Tudo isso acabou se reproduzindo na Geografia. Portanto, quando falamos de dispersão do pensamento geográfico na primeira atividade, e de correlação entre as condições técnicas e o que se diz do mundo, queremos mostrar que as condições históricas forneceram, aos poucos, as condições ideais para a sistematização do pensamento geográfico.

A seguir, veremos como foi se dando a sistematização do saber geográfico, ou seja, vamos ver como aquele saber, antes disperso, foi ganhando corpo.

AS CONDIÇÕES PARA A SISTEMATIZAÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO

Todo aquele saber geográfico disperso de que falamos anteriormente começa a ser reunido – ou melhor, sistematizado – entre os séculos XVIII e XIX.

A sistematização do pensamento geográfico só ocorreu no século XIX, em função de um conjunto de condições históricas associadas ao processo de avanço do capitalismo e da própria evolução do pensamento, dado, sobretudo, em função de novas filosofias e formas de interpretação do mundo. Essas condições históricas estão intimamente ligadas e correspondem, em última instância, à conformação de uma nova ordem social, econômica, cultural e política, associadas à expansão do capitalismo e sua fase imperialista.

Dessas condições históricas referidas anteriormente, Moraes (1997) assinalará alguns pressupostos que favoreceram a formação da Geografia como um saber sistematizado. São eles:

- A ampliação do conhecimento do mundo propiciada pela expansão marítima européia.
- A produção de inventários sobre os lugares realizados em expedições exploratórias e científicas.
- A melhoria das técnicas de navegação e, por conseguinte, uma melhora gradual das técnicas cartográficas.
- As correntes filosóficas do século XVIII, que valorizaram a explicação racional do mundo, e com isso, valorizaram temas geográficos, especialmente ligados à natureza e seus fenômenos.



- A formação dos estados nacionais e a necessidade de racionalizar a gestão do território, população e recursos naturais.
- As teorias evolucionistas, que colocaram em discussão a relação entre natureza e sociedade, buscando identificar os efeitos da natureza sobre a sociedade.

Desta forma, com a expansão marítima europeia e a ampliação do conhecimento do mundo, bem como com o desenvolvimento de novas técnicas de navegação, foi possível alcançar lugares desconhecidos ou aos quais só se chegava por terra, como no caso da Índia. Isso não só ampliou o conhecimento do mundo como foi tornando as distâncias menores, já que se levava menos tempo para se ir de um lugar a outro.

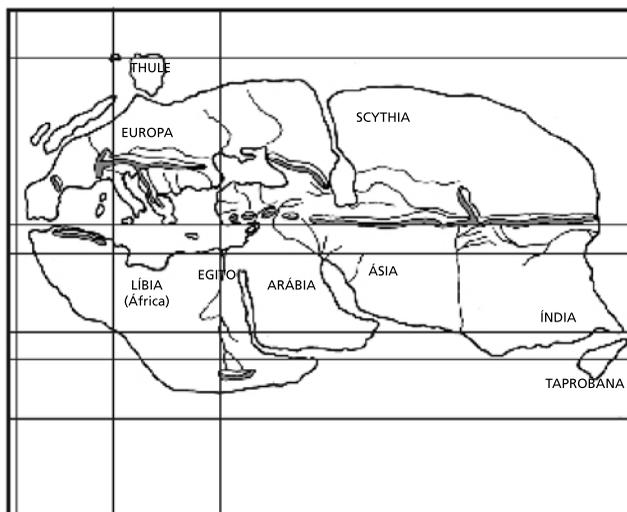


Figura 2.1: A Terra segundo o filósofo grego Eratóstenes – uma ilustração da visão de mundo da Antiguidade clássica.



Figura 2.2: A expansão marítima proporcionou aos europeus uma ampliação de sua visão de mundo.

Ao mesmo tempo, o repertório de informações sobre variados lugares da Terra, que começavam a ser mais conhecidos, possibilitou a formação de uma base empírica a partir da qual se pôde regionalizar o mundo pelas diferentes características dos lugares. Esse processo se deu no âmbito da própria expansão marítima européia, mas ligou-se, mais especificamente, à conquista de novos territórios e à necessidade de se levantar tudo o que neles havia. A carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel, sobre a chegada ao Brasil, é um exemplo ilustrativo do que estamos falando. Vejamos um trecho dela:

“...Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem...”

Já no final do século XIX surgem as primeiras sociedades geográficas – a exemplo da National Geographic Society, fundada em 1888 –, que tinham por objetivo realizar e estimular expedições científicas e a sistematização das informações coletadas.



Figura 2.3: Emblema da National Geographic Society. Fundada em 1888, existe até hoje e é mundialmente conhecida pela revista *National Geographic*.

Igualmente, um conjunto de mudanças no que se refere à percepção do mundo e à interpretação da sociedade e da natureza acabou por abordar de forma mais recorrente temas ligados à Geografia, valorizando-os e legitimando-os. Pode-se mesmo dizer que essas mudanças são resultado direto das transformações pelas quais o mundo passou a partir da expansão marítima europeia e da expansão do capitalismo.

Essas mudanças, no entanto, não poderiam encontrar melhor circunstância histórica mais favorável que o Imperialismo, quando os países europeus avançaram em busca da dominação de novas áreas, fruto de uma nova fase de expansão do capitalismo. É o que veremos na aula seguinte, pois a partir daí a Geografia se tornou uma disciplina de *status* acadêmico, uma disciplina que, em sua origem “oficial”, estava atrelada aos interesses imperialistas europeus.

RESUMO

Alguns fatores favoreceram a sistematização da Geografia.

Primeiro, a expansão marítima européia e a ampliação do conhecimento do mundo.

Segundo, inventários realizados por viajantes e cientistas, que reuniram uma série de descrições sobre diferentes lugares e suas principais características.

Terceiro, o desenvolvimento do conhecimento técnico, sobretudo no campo da cartografia, que facilitou, inclusive, a expansão marítima.

Por fim, mas não menos importante, pode-se considerar as mudanças na forma de pensar e interpretar o mundo, a sociedade, a natureza, que se fez presente, especialmente, na filosofia.

ATIVIDADE FINAL

Procure agora visualizar esses pressupostos a partir de exemplos concretos. Você poderia escrever um pequeno texto a partir dos itens apresentados anteriormente?

COMENTÁRIO

Lembre-se de que seu texto deve articular as questões apresentadas. Você pode tomar a expansão marítima européia como ponto de partida. As grandes navegações demandavam os recursos técnicos de navegação mais avançados da época. A cada novo território "descoberto", realizava-se um inventário de suas riquezas. A ampliação do conhecimento do mundo fez com que velhos mitos desaparecessem e surgissem outros, como a idéia do bom selvagem, relacionada aos índios, ou ainda aos seres inferiores, relacionadas aos africanos. Visões que certamente tinham um viés ideológico, pois sustentavam a dominação de um povo sobre outro. E então, será que você já sabe sobre o que escrever?

AUTO-AVALIAÇÃO

Retomando os objetivos desta aula, faça uma análise:

Eu consegui entender o que é saber disperso?

Eu consegui compreender que, durante muitos séculos, o saber geográfico estava disperso?

Eu entendi que as conjunturas históricas associadas ao desenvolvimento técnico permitiram uma ampliação da visão de mundo e contribuíram para a sistematização do saber geográfico?

Caso tenha respondido “sim” a todas as perguntas, considere-se preparado para o passo seguinte, a Aula 3, que irá tratar do surgimento da Geografia como disciplina acadêmica e das suas principais correntes teóricas.

Não se prenda apenas ao texto desta aula. Busque mais! Consulte a bibliografia utilizada nesta aula, que poderá ajudar você a avançar!

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Nossa próxima aula se baseará em dois pontos: primeiro, falaremos da sistematização do saber geográfico e da instituição da Geografia como um saber acadêmico. Depois, identificaremos quais foram as características marcantes da Geografia em sua fase tradicional.

As principais correntes da Geografia – Parte I – A Geografia Tradicional

AULA 3

Meta da aula

Apresentar a sistematização e conformação de um corpo acadêmico à Geografia, seus autores e suas idéias.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Situar o contexto histórico da institucionalização da Geografia.
- Identificar os pressupostos das principais correntes da Geografia Tradicional e seus autores.

Pré-requisito

Para que você tenha mais facilidade na compreensão desta aula, é importante rever as Aulas 1 e 2.

INTRODUÇÃO

POSITIVISMO

É uma doutrina filosófica surgida no século XIX, com Auguste Comte. Para Comte, a mais elevada forma de conhecimento é aquela associada à descrição dos fenômenos sensoriais. Neste caso, há uma valorização da abordagem empirista. Para Comte, há três estágios nas crenças humanas: o teológico, o metafísico e o positivo. O estágio positivo é para ele a verdadeira ciência, visto que se baseia naquilo que é positivamente dado, em especulações de ordem idealista, como ocorre na abordagem teológica e metafísica. No século XIX, as idéias positivistas associam-se à teoria evolucionista e às formas de interpretação de base naturalista da sociedade. De acordo com Japiassu & Marcondes (1996), de uma forma mais ampla, o termo positivismo também designa várias outras doutrinas filosóficas do século XIX, que tinham como característica comum a valorização de um método empirista e quantitativo, a defesa da experiência sensível como fonte principal do conhecimento, a hostilidade em relação ao idealismo e a consideração das ciências empírico-formais como paradigmas de cientificidade e modelos para as demais ciências.

Nesta aula, tomaremos contato com o processo de sistematização da Geografia como uma disciplina acadêmica. Isso ocorre em fins do século XIX. Cabe considerar, no entanto, que esse momento não deve ser visto como o nascimento da Geografia (QUAINI, 1992). Trata-se apenas de um recorte, que ganhou, na interpretação dos estudiosos da história do pensamento geográfico, um relevo especial, por representar um momento em que a Geografia deixa de ser um saber disperso e passa a figurar como uma disciplina acadêmica, assumindo, com isso, um *corpo*, uma unidade em torno de algumas referências teórico-metodológicas.

Na realidade, como bem pudemos observar na Aula 1, existem várias *geografias*. A leitura geográfica do mundo não se limita à Geografia da escola ou da universidade. Igualmente, mesmo na universidade, encontram-se variadas concepções de Geografia, o que torna a questão ainda mais complexa.

No entendimento de que é importante para o aprimoramento de sua prática profissional um contato mais íntimo com a Geografia, procuraremos apresentar, nesta aula e na próxima, as principais vertentes da Geografia, a partir do recorte da Geografia Tradicional e da Renovação Crítica da Geografia. Não nos preocuparemos aqui com os pormenores que permeiam o debate acadêmico em torno da história do pensamento geográfico e de seus pressupostos teórico-metodológicos. Nossa base de abordagem será partir do mais simples, sugerindo sempre que você busque um aprofundamento. No mais, fica o convite para um curso de Geografia, quando essas questões são mais aprofundadas visando à própria formação do geógrafo.

No decorrer da leitura lembre-se de que o mais importante nesta aula é que você compreenda os pressupostos básicos da Geografia Tradicional. Eles serão importantes para a reflexão de nossa próxima aula, já que a renovação crítica da Geografia sustentou-se na ruptura com os princípios da Geografia Tradicional.

Nossa abordagem da Geografia Tradicional se dará em torno do que Quaini (1992) classificou como Geografia Humana **POSITIVISTA**.

Na aula anterior tomamos contato com uma breve apresentação da trajetória percorrida pelo pensamento geográfico. Vimos que ele surge na Grécia Antiga e que atravessa os séculos mantendo-se disperso, ou seja, sem que estivesse reunido em torno de uma disciplina que lhe desse corpo.

Como afirmamos no final da aula anterior, no decorrer do século XIX, aquele saber disperso começou a ganhar forma, sendo gradativamente sistematizado. Nesse processo pode-se atribuir um papel central a dois geógrafos: Alexandre Van Humboldt e Karl Ritter, que eram ligados à aristocracia prussiana. Esse fato é importante para melhor compreendermos o contexto em que o pensamento geográfico é sistematizado.

Na época de Humboldt e Ritter, a Alemanha ainda não era um Estado-Nação constituído. No século XVIII, a Alemanha que conhecemos hoje ainda não possuía uma unidade político-territorial. Havia algumas referências comuns no campo da cultura que conferiam alguma unidade àquele aglomerado de feudos.



A penetração do capitalismo naquele país se deu tardiamente e, mesmo assim, não provocou grandes mudanças na estrutura produtiva. Os grandes latifúndios se mantiveram, e com eles as relações de trabalho baseadas na servidão. Igualmente, o comércio interno não se desenvolveu, sobretudo porque, com a estrutura agrária mantida, havia pouco espaço para as trocas comerciais entre feudos devido às barreiras alfandegárias existentes entre eles. Só para ilustrar, é como se cada feudo fosse um pequeno país autônomo. Cada um exportava o que produzia e atendia suas demandas com outras mercadorias.

Dadas essas circunstâncias, não houve oportunidade para que a burguesia ganhasse espaço na Alemanha. A idéia de uma unidade nacional só surgiu naquele país como uma resposta ao **expansionismo napoleônico**.

Com o bloqueio continental imposto por Napoleão, a Alemanha passa a ter um crescimento industrial muito grande. É forçada a se industrializar como resposta às suas demandas internas, agora reprimidas pelo isolamento. E como forma de assegurar esse crescimento, as classes dominantes alemãs propõem medidas que visem à unificação. Assim, em 1815, é dado um primeiro passo nessa direção, com a Confederação Germânica, que previa o fim – dos impostos aduaneiros entre os feudos membros como meio de fortalecer os laços comerciais entre eles.

É esse o cenário da sistematização da Geografia. Imagine um país em formação, com uma grande diversidade interna, quando questões como o controle e a gestão do território e dos recursos naturais estão na pauta de preocupações das classes dominantes. Bom, esses temas são bastante geográficos, não?

Vamos lembrar um pouco da História para que esse contexto de que estamos falando fique mais compreensível. Leia o boxe a seguir, sobre o império napoleônico.

O IMPÉRIO NAPOLEÔNICO

Napoleão Bonaparte iniciou sua carreira militar apoiando a Revolução Francesa (1789). Com o passar dos anos, foi galgando importantes postos militares até chegar, em 1799, ao cargo de 1º cônsul, período em que conseguiu organizar, política e administrativamente, o país. Em 1804, transformou-se em Napoleão I, imperador da França.

Para garantir mercado para a indústria francesa, para a exportação de seus produtos e obtenção de matéria-prima, iniciou um processo de expansão e dominação por toda a Europa. O império napoleônico que surgiu era formado pelos territórios anexados à França, outros governados por parentes e outros considerados como protetorados. Esse império sofreu forte oposição da Inglaterra, que tinha interesses expansionistas semelhantes.

O poder da esquadra inglesa no mar sempre foi conhecido, e a Inglaterra, em uma batalha naval, derrotou a França e suas pretensões. Em 1806, Napoleão declarou um bloqueio econômico contra as Ilhas Britânicas, de modo que nenhum país europeu poderia negociar com a Inglaterra. Esse bloqueio continental criou uma série de problemas na Europa e favoreceu o contrabando de mercadorias.

HUMBOLDT E RITTER E A SISTEMATIZAÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO

Humboldt e Ritter, como mencionamos anteriormente, possuíam uma estreita ligação com a aristocracia alemã. Eles ocuparam altos cargos universitários e tiveram um papel importante no estabelecimento de bases analíticas que atendessem às demandas do nascente Estado alemão. Como dissemos, essas demandas perpassavam especialmente pela questão do controle e da gestão do território e seus recursos.

Humboldt se interessava por temas ligados à Geologia e à Botânica. Por ser naturalista, privilegiava, em sua análise, a natureza e os sistemas naturais. Para ele, a Geografia era uma ciência de síntese dos conhecimentos relativos à terra.



Ritter, por sua vez, de formação humanista, era filósofo e historiador. Valorizou a relação homem-natureza em suas análises, ao mesmo tempo que buscava interpretar a diferença entre os lugares.

Apesar das diferenças em suas formações, esses autores tiveram um papel fundamental ao sistematizar o pensamento geográfico, conferindo à Geografia um corpo, dando-lhe, nas palavras de Moraes (1997), uma “cidadania acadêmica”. Agora, a Geografia era uma disciplina universitária.

Nesse sentido, as idéias de Humboldt e Ritter – síntese dos conhecimentos da Terra, diferenciação entre os lugares e relação homem-natureza – se tornaram a base sobre a qual se construiria a chamada Geografia Tradicional, que tem em dois autores, Fredrich Ratzel e Vidal de La Blache, seus fundadores e maiores expoentes.

Para tanto, adotaremos como base o recorte que Massimo Quaini (1992), geógrafo italiano, descreve em seu livro *A construção da Geografia Humana*, segundo o qual a Geografia que se segue a partir de sua sistematização por Humboldt e Ritter se baseia em princípios positivistas. Assim, sugere três fases da Geografia Humana positivista: a fase determinista, a fase possibilista e a fase de superação definitiva do ecologismo.

Assim, tomaremos um breve contato com as idéias de autores que consideramos fundamentais para a compreensão dessa etapa da Geografia: Ratzel e La Blache como fundadores e mais influentes autores da Geografia Tradicional. Ao final desta aula falaremos brevemente de Lucien Febvre, que embora não fosse geógrafo – era historiador – teve um papel importante, ainda no âmbito da Geografia Tradicional, para a ruptura com a abordagem ecologista na Geografia.

RATZEL E A GEOGRAFIA DETERMINISTA

A Geografia **DETERMINISTA** foi uma corrente da Geografia Tradicional segundo a qual as sociedades eram vistas como um produto das condições naturais às quais estavam submetidas. Baseando-se em preceitos deterministas – de causa e efeito e de determinações externas – o clima, a altitude e outras características geográficas eram fatores que influenciavam a evolução das sociedades.

O determinismo geográfico teve no geógrafo alemão Friedrich **RATZEL** o seu maior expoente. Ele, no entanto, foi muito mais que fundador e expoente maior dessa escola, sendo considerado o “pai” da Geografia Moderna. Sua *Antropogeografia*, publicada em 1882, é considerada a obra que funda a Geografia Humana. Nela Ratzel define a Geografia como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre o homem.

Influenciado pelas idéias positivistas e evolucionistas de sua época, e com base, sobretudo, nos preconceitos das ciências naturais, em especial a Biologia, Ratzel afirmava que os processos humanos, sociais e culturais dependiam do espaço em que se localizava uma dada sociedade. Na época de Ratzel, além do forte peso que o evolucionismo tinha, havia uma preocupação dos positivistas quanto à objetividade da ciência.



FRIEDRICH RATZEL
(1844-1904)

Geógrafo alemão, considerado o fundador da Geografia Humana. Autor de *Antropogeografia*, defendia uma abordagem determinista nos estudos geográficos. A Geografia de Ratzel serviu aos interesses imperialistas alemães.

DETERMINISMO

Determinismo? O que é isso?

Será que você se fez essa pergunta? O que você acha que é determinismo?

Bom, uma coisa é certa, tem alguma coisa a ver com determinação, ou coisa do tipo, não é mesmo?

Pois bem, determinismo é uma forma de interpretação dos fenômenos segundo a qual um elemento é determinante sobre o outro, ou melhor, é quando há uma relação de causa e efeito. Exemplo: o urso-polar é branco para se disfarçar na neve. Uma determinação das condições naturais sobre a penugem deste animal. Igualmente, sua espessa camada de gordura tem a função de protegê-lo das baixíssimas temperaturas de seu hábitat. Certamente não veríamos um urso-polar vivendo no sertão nordestino, certo? Pois bem, essa explicação se aplica muito ao mundo natural, em que há um condicionamento das espécies – naturais e vegetais – às condições climáticas. Mas, e se disséssemos que os europeus são mais calmos por causa de seu clima, ou ainda que os latinos são mais agitados por causa da proximidade à linha do Equador? Isso estaria correto? Bom, alguns podem até argumentar que sim, mas na verdade, não existe uma correlação direta, ou você, latino – americano, acha que todos somos iguais, só por estarmos abaixo do Equador?



Será que o clima influencia o comportamento das pessoas?

Olha, está claro para a gente que esse tipo de argumento não tem muito fundamento, não é? Pois é, acontece que, durante algum tempo, muitos autores sustentaram teses deterministas afirmando, por exemplo, que o clima ditava não apenas o comportamento dos homens, mas também a sua condição histórica, econômica, cultural e social. E você sabe em que contexto esse tipo de argumentação ganhou mais força? Se você respondeu o período imperialista, respondeu corretamente.

Mas é preciso considerar que devemos ter um certo cuidado quando falamos assim do determinismo, já que, como afirma Gomes (1997), “o desafio maior da ciência é de encontrar as associações objetivas entre todos os fatos, para chegar a uma explicação geral” (p. 176). O determinismo, portanto, está presente na própria ciência, na medida em que essa, na busca pela explicação racional do mundo, busca correlacionar de forma objetiva os fenômenos.

Para tanto, utilizavam-se referências das ciências naturais para explicar os processos sociais. Assim, era comum, por exemplo, o uso de termos como “organismo social”.

Vamos agora entender um pouco melhor o contexto histórico em que a Geografia Determinista surge.

Estamos em pleno século XIX. A Alemanha já é um Estado-Nação constituído. Acompanha-se o processo de expansão imperialista dos países europeus ocidentais. A Alemanha, por ter se constituído como Estado-Nação bem depois dos outros, fica um pouco para trás nessa “corrida”. Mesmo assim, o ímpeto conquistador dos alemães empurra seus limites para o continente africano, colonizando algumas áreas, como ilustra o mapa a seguir (Figura 3.1):

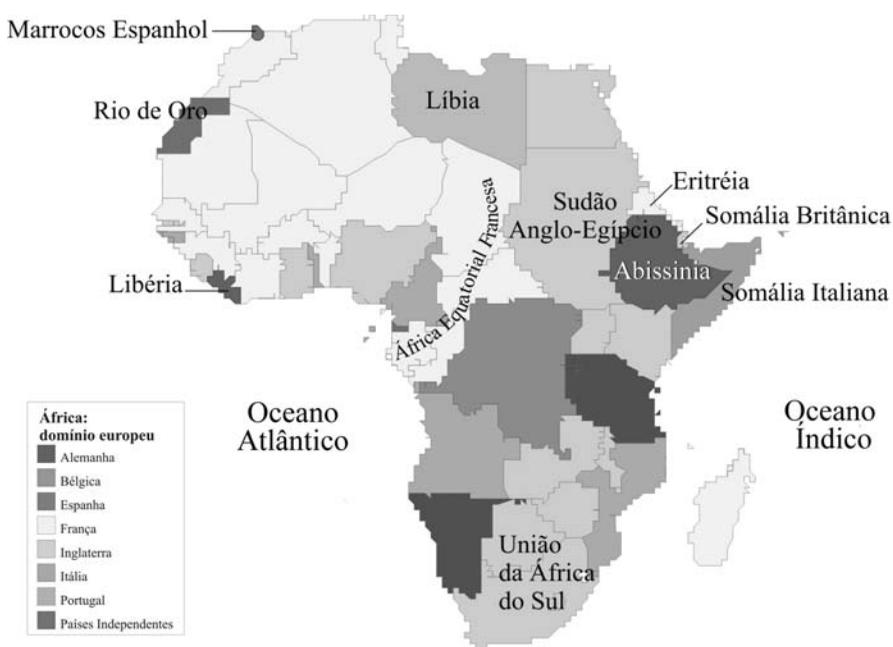


Figura 3.1: A partilha da África no período imperialista.

O momento histórico vivido por Ratzel influenciou decisivamente sua Geografia. Como estamos tentando argumentar desde nossa primeira aula, há uma correlação importante entre as circunstâncias históricas e a leitura geográfica do mundo. Naquele momento em que a Alemanha conquistava territórios na África, Ratzel teve um papel importante, como geógrafo ligado aos interesses estatais, na justificação científica do imperialismo alemão. Assim, tomou os argumentos deterministas como orientação para a sua Geografia.

Ratzel propunha uma análise das influências das condições naturais sobre as sociedades. Argumentava que existia uma forte correlação entre as condições naturais e a determinação histórica de um povo, ou seja, que a natureza definia, em última instância, as condições históricas de uma dada sociedade. Isso, no entanto, como busca enfatizar Gomes (1997), não se dava de forma imediata. Tratava-se de uma correlação evolutiva ao longo da história dos povos, mas não deixava de ser determinante. Por isso, acabou sendo uma concepção limitada. Além disso, foi utilizada ideologicamente pelos alemães em seu ímpeto imperialista, para justificar a conquista de novos territórios.

Com base nesses pressupostos, Ratzel elaborou o conceito de *espaço-vital*, que corresponderia ao espaço necessário para uma dada sociedade viver. Quando uma sociedade se desenvolvia, demandando maior quantidade de recursos naturais, esse espaço deveria ser ampliado. Com isso, justificava o expansionismo alemão, colocando a Geografia a serviço dos interesses dominantes.

O pensamento de Ratzel seria levado adiante por outros autores, que, ao radicalizar suas idéias, configuraram uma escola determinista de Geografia.

Embora as idéias de Ratzel não nos pareçam muito aceitáveis, é importante reconhecer o seu valor e importância no que se refere à construção da Geografia, especialmente a Geografia Humana. Ele colocou, a exemplo de Ritter, o homem no centro da análise, muito embora esse homem fosse animalizado – ou seja, suscetível às condições naturais sem que houvesse qualquer tipo de protagonismo. O homem é sempre um ser passivo diante da grandeza da natureza.

O mérito de Ratzel, contudo, está justamente na introdução do homem em relação com o meio, ainda que esse meio seja determinante. De acordo com Gomes (1997),

O pensamento de Ratzel teve um papel de mudança paradigmática nas concepções geográficas. Através da idéia de inter-relação e conexão entre os seres vivos e seus meios naturais, Ratzel, influenciado por Haeckel, propõe uma perspectiva nova para o determinismo geográfico. Nesse caso, a idéia de causa e efeito imediatamente determináveis é substituída por uma determinação produzida ao longo de um processo de evolução e de diferenciação (p. 185).

**ATIVIDADES**

2. O que se poderia dizer a respeito do determinismo geográfico? Apresente um exemplo com base no que foi mostrado até aqui.

COMENTÁRIO

Como vimos, o determinismo baseia-se numa relação de causa e efeito. Na Geografia, isso se deu, em particular, no que se refere à relação entre homem e meio. Nessa perspectiva, a natureza, em última instância, era o que determinava a ação do homem, o que implica padrões culturais e até mesmo sociais derivados dessa relação. Assim, uma sociedade poderia ser mais civilizada que outra, dependendo da correlação entre o meio e as influências que esse meio tiveram sobre a sua história.

3. Escreva sobre as principais idéias de Ratzel e aponte o que mais contribuiu para o desenvolvimento da Geografia.

COMENTÁRIO

Ratzel foi o geógrafo que introduziu a abordagem determinista na Geografia. Isso, no entanto, teve caráter positivo, uma vez que trouxe para a Geografia uma abordagem baseada em princípios racionalistas, cientificistas. Nesse sentido, embora o determinismo seja um método que não leve em conta as circunstâncias históricas, como a relação de dominação entre os povos, ou o desenvolvimento técnico, a estrutura social, a economia, a política etc., trouxe uma preocupação centrada na comprovação científica. Além do mais, Ratzel introduziu na Geografia uma reflexão que correlacionava homem e natureza. Isso, como sabemos, marca a Geografia até hoje, só que sem os princípios deterministas. Na Aula 2 vimos como eram os estudos geográficos antes da sistematização da Geografia: tinham por base descrições da terra, do clima etc. Não havia uma correlação clara entre homem e meio. Esse mérito deve-se especialmente a Ratzel.



**VIDAL DE LA BLACHE
(1845-1918)**

Geógrafo francês, foi o mais influente autor da Geografia Tradicional. Cunhou a expressão *gênero de vida*.

VIDAL DE LA BLACHE E O POSSIBILISMO

VIDAL DE LA BLACHE, geógrafo francês, pode ser considerado o principal oponente das idéias de Ratzel, e ao mesmo tempo, o mais influente autor da Geografia Tradicional.

La Blache, ao contrário de Ratzel, não viveu num país marcado pelo autoritarismo das classes dominantes. Viveu na França pós-Revolução Francesa, onde as idéias **LIBERAIS**, de uma burguesia presente e influente, eram a base do pensar e do agir.

Vidal de La Blache, contudo, também viveu num país imperialista. A França, inclusive, possuía mais territórios colonizados que a Alemanha (ver **Figura 3.1**), mas apresentava uma situação peculiar pois amargava a derrota para este último país, ou melhor, para a Prússia – na época em que a Alemanha ainda não existia como tal –, na guerra franco-prussiana, em 1870, quando perdeu dois importantes territórios: a Alsácia e a Lorena. Estes territórios eram importantes fontes de carvão mineral, um combustível fundamental para a crescente indústria francesa.

LIBERALISMO

É uma doutrina econômica baseada no livre mercado. De acordo com os teóricos do liberalismo, o princípio fundamental de uma economia liberal é a livre circulação de mercadorias, pessoas e dinheiro, ou seja, o livre mercado. Qualquer tipo de intervenção estatal ou restrição alfandegária é visto com maus olhos pelos liberais. O principal teórico do liberalismo econômico clássico é o economista Adam Smith.

As idéias liberais se estenderam também ao campo filosófico. Defende-se uma liberalização dos costumes, num processo de liberalização do próprio homem, que deve decidir seu destino.



Bom, já dá para imaginar que existia uma certa rivalidade entre franceses e alemães, não é mesmo?

Ora, a exemplo de Ratzel, a geografia de La Blache sofreu a influência de seu tempo. La Blache foi um defensor do Estado francês, mas com uma diferença: suas idéias liberais o impediam de assumir isso explicitamente. Defendia uma ciência neutra.

Sua Geografia, nesse sentido, será construída a partir de dois pilares: uma suposta neutralidade científica (ver boxe O mito da neutralidade científica) e uma crítica à Geografia de Ratzel.

Vidal irá fazer três críticas em relação à obra de Ratzel.

Primeira: haveria uma politização explícita da parte de Ratzel quanto aos interesses alemães. Para Vidal, uma ciência neutra não poderia se portar dessa maneira.

Segunda: Ratzel valorizou demais o papel da natureza, minimizando o elemento humano. Para La Blache, era preciso valorizar o elemento humano para muito além das influências do meio.

Terceira: a relação mecânica entre homem e natureza proposta por Ratzel. Com isso propôs uma postura relativista, a partir da qual o homem pudesse ter algum papel ativo, e não ser apenas um marionete da natureza.

La Blache conceberá sua análise geográfica a partir do entendimento de que o homem é como um hóspede da natureza, sendo que em cada lugar onde se hospeda estabelece uma relação singular com o seu meio, desenvolvendo uma cultura que é originária dessa relação. A isso chamou de “gênero de vida”, segundo o qual a diversidade de meios explicaria a diversidade da sociedade. Assim, uma sociedade camponesa, vivendo no interior da França, ao longo de décadas, teria desenvolvido uma relação singular com seu espaço de vivência, aprendendo a lidar com os fenômenos naturais locais, desenvolvendo toda uma cultura, hábitos, costumes. Isso também poderia ser aplicado a tribos indígenas, por exemplo. Mas será que isso se aplica hoje? Bom, isso é assunto para uma outra aula...

As idéias de La Blache, consideradas possibilistas, justamente por tentar articular homem e meio sem que houvesse uma determinação mecânica, tiveram grande peso na Geografia, influenciando a obra de muitos autores. Pelo menos até a década de 1950, seus fundamentos eram inquestionáveis.

Apesar de valorizar o elemento humano, cabe considerar, porém, que La Blache não o via como sujeito histórico. Antes, o homem era um coadjuvante em sua obra. Neste caso, não avança muito em relação à concepção de homem de Ratzel, muito embora tenha superado a relação mecânica entre condições naturais e sociedade. Nas palavras de La Blache, “a Geografia é uma ciência dos lugares, não dos homens”.

O que Vidal fez foi valorizar as diferenças entre os lugares – que podem ser interpretadas a partir da presença do elemento humano. Mas tudo aparece como uma cena. O espaço é um palco onde o homem atua. O cenário desse palco influencia suas ações. Em síntese, o homem é ativo, mas sua ação está enquadrada nas circunstâncias da natureza.

O mais influente "herdeiro" das idéias de La Blache foi Max Sorre. Ele manteve os princípios básicos da geografia lablachiana, desenvolvendo-os, porém, à luz de novas interpretações. Sorre trabalhou com a idéia de Geografia como o estudo da ecologia do homem. Entendia que os agrupamentos humanos se relacionam com o meio em que estão inseridos, transformando-os. Entendia ainda que havia vários espaços sobrepostos – o econômico, o social, o cultural, o natural, e que a análise geográfica deveria levar em conta essa sobreposição. Foi um autor importante para a consolidação das idéias de La Blache, muito embora essas comesçassem a cair em desuso já na década de 1950 para 1960.

O MITO DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA

“Atualmente, a atividade científica defronta-se com sérios desafios internos e externos. De um ponto de vista coletivo, os descontentamentos sociais ligados à introdução de inúmeras inovações tecnológicas (da poluição industrial aos horrores das guerras químicas e eletrônicas) estão levando a um questionamento da equivalência entre ciência e progresso, entre tecnologia e bem-estar social. (...)

O que podemos perguntar, desde já, é se não seria temerário entregar o homem às decisões constitutivas do saber científico. Poderia ele ser 'dirigido' pela 'ética do saber objetivo'? Poderia ser 'orientado' por esse tipo de racionalidade? Não se trata de um 'homem' ideal. Estamos falando desse homem real e concreto que somos nós; desse homem cujo patrimônio genético começa

a ser manipulado; cujas bases biológicas são condicionadas por tratamentos químicos; cujas imagens e pulsões estão sendo entregues aos sortilégios das técnicas publicitárias e aos estratégias dos condicionamentos de massa; cujas escolhas coletivas e o querer comum cada vez mais se transferem para as decisões de tecnocratas onipotentes; cujo psiquismo consciente e inconsciente, individual e coletivo torna-se cada vez mais 'controlado' pela ciência, pelo cálculo, pela positividade e pela racionalidade do saber científico; desse homem, enfim, que já começa a tomar consciência de que, doravante, pesa sobre ele a ameaça constante de um Apocalipse nuclear, cuja realidade catastrófica não constitui ainda objeto de reflexão.

(...) Talvez o problema seja mais bem elucidado se concebermos uma passagem do 'saber sobre o homem' a um 'saber-querer do homem', este, sim, capaz de dirigir sua ação. Porque não é na ciência, mas numa antropologia reflexiva, que iremos encontrar o discurso do homem sobre ele mesmo. Só esse discurso pode revelar, como originária e constitutiva do homem, essa dialética do 'saber' e do 'querer', do fato e do valor, do ser e do dever-ser. Ela é esse lugar onde aquilo que foi conquistado à maneira do 'fato' faz valer seus direitos em revestir-se da modalidade do 'valor' e do 'sentido'. Com esse 'saber-querer', a biologia, a psicologia, a sociologia etc. não somente podem, mas devem cooperar, sob o controle do pensamento livre, para a definição de uma ética da ciência. Por isso, não podemos admitir que o conhecimento objetivo possa constituir a única finalidade, o único valor. Porque, não sendo capaz de fundar uma ética, torna-se incapaz de constituir o valor supremo do homem. Os valores não podem surgir de um saber sobre o homem, mas de um querer do homem, ser inacabado e sempre aberto às possibilidades futuras.”

(Hilton Japiassu, *O mito da neutralidade científica*, p. 9 e segs.)



ATIVIDADES

4. Quais foram as principais críticas de La Blache à obra de Ratzel?

COMENTÁRIO

As principais críticas à obra de Ratzel basearam-se em seu caráter ideológico explícito, a minimização do papel do homem frente à natureza e a determinação mecânica da natureza sobre a sociedade. Cabe lembrar ainda a rivalidade entre França e Alemanha e do papel que a geografia lablachiana assumiu, muito embora La Blache negasse seu caráter ideológico.

5. Por que o pensamento de La Blache foi tão importante para o desenvolvimento da Geografia?

COMENTÁRIO

O pensamento de La Blache foi importante para a Geografia na medida em que deu ao homem um papel mais ativo na relação com a natureza, ao contrário de Ratzel, que, apesar de influente pela introdução do homem na Geografia, não lhe conferiu esse papel, sendo antes, o homem, um ser suscetível às circunstâncias naturais.

FEBVRE E A RUPTURA COM O ECOLOGISMO E O NOVO PAPEL SOCIAL DA GEOGRAFIA HUMANA

Lucièn Febvre, historiador francês, teve um papel importante na superação do paradigma ecologista que norteou a obra de Ratzel, em seu viés determinista, e de La Blache, em seu viés possibilista. Febvre aproximou a Geografia da abordagem histórica, conferindo um outro peso aos processos sociais. A análise do homem e da sociedade pela Geografia passava agora por uma abordagem histórica. Isso foi importante para a superação da ótica que via sempre o homem em relação com a natureza (e nunca entre si). Daí a chamada ruptura com o ecologismo, ou seja, passou-se a valorizar a abordagem histórica, levando-se em conta os processos sociais.

De acordo com Quaini (1992), Febvre possibilitou, com sua abordagem histórica, uma aproximação posterior da Geografia com o materialismo histórico dialético de Marx, o que aconteceria já na década de 1960, com Yves Lacoste e Pierre George, entre outros, desencadeando o processo de renovação crítica da Geografia.

RESUMO

Humboldt e Ritter são considerados fundadores da Geografia. O processo de sistematização do saber geográfico conferiu à Geografia uma "cidadania acadêmica". Ainda dois autores considerados os pais da Geografia – Ratzel e La Blache, tiveram uma grande influência sobre a Geografia a partir de suas correntes, a Geografia determinista e a Geografia possibilista.

A análise da Geografia Tradicional foi marcada pela relação entre homem e meio, a a-historicidade desse homem, já que não eram levados em conta fatores como a história, a estrutura social ou a economia. O Homem, na Geografia Tradicional, é apenas mais um componente do espaço. Na realidade, o espaço – que irá ganhar importância fundamental como objeto da Geografia – é um grande palco a partir de onde o homem atua. Um palco influente, digamos. Mas o homem não se relaciona com esse "palco", de modo a transformá-lo e a ser transformado por ele.

AUTO-AVALIAÇÃO

Se você conseguiu responder às questões apresentadas nas atividades, parabéns. Pode-se dizer que você está preparado(a) para a etapa seguinte.

Na internet, você pode pesquisar no *site* da Associação de Geógrafos Brasileiros – AGB. Ali há dicas de endereços na internet para vários temas ligados à Geografia, bem como a entrevistas e textos. Vale a pena visitar. Você pode também ler alguns trechos de livros que podem ajudá-lo a clarear algumas questões, caso tenha tido dificuldades ou ainda se desejar aprofundar o conhecimento sobre o assunto. Neste caso, sugerimos que você consulte dicionários de filosofia – para os termos específicos aqui encontrados, e ainda os livros da bibliografia desta aula.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula prosseguiremos e fecharemos o primeiro bloco de nosso curso. Trataremos das correntes da Geografia que se propuseram a superar a Geografia Tradicional. Trata-se da renovação da Geografia. O principal aspecto dessa renovação, como veremos, é a valorização do conceito de espaço e a consideração do caráter histórico das sociedades na análise geográfica. O homem não será mais visto como um ator num palco estático. As mudanças da sociedade serão percebidas a partir das mudanças no espaço. Será a partir dessas correntes que avançaremos, no bloco seguinte, com o conceito de espaço.

A renovação crítica da Geografia

AULA

4

Meta da aula

Apresentar as principais idéias da Geografia Crítica aos alunos.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Diferenciar a Geografia Tradicional da Geografia Crítica.
- Caracterizar as principais idéias da Geografia Crítica.

Pré-requisito

Para que você tenha um melhor entendimento desta aula, será necessário rever o conteúdo das Aulas 2 e 3.

INTRODUÇÃO

Desde La Blache e Ratzel, a Geografia vinha evoluindo gradativamente. Mas essa evolução, apesar de incorporar novas técnicas e de se esforçar em compreender a complexidade do mundo, não extrapolou os limites teórico-metodológicos da Geografia Tradicional. Como vimos na aula anterior, esses limites consistiam na visão a-histórica da sociedade e na abordagem descritiva.

A partir das décadas de 1950-1960, com as transformações pelas quais o mundo vinha passando, alguns autores começaram a fazer abordagens mais críticas sobre a Geografia. Passou-se a considerar o elemento histórico e as análises se tornaram mais ricas e mais complexas também. Já não bastava apenas conceber o homem e a natureza, mas o homem em sociedade, e a relação dessa sociedade histórica, com o seu entorno. A sociedade vinha passando por mudanças significativas, especialmente pela revolução em curso dos meios de transporte e comunicação. O mundo já não era o mesmo, e a análise baseada em recortes regionais estáticos, como propunha a Geografia Tradicional, caía em desuso, pois não era capaz de dar conta da interpretação daquelas mudanças. O mundo estava cada vez mais interconectado. Ao mesmo tempo em que as distâncias se reduziam, tomava-se cada vez mais contato com as conseqüências do capitalismo na sociedade: verificava-se que esse modelo econômico havia produzido grandes disparidades sociais no mundo. Havia países muito ricos contrastando com outros à beira da miséria total. Era necessário compreender isso, principalmente porque essas questões se refletiam no espaço – crescimento das cidades, disparidades socioeconômicas entre os lugares, industrialização crescente. O espaço, nesse sentido, torna-se o elemento-chave para a compreensão das mudanças em curso e do próprio mundo como um todo.

A abordagem regional apresentada na Geografia Clássica, como o recorte-síntese de análise dos processos e interações entre homem e natureza, já não se apresentava como um recurso metodológico viável para a análise. As mudanças em curso e as influências diversas sobre a dinâmica das sociedades implicavam análises que considerassem os fatores exógenos, e não apenas a simples correlação homem-meio. Assim indagou Milton Santos (1996), em seu livro *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo*:

Atualmente, será que podemos admitir que as construções humanas, tal como elas se apresentam sobre a superfície do planeta, resultam de uma interação entre grupo humano e meio geográfico?

Pense você um pouco sobre essa indagação de Milton Santos. Será que os fenômenos atualmente podem ser explicados por si próprios, a partir de sua localidade? Para responder a essa questão, siga o caminho sugerido na atividade a seguir:



ATIVIDADE 1

a. Que tipo de mudança a evolução dos meios de transporte e comunicação provocou na geografia do mundo?

b. Existiria uma inter-relação maior entre diferentes áreas do globo?

c. Até que ponto essas inter-relações influenciam ou são influenciadas pelas localidades?

d. Que peso cada localidade teria nesse processo?

COMENTÁRIO

Bom, como estamos tentando demonstrar ao longo de nossas aulas, as revoluções dos meios de transporte e comunicação sempre foram motivo de novas descobertas, da ampliação da visão de mundo e de alcance de processos, antes circunscritos a outras áreas do planeta. Assim foi com a expansão marítima européia e assim tem sido com a revolução em curso que os meios de transporte e comunicação vêm passando. Atualmente, pode-se comunicar, de forma instantânea, com qualquer outro país do mundo. Pense agora no impacto que isso produz, por exemplo, em relação a uma grande empresa. Na busca pela redução dos custos, essa empresa poderia instalar uma filial num país em que a mão-de-obra é mais barata, ou ainda em que a legislação ambiental é inexistente ou pouco rigorosa. Essa empresa teria, com as facilidades de transporte e comunicação, um total controle do processo produtivo que, apesar de disperso pelo globo, estaria completamente integrado pela rede mundial de comunicação e transportes.

Milton Santos estava preocupado em questionar a abordagem tradicional; por um lado, calcada em estudos generalistas, e, por outro, em estudos regionais. Para ele, essas duas abordagens, que se fizeram muito presentes na Geografia Tradicional, constituindo inclusive pontos de desacordo entre os geógrafos, não poderiam caminhar separadas. Mais do que isso, inclusive, entendia que essas abordagens deveriam superar a relação homem-meio. Assim, ele vai radicalizar, afirmando que:

Nas condições atuais da economia universal, a região já não é uma realidade viva, dotada de coerência interna. Definida sobretudo do exterior, seus limites mudam em função dos critérios que lhe fixamos. Por conseguinte, a região não existe por si mesma (1996, p. 10).

O que significa dizer que “a região não existe por si mesma”? Ora, como vimos anteriormente, os estudos clássicos de Geografia priorizaram a abordagem regional, e mesmo a Geografia Geral priorizou o estudo das áreas e das diferenças entre elas. Mas isso não era suficiente. Mudanças no capitalismo refletiam-se no mundo todo. Era preciso ressignificar a região, conferindo à sua análise a correlação entre as áreas e as influências que cada uma delas exerce sobre as outras, e vice-versa. Assim,

os processos – sistemas em funcionamento – são na maioria das vezes comandados do exterior e impostos aos homens e atividades num espaço determinado. A ausência de uma *autonomia regional* é paralela à falência da Geografia Regional considerada nos moldes clássicos (1996, p. 10).

A RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA CRÍTICA

A renovação da Geografia não se deu de forma espontânea e nem uniforme. Nos anos seguintes ao final da Segunda Guerra, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, a Geografia acompanhou, pelo menos, dois grandes caminhos interpretativos da realidade: um fundamentado na incorporação das novas tecnologias à análise – a Geografia quantitativa, e um outro, na incorporação gradativa da abordagem materialista histórica. Essas perspectivas, pode-se dizer, abriram caminho para a renovação crítica que vai ocorrer, de forma mais sistemática, a partir dos anos de 1970.

Esses primeiros caminhos, no sentido de uma renovação da disciplina, no entanto, não foram capazes de romper com o modelo teórico e metodológico da Geografia Tradicional. Um deles foi a Nova Geografia, que incorporou à análise geográfica as possibilidades abertas pelo computador, que passou a ser um instrumento fundamental.

A Nova Geografia, ou Geografia Quantitativa, como preferem chamá-la outros autores, tinha por princípio básico compreender os processos e inter-relações entre diferentes

áreas, a partir de modelos matemáticos.

Assim, estabelecia-se uma série de linhas de comunicação entre os lugares, buscando, com isso, atribuir diferentes valores em cada fluxo, de modo que se pudesse estabelecer uma hierarquia entre os lugares. Nesse contexto, pode-se falar da

Teoria das Localidades Centrais, formulada na década de 1930, e que ganhou fôlego na década de

1960. Como linhas gerais de análise, a Geografia Quantitativa concebia o indivíduo como um agente econômico perfeito, ou seja,

todos são iguais em termos de análise; a concorrência entre os lugares era vista como algo uniforme; o acesso à informação também era uniforme; e o espaço era concebido como algo isomórfico, isto é, uniforme. Vê-se que o princípio da uniformidade era a base da Geografia Quantitativa. Na realidade, a análise matemática não podia levar em conta a variedade que marca a sociedade. Era preciso ter como hipótese a uniformidade entre as partes para que os princípios quantitativos tivessem alguma validade. Esse foi, sem dúvida, um grande limite dessa abordagem, já que não levava em conta a complexidade da sociedade e as inúmeras variáveis que a compõem. Da mesma forma, o indivíduo é visto como um sujeito a-histórico, e o espaço, como uma espécie de plano, ou melhor, apenas um palco onde as coisas acontecem. A essa forma de abordagem chamou-se *neopositivismo*, pois mantinha, sob nova roupagem, os princípios positivistas que orientaram a Geografia Tradicional.



Do ponto de vista da incorporação do materialismo histórico à análise geográfica, pode-se destacar autores como Pierre George, Yves Lacoste, Bernard Kayser, dentre outros. Eles imprimiram à Geografia Tradicional um novo olhar, fundamentado no reconhecimento das disparidades espaciais e na importância da análise das condições socioeconômicas na abordagem geográfica. Esses autores, porém, não romperam definitivamente com o ponto de vista da Geografia Tradicional, mantendo, ainda, seus estudos centrados na correlação homem-meio e numa idéia de Homem ainda com base numa a-historicidade. Estudos como *Geografia econômica* ou *Geografia da população* de Pierre George, ou ainda *Geografia do subdesenvolvimento* de Lacoste, são um exemplo clássico desse limite metodológico de que estamos falando. São obras críticas, que denunciam as desigualdades sociais, mas que não apontam para a origem do problema. Como coloca Moraes (1997),

Tratava-se de explicar as regiões, mostrando não apenas suas formas e sua funcionalidade, mas também as contradições sociais aí contidas: a miséria, a subnutrição, as favelas, enfim as condições de vida de uma parcela da população, que não aparecia nas análises tradicionais de inspiração ecológica [quando o autor fala em “inspiração ecológica” está se referindo à abordagem centrada na relação homem-meio].

O autor prossegue, afirmando que

Entretanto, esta Geografia de denúncia não rompia, em termos metodológicos, com a análise regional tradicional. Mantinha-se a tônica descritiva e empirista, apenas passava-se a englobar no estudo tópicos por ela não abordados (p. 118).

Mas e a Geografia da sala de aula? Você já parou para se perguntar se, na Geografia que se ensina aos alunos, existe uma preocupação de ir para além dos fenômenos e apontar os processos que os desencadeiam?

**ATIVIDADE 2**

Faça uma reflexão: que tipo de limite possuem exercícios passados aos alunos, que focalizam a relação entre fenômenos e sua localidade? Como exemplo, podemos ilustrar com um exercício confeccionado por uma professora para seus alunos de 4ª série.

Eis o exercício formulado pela professora aos seus alunos de 4ª série:

Exercício:

Relacione a coluna A com a coluna B

Coluna A	Coluna B
Seca	Amazônia
Agroindústria	Nordeste
Extrativismo	Sudeste
Indústrias	Centro-Oeste

Analise o exercício citado acima e faça uma análise de seus limites metodológicos, especialmente à luz da crítica ao discurso da Geografia Tradicional.

COMENTÁRIO

Não estaria a professora apresentando uma Geografia estática, baseada na descrição dos fenômenos? Tudo bem, sabemos que a seca é um fenômeno típico do Nordeste, e que, pela lógica, apesar de haver seca no Sudeste, o aluno, no nordeste de Minas Gerais, irá relacionar a seca ao Nordeste. Mas e então, a história fica nisso mesmo? Aonde se quis chegar com o aluno? Ora, os limites dessa aula são justamente o seu caráter descritivo e estático. Não basta o aluno saber que no Nordeste há seca. Ele precisa entender isso melhor, saber que esse fenômeno, embora de ordem natural, tem um caráter socioeconômico e político.

Ora, essa Geografia da escola já era criticada, inclusive, pelo próprio Lacoste. Ele acreditava haver duas Geografias distintas. A “Geografia do Estado” e a “Geografia dos professores”. Para ele, o Estado, bem como as grandes empresas, gozam de uma posição privilegiada, pois detêm um conhecimento mais amplo do espaço, ao contrário do cidadão comum, que em geral tem uma visão de geografia circunscrita à sua realidade cotidiana. Essa Geografia limitada é alvo da crítica de Lacoste à Geografia Tradicional, que a seu ver, limitou-se a munir o Estado de informações – lembremos de Ratzel e La Blache, e que se reproduzia de forma “inútil” nas escolas, não passando de uma grande decoreba de lugares e suas características.

Para Lacoste, a escola tem um papel importante no que se refere à transmissão da informação. O cidadão comum tem, na escola, a oportunidade de melhor conhecer o espaço, e a Geografia deve cumprir esse papel. Esse é um passo importante na própria construção de uma Geografia mais crítica. Sabemos dos limites de autores como Lacoste, mas devemos reconhecer sua importância no plano da ruptura com uma visão ultrapassada e limitada de Geografia. Vale a pena ler, nesse sentido, um importante livro de Lacoste: A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra.



A Geografia Crítica será o expoente da renovação da Geografia. Seu princípio fundador diz respeito a uma postura crítica frente à leitura geográfica da sociedade. Mais do que isso, porém, trata-se de transformar a Geografia num instrumento de mudança social, denunciando, a partir dela, as desigualdades socioespaciais. A Geografia Crítica se constrói, porém, sob as cinzas da Geografia Tradicional e sob uma postura radical quanto à abordagem quantitativa. Para tanto, irá basear boa parte de seus fundamentos numa crítica profunda aos métodos analíticos de caráter descritivo, a-crítico e a-histórico.

A maior referência para isso era a idéia de que o capitalismo produz desigualdades, e que essas desigualdades se reproduzem no espaço. Assim, ao observarmos a paisagem urbana, por exemplo, veremos que existem disparidades socioeconômicas inscritas no espaço, como o contraste entre favelas e bairros ricos, ou ainda entre áreas mais dinâmicas e áreas mais residenciais. Essas diferenciações espaciais devem ser tomadas na análise a partir de uma leitura que leve em conta a luta de classes, a lógica do lucro e todo o arcabouço prático e ideológico que sustenta a reprodução do capital.

Em seu livro *Por uma geografia nova* – que é considerado um marco do movimento de renovação crítica da Geografia –, **MILTON SANTOS** nos apresenta a idéia de que é preciso fazer uma análise do espaço social, espaço esse que é produzido pelo trabalho. Ao considerar o trabalho como a base da produção do espaço, ele não apenas reafirma a teoria marxista como instrumento de análise, como aponta na direção de uma leitura geográfica do capitalismo. O espaço ganha, dessa forma, um papel central na análise da Geografia, sendo tomado como uma categoria de compreensão da realidade.

Será justamente do *espaço* que trataremos na nossa próxima aula. Nela, veremos a importância de uma reflexão da realidade a partir do espaço, e tentaremos mostrar a importância da Geografia para a compreensão dos fenômenos socioeconômicos.

Cabe considerar que outras correntes se formaram a partir da renovação crítica da Geografia, sendo a abordagem marxista, a corrente hegemônica. Nesse caso, não podemos deixar de falar da corrente humanística, que valoriza o sujeito e sua subjetividade. Essa corrente permitiu a valorização de temas culturais na Geografia e tem por base a idéia de que a percepção e a valorização do sujeito em relação ao espaço onde vive, trabalha e circula, devem ser incorporadas às análises da Geografia. Na realidade, essa corrente surge como uma espécie de resposta às abordagens de fundo marxista, que valorizavam muito os aspectos macro-estruturais, se prendendo muito pouco ao cotidiano dos indivíduos.

Se levarmos em conta os conteúdos específicos para o primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental, iremos perceber a importância da Geografia Humanística. Essa perspectiva nos permite trabalhar com a valorização da relação da criança com o mundo à sua volta, num processo de descoberta de si e do mundo. Assim, a valorização dos espaços subjetivos das crianças é um processo fundamental na construção da Geografia em sala de aula. Mas é importante considerar, todavia, que a análise centrada no sujeito limita a interpretação dos fenômenos. Afinal, quem é esse sujeito? Sob que posição ele olha e valoriza o mundo à sua volta? O que é o *mundo* para ele? Isso são questões que buscaremos responder mais à frente. Por enquanto, fiquemos com a renovação crítica da Geografia.



MILTON SANTOS
(1926-2001)

Foi um dos expoentes do movimento de renovação da Geografia. Autor de mais de 40 livros no Brasil e no exterior, foi um dos mais importantes pensadores brasileiros, tendo realizado uma profunda reflexão em torno da globalização, suas conseqüências e possibilidades de sua superação. Para ele, “a globalização atual não é irreversível”. Diz que “a mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição para um mundo mais humano” (1999, p. 174).

Como já havíamos colocado, a renovação crítica da Geografia não se resumiu a uma corrente. Pelo contrário, representou a abertura para novas formas de abordagem na Geografia. O mais importante, porém, é que a Geografia, uma vez rompido o laço positivista, passa a ser tomada como uma leitura crítica da sociedade. A dimensão da crítica é, sem dúvida, o caráter distintivo da Geografia renovada em relação à Geografia Tradicional. Desta forma, como coloca Moraes (1997),

a Geografia Crítica é uma frente, onde obedecendo a objetivos e princípios, convivem propostas díspares. Assim, não se trata de um conjunto monolítico, mas, ao contrário, de um agrupamento de perspectivas diferenciadas. A unidade da Geografia Crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo-se do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente (p. 126).

A Geografia Crítica será marcada, portanto, por uma “unidade ética”, nas palavras de Moraes. Essa unidade, no entanto, será trabalhada de forma diferenciada a partir da abordagem metodológica utilizada, o que significa dizer, em outras palavras, que independente da corrente do pensamento, esse princípio fundador é mantido.

RESUMO

A renovação da Geografia se deu de forma gradativa ao longo dos anos 1950 e 1960, e assumiu uma forma mais radical a partir da década de 1970, com a incorporação de uma abordagem marxista.

A Geografia Quantitativa foi uma das correntes que se apresentaram na esfera dessa renovação. Porém, essa renovação se deu muito mais no campo da incorporação de novas técnicas à análise geográfica do que na ruptura com os preceitos da Geografia Tradicional. A partir de uma abordagem neopositivista, a Geografia Quantitativa buscava uma interpretação dos fenômenos e das inter-relações entre os lugares a partir de modelos matemáticos.

A Geografia Crítica, que foi a corrente hegemônica do processo de renovação da Geografia, teve suas origens ligadas aos autores que, na década de 1950 e 1960, buscaram incorporar a crítica às suas análises, especialmente a partir de uma abordagem marxista. Esses autores não foram também capazes de romper com os princípios fundantes da Geografia Tradicional, mantendo a descrição e a a-historicidade em suas análises. Fez, porém, com que a Geografia despertasse para a necessidade de uma abordagem mais crítica, que emerge a partir da década de 1970, com a Geografia Crítica. Nessa corrente, valorizou-se a abordagem crítica baseada numa interpretação da realidade a partir da leitura do espaço. O espaço geográfico passa a ser visto como a principal categoria de análise da Geografia. Destaca-se, nesse cenário, o geógrafo Milton Santos.

ATIVIDADE FINAL

Levando-se em conta que esta é a última aula do primeiro módulo de nosso curso, em que tratamos de apresentar brevemente alguns elementos da história do pensamento geográfico, propomos, a seguir, uma atividade síntese que lhe ajude a sistematizar os principais elementos trabalhados até aqui.

Assim sendo, com base nas Aulas 1, 2, 3 e 4, elabore um quadro comparativo das principais características da Geografia antes de sua sistematização, da Geografia Tradicional e da Geografia Crítica.

COMENTÁRIO

A elaboração do quadro comparativo deve levar em conta os traços fundamentais de cada período da Geografia, bem como o autor (ou autores) mais representativo(s) de cada período. Assim, em relação à Geografia pré-sistematização, deve-se levar em conta o caráter disperso do saber geográfico e que, por isso mesmo, não havia um grande autor, que fosse representativo desse período. Por outro lado, em sua fase tradicional, já se pode falar de um corpo, ou seja, de uma unidade da Geografia. Nesse sentido, foram fundamentais autores como Humboldt e Ritter, que sistematizaram aquele saber disperso, e Ratzel e La Blache, que conferiram uma identidade metodológica à Geografia. Na Geografia Tradicional, tanto Ratzel quanto La Blache, apesar de seguirem opções metodológicas um pouco diferentes, mantiveram uma linha de abordagem centrada no positivismo, e que se traduzia na abordagem a-histórica e na descrição dos fenômenos. Na Geografia Crítica, por outro lado, a abordagem metodológica apresenta-se no sentido da superação do positivismo, e adota-se uma análise crítica dos fenômenos. Considera-se a historicidade do espaço, e este passa a ser uma importante categoria de análise. Destaca-se, nesse momento de renovação crítica, Milton Santos, que, com o seu livro Por uma geografia nova, sistematizou a crítica à Geografia Tradicional e apontou de forma clara os novos caminhos a serem seguidos na Geografia renovada.

Se o seu quadro contiver as informações a seguir de forma sistematizada, você pode se considerar capaz de avançar para o próximo módulo.

PALAVRAS FINAIS SOBRE O PRIMEIRO MÓDULO

Em nosso primeiro módulo, a idéia foi que você tivesse um breve contato com a história do pensamento geográfico. Cabe considerar, de antemão, que o que sintetizamos nessas quatro aulas, em geral, é trabalhado de forma extensa, ao longo de um semestre, nos cursos universitários de Geografia. Como nosso propósito aqui é apenas apresentar-lhe elementos básicos que lhe permitam maior aproximação, e com isso maior intimidade com a linguagem geográfica, nos limitamos a essas quatro aulas.

Nós sabemos dos riscos que corremos ao sintetizar algo tão extenso, mas assumimos a responsabilidade pelas lacunas que certamente deixamos ao longo deste módulo. Essas lacunas foram propositais, visto que nossa idéia era a de um apanhado geral, e não de um curso extenso e minucioso. Fazer com que você obtivesse um mínimo de embasamento sobre a história da Geografia, conhecendo figuras como Ratzel, La Blache, Lacoste e Milton Santos, dentre outros, sempre foi o nosso objetivo.

Conscientes disso, gostaríamos de sugerir – caso você tenha interesse em aprofundar as questões até aqui abordadas – duas leituras que consideramos básicas para quem deseja iniciar uma viagem mais detalhada na história da Geografia. A primeira delas é o livro *Geografia: pequena história crítica*, de Antonio Carlos Robert Moraes. Esse pequeno livro, cuja primeira edição data de 1981, foi e ainda continua sendo em alguns cursos de História do Pensamento Geográfico, uma leitura indispensável. A leitura é acessível e o autor se esforça em contextualizar historicamente cada momento da Geografia. Por ser um livro sintético, abordando temas sem muito aprofundamento, servindo mais como um guia para estudantes do primeiro período do que um estudo de fôlego, o livro de Moraes tem sofrido, especialmente nos últimos anos, uma crítica que se pauta na abordagem um pouco caricatural de alguns autores e correntes. Mas isso não significa que seja um livro dispensável. Ele ainda continua sendo, a nosso ver, um importante guia introdutório.

Outra leitura, desta vez de maior fôlego, é o livro *Geografia e modernidade*, de Paulo César da Costa Gomes. Publicado em 1997, essa obra aborda de forma profunda os fundamentos da Geografia Moderna, buscando correlacionar uma análise sobre a Modernidade e a constituição da ciência Geográfica.

AUTO-AVALIAÇÃO

Esta aula terá sido muito importante se você percebeu os traços marcantes da Geografia Crítica, e o que a distingue da Geografia Tradicional. Terá sido importante, também, que você tenha feito uma reflexão acerca da Geografia que se ensina em sala de aula.

Caso você tenha cumprido esses objetivos, você estará apto a avançar para a aula seguinte.

INFORMAÇÕES SOBRE O PRÓXIMO MÓDULO

No nosso próximo módulo, buscaremos apresentar os conceitos-chave da Geografia. Trataremos do espaço, do território, da região e da paisagem, que são suas principais categorias de análise. Nossa proposta é que você compreenda o significado, a aplicação e as características de cada um desses conceitos, de modo que isso possa facilitar sua prática profissional.

Na nossa próxima aula, aprofundaremos uma reflexão sobre o espaço geográfico. A idéia principal é que você aprenda a transformar o espaço num instrumento de análise da realidade, e que possa reproduzir isso em sala de aula.

O espaço geográfico

AULA

5

Meta da aula

Apresentar o conceito de espaço geográfico ao aluno.

objetivo

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Definir o que é espaço geográfico.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos que a renovação crítica da Geografia trouxe consigo a valorização do espaço como categoria de análise. Cabe-nos, agora, explicitar melhor o que é o espaço e porque ele é tão importante para a compreensão dos fenômenos sociais e naturais.

Nesta aula, nosso maior objetivo é que você tome contato com esse importante conceito da Geografia. Será a partir dele que desenvolveremos as nossas aulas seguintes.

O ESPAÇO – O QUE É?

Certamente você pode ter feito essa pergunta. Afinal, são várias as definições de espaço, dependendo do ponto de vista. Assim, para um arquiteto ou decorador, o espaço pode ter um significado mensurável. Pode-se falar, nesse sentido, do espaço de um apartamento ou de uma casa. Em geral, aliás, a idéia de espaço está muito pautada na idéia de mensuração: é a distância entre dois lugares, é a área disponível para se colocar um carro, é um intervalo de tempo. Você está vendo que as significações dessa palavra são várias.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, por exemplo, existem 18 diferentes definições de espaço. Dentre elas, destacam-se:

- 1 – extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos existentes possíveis;
- 2 – medida que separa duas linhas ou dois pontos;
- 3 – extensão limitada em uma, duas ou três dimensões; distância, área ou volume determinados;
- 4 – a extensão que compreende o sistema solar, as galáxias, as estrelas; o Universo; período ou intervalo de tempo.

Essas definições, encontradas no dicionário, só vêm reforçar aquilo que estamos dizendo: a noção de espaço é usualmente atribuída à distância ou à medida. Mas será que *espaço* para a Geografia significa apenas isso?

Mesmo quando utilizamos o termo espaço geográfico, visando com isso a situar melhor de que espaço estamos tratando, nos deparamos com diferentes apropriações do termo. Ora é utilizado como referência a uma dada localidade, ora ao produto das relações entre os homens e dos homens com o meio. É também utilizado a partir de escalas variadas – do local ao mundo. Bom, para a Geografia, a noção de espaço pode representar a distância entre dois lugares. Mas pode representar, também, o conjunto de objetos, de ordem natural ou não, com os quais a sociedade se relaciona, e a partir dos quais ela se relaciona entre si.

Quando usada como conceito de uma disciplina, a palavra *espaço* ganha um novo significado. Como já foi dito anteriormente, isso não significa que haja uma única definição de espaço na Geografia. Ao contrário, esse conceito possui variadas acepções na disciplina ao longo de sua história e ainda hoje possui diferentes significados, dependendo do posicionamento teórico-metodológico do autor. Uma coisa, porém, é certa: desde a renovação crítica da Geografia, o conceito de espaço vem ganhando importância, especialmente por considerarmos que foi um conceito periférico na Geografia Tradicional.

Como vimos, há uma valorização da relação entre homem e meio na Geografia Tradicional. Essa relação se constrói a partir de um espaço natural dado; nesse caso, ele era concebido como uma espécie de palco, onde o homem atuava.

Mas será que o espaço é apenas um palco? Não haveria uma relação mais próxima do homem com ele? Não seria o espaço produzido, ou seja, modificado, pelo homem?

Não é nosso propósito aqui desenvolver um longo texto acerca da evolução desse conceito na Geografia. Nosso propósito será apresentar a definição que permeará nossa disciplina, e que é a mais correntemente utilizada na Geografia.

Um conceito não deve ser uma “camisa de força”, ou seja, ele não deve nos prender, nos amarrar, mas nos servir de instrumento para refletirmos, a partir dele, os processos que buscamos interpretar. Assim, quando tratamos de espaço, não estamos querendo “encaixar” o mundo no conceito, mas buscar melhor entender o mundo a partir dele.

O que estamos percebendo é que a idéia de espaço, seja firmada no senso comum ou definida sob o ponto de vista lingüístico, é aquela que se tem como algo estático, como uma superfície sobre a qual as coisas acontecem. Aliás, Foucault já havia chamado a atenção a esse respeito. Ao referir-se aos conceitos de espaço e tempo, esse filósofo percebe que o tempo sempre fora visto como algo dinâmico, ou melhor, como algo cuja dinâmica é perceptível. O espaço, porém, sempre foi, em suas palavras, “o que estava morto, fixo, não dialético, imóvel”; e prossegue, “em compensação, o tempo era rico, fecundo, vivo, dialético” (FOUCAULT, 1984, p. 159).

E é justamente essa acepção do espaço, como algo morto e imóvel, uma base sobre a qual as coisas acontecem, que durante muito tempo se ensinou nas escolas. Isso foi resultado da grande influência que a Geografia Tradicional teve na Geografia ensinada nas escolas.

Como vimos, na Geografia Tradicional, o espaço é uma espécie de palco, em que homem e natureza se relacionam.

Mas então, parodiando Foucault, o que seria um espaço *vivo*? Certamente não estamos falando de algo que tem vida, que respira, mas de algo que possui algum papel, que também atua. Um espaço *vivo* é, antes de tudo, um espaço que também se relaciona com o homem.



ATIVIDADE 1

Com base no que foi apresentado até aqui, exponha, de forma sucinta, que limites haveria em se conceber o espaço como um palco onde sociedade e natureza interagem?

COMENTÁRIO

Sua resposta deve levar em conta que os limites de uma interpretação do espaço como um palco ou receptáculo das ações do homem não levam em conta, em primeiro lugar, o caráter histórico desse espaço. O espaço acumula tempo, ele é revelador de períodos passados. Ao modificar o meio, o homem está produzindo espaço. Ao ser considerado como um palco, ele é tomado, também, como algo morto, fixo. Isso significa que ele não incorpora a dinâmica da sociedade, o que representa, em última instância, ignorar que o espaço modificado pelo homem interage com ele, influenciando, inclusive, em suas ações futuras.

De acordo com Roberto Lobato Corrêa, em seu livro *Região e organização espacial* (1995), a partir de uma leitura de Marx, pode-se dizer que, a exemplo do resultado do trabalho do homem sobre a natureza, modificando-a e transformando-a numa *segunda natureza*, “a organização espacial é a segunda natureza, ou seja, a natureza primitiva [ou *primeira/primeva*] transformada pelo trabalho social” (p. 54). Em outras palavras, **quando o homem realiza trabalho, ou seja, quando o homem transforma a natureza, ele está produzindo o espaço.**

Corrêa chama a atenção para dois pontos fundamentais quanto ao espaço, que ele denominará de “organização espacial”.

1) Em primeiro lugar, ele chama a atenção para a questão da reprodução. Segundo ele, ao produzir o espaço, o homem necessita, nesse ato, criar as condições para a sua reprodução social; ou seja, ele precisa agregar ao espaço um conjunto de objetos que lhe permitam se reproduzir socialmente. A casa, por exemplo, é um objeto fundamental para a reprodução do homem, é uma das bases de sua existência. O mesmo pode-se dizer quanto à plantação, à escavação de poços e outras intervenções que, com o tempo, de acordo com o desenvolvimento das técnicas, vão ganhando complexidade.

Nesse sentido, a organização espacial é um dos meios de reprodução social, isto é:

Ao fixar no solo os seus objetos, frutos do trabalho social vinculados às suas necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por estes alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo as mesmas. Nestas condições, o grupo social se reproduz, porque a reprodução das atividades ligadas às suas necessidades viabiliza o próprio. A organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem dispostos sobre a superfície da Terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução) (p. 55).

2) Outro ponto fundamental é o formato que essa organização espacial irá assumir. Se partirmos da premissa de que a organização espacial é uma expressão da produção material do homem, resultado de seu trabalho, temos que ela refletirá as características culturais, econômicas e sociais do grupo que a criou.

Assim sendo, se considerarmos a sociedade capitalista, veremos que a organização do espaço refletirá as relações entre as classes sociais; ou seja, o espaço refletirá a própria divisão de classes existentes na sociedade. Um exemplo claro do que estamos falando é a presença de áreas pobres nas cidades, compostas majoritariamente por trabalhadores, em geral de baixa remuneração, e de áreas ricas, compostas por donos de negócios ou trabalhadores altamente qualificados e remunerados.

O que estamos percebendo, a partir desses pontos fundamentais levantados por Corrêa, é que se por um lado a produção do espaço deve garantir a reprodução social, por outro, caso essa produção esteja atrelada a interesses de classe, a tendência maior é que o espaço produzido e organizado reflita as necessidades de reprodução daqueles que detêm melhores condições econômicas e políticas de orientar sua produção.

Dada a necessidade de criar condições para a sua reprodução, a sociedade vai construindo o espaço a partir de suas demandas. Vai incorporando à paisagem novos objetos e mudanças na própria natureza. Essas formas – fixas ao território – é que vão definindo, ao mesmo tempo, a organização espacial e a organização social; elas são a base a partir da qual os fluxos da sociedade se manifestam. Assim sendo,

a organização espacial é assim constituída pelo conjunto das inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social. A sociedade concreta cria seu espaço geográfico para nele se realizar e reproduzir, para ela própria se repetir. Para isto, cria formas duradouras que se cristalizam sobre a superfície da Terra (p. 57).

Percebe-se, então, que o homem não somente produz o espaço – constrói pontes, modifica o curso de rios, constrói cidades, conecta lugares, recria a natureza, modificando-a; o espaço também produz o homem. Mas nesse caso, não numa relação determinista, em que o meio determina a condição humana, mas num contexto em que a ponte, as cidades, enfim, o espaço modificado pelo homem acaba influenciando suas ações futuras. Vamos recorrer a um breve exemplo para que possamos entender melhor do que estamos falando. Imagine a paisagem da cidade do Rio de Janeiro. Ali vemos um espaço antes natural já bastante modificado pela ação do homem. O que antes era apenas uma baía, com suas praias, manguezais, agora é parte importante da economia do Rio de Janeiro. Nela circulam centenas de embarcações diariamente. Foi construída a ponte Presidente Costa e Silva, que liga as cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Existem algumas linhas hidroviárias que cortam a baía, sendo a principal delas a linha Rio-Niterói. Além disso percebe-se, ao seu redor, vários estaleiros.



A história da baía de Guanabara é muito antiga. Geomorfólogos afirmam que há alguns milhões de anos, na Era Glacial, quando o nível dos mares estava bastante baixo, havia um rio que cortava a sua extensão. No século XVI, quando os portugueses começaram a ocupá-la, viram nela um estratégico ponto para a guarda da costa. Com o tempo, a ocupação inicial foi aumentando em densidade e tamanho, até que a cidade do Rio de Janeiro se tornasse o centro da colônia.

Estamos vendo que um fator natural influenciou a ocupação portuguesa na baía de Guanabara. Com o passar do tempo, porém, o fator econômico e político se sobrepôs, fazendo do Rio de Janeiro a cidade mais importante da colônia, até o ponto de se transformar em capital do Brasil. Essa importância fez com que inúmeros negócios se instalassem na cidade, conformando uma dada paisagem, modificando, aos poucos, aquele espaço. Onde antes havia um sinuoso litoral, cheio de alagadiços e mangues, foram feitos aterros e ocupadas novas áreas.

Ainda hoje se vêem, na paisagem do Rio de Janeiro, as antigas edificações que marcaram uma época. São marcas no espaço deixadas pela história. Essas marcas convivem hoje com modernas construções, a exemplo de grandes arranha-céus, da Ponte Rio-Niterói, dentre outras.

O que vemos é que o espaço vai acumulando *tempo*, ou seja, vai acumulando a própria história. Esse acúmulo, porém, vai conformando as relações que vão surgindo. Hoje, o edifício do Paço imperial, que serviu de moradia para a família imperial, é um museu. Mas ele continua lá, ao lado de um grande arranha-céu. O mesmo vale para o traçado das ruas do Rio de Janeiro. A cidade moderna herdou as estreitas ruas da colônia. Assim, são a rua do Ouvidor, a rua do Comércio, a rua da Quitanda, dentre outras, que atendiam bem às demandas da cidade colonial, e hoje dão passagem aos modernos carros, a executivos engravatados, a sofisticadas agências bancárias.

Mas, e se acrescentarmos o fato de que o Rio de Janeiro é uma cidade brasileira e que, apesar de possuir um papel central na economia e na dinâmica do país, ocupa um lugar periférico no que se refere às relações internacionais? Afinal, frente a Nova Iorque, Paris ou qualquer grande cidade dos países desenvolvidos, o Rio de Janeiro revela-se uma espécie de síntese da periferia: grandes contrastes sociais, problemas na ordenação urbana, trânsito caótico. Herança do legado colonial, que deixou o Brasil na periferia do mundo capitalista.



Bom, todas essas coisas de que estamos falando têm uma tradução teórica. Milton Santos, em *Por uma geografia nova*, nos apresenta a idéia de *rugosidade*:

As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados.

Assim, o espaço, espaço-paisagem, é o testemunho de um momento de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento no mundo (SANTOS, 1996, p. 138).

Ora, não seriam, portanto, as edificações do período colonial, na cidade do Rio de Janeiro, um registro de sua história, uma *rugosidade*? Sim, e é por isso que o espaço é um testemunho, como afirmará Santos:

O espaço, portanto, é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim, o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas (Santos, 1978, p. 138).

Isso significa que, ao herdar formas correspondentes a um determinado modo de produção, como foi o caso do período colonial, a cidade do Rio de Janeiro, ao se modernizar, teve de levar em conta essas antigas formas, que foram readaptadas – a exemplo do Museu do Paço Imperial. Isso também vale para todo o antigo arranjo espacial da cidade. Assim,

Em qualquer momento, a forma como os objetos geográficos se dispõem pode impor alguns tipos de sujeição sobre os estágios seguintes de desenvolvimento econômico, isto é, determina a escala do mercado para os produtos e serviços, o grau no qual é possível a especialização do trabalho e a forma como o capital pode ser efetivamente empregado (Resources for future apud Santos, 1978, p. 139, nota 7).

Mas cabe considerar que aquilo que vemos não é o espaço. O que vemos é a *paisagem*. O espaço é muito mais que a paisagem. A paisagem é a expressão sensível e perceptível do espaço. A paisagem, como afirma Santos (1997), “é a materialização de um instante da sociedade” (p. 72).

Seria algo como uma fotografia de um dado momento do espaço. Ou ainda, como afirma no mesmo livro, mais adiante, “[a paisagem] é sempre setorial, um fragmento e por isso mesmo sua percepção nos engana, e não nos pode diretamente conduzir à compreensão do real, porque nunca se dá como um todo” (p. 76). O espaço porém, ao contrário da paisagem, é dotado de *movimento*, e daí o fato de ele ser *vivo*, retomando nossa paródia com Foucault.

Ora, o que dota o espaço de *movimento* é a sociedade. É a sociedade, ao relacionar-se – seja através do trabalho, da cultura, da arte –, que produz o espaço. Assim, retomando a nossa primeira aula, quando dizíamos que fazemos geografia todos os dias, poderíamos dizer que, em verdade, o que fazemos, mais do que a nossa geografia, é o nosso próprio espaço. Não um espaço particular, mas o espaço de uma maneira mais ampla, visto que nossas ações têm nele um reflexo direto.

O que estamos vendo, portanto, é que o espaço incorpora, em sua composição, objetos e ações; ou seja, ele congregou as coisas, sejam elas de ordem natural, como uma montanha, ou artificial, como uma ponte; e ações que são, na realidade, a sociedade em movimento. Será nesse sentido que Milton Santos irá cunhar a sua definição de espaço em *A natureza do espaço*, como sendo o espaço um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações.



MODO DE PRODUÇÃO

O conceito de modo de produção foi elaborado por Karl Marx. *Um modo de produção* corresponde à maneira com que as *forças produtivas* se organizam a partir de determinadas *relações de produção*.

As *forças produtivas*, de uma maneira sucinta, correspondem ao conjunto formado pela natureza, sociedade e técnica. As *relações de produção*, por sua vez, correspondem à maneira com que os homens, a partir das condições dadas pela natureza e do grau de desenvolvimento técnico, se organizam por meio da divisão social do trabalho.

No modo de produção capitalista, as *forças produtivas* são marcadas pelo aprimoramento das técnicas, com a introdução do maquinário e as *relações de produção* são baseadas na propriedade privada dos meios de produção, ou seja, o capitalista possui as máquinas e as fábricas e o proletário possui apenas a força de trabalho.

O geógrafo Milton Santos, ao longo de sua trajetória, buscou desenvolver e aprimorar uma idéia baseada no fato de que o espaço é a categoria de análise central da Geografia. Para ele, o espaço é o meio a partir do qual o geógrafo deve observar e interpretar os fenômenos geográficos. Isso deve se dar a partir da consideração de que o espaço é formado por *fixos* e *fluxos* (SANTOS, 1978); ou seja, que há, em sua organização, a natureza e os objetos criados pelo homem – os fixos, a sociedade e toda a gama de relações existentes a partir dela – os *fluxos*.

Milton Santos avançou nessa definição – de fixos e fluxos – para uma interpretação mais coerente da realidade do mundo atual. Segundo ele, vive-se hoje o chamado meio-técnico-científico-informacional, de modo que “hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos” (SANTOS, 1996, p. 50).

Esses fixos e fluxos, por sua vez, não convivem harmonicamente. Não se trata de conceber os processos a partir de uma visão positivista, tal qual vimos na Geografia Tradicional. A proposta da Geografia Crítica é considerar a historicidade dos fenômenos e processos sociais, e daí a consideração de que esses elementos, ao mesmo tempo em que podem ser solidários – no sentido da complementaridade, podem ser contraditórios, no sentido da conflitualidade. Assim,

o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 1996, p. 51).

RESUMO

O espaço não é algo estático, fixo, morto, mas sim algo dinâmico, que interage com a sociedade. Isso supera a visão comum do que é espaço, que passa a ser visto como uma categoria de análise da Geografia.

O espaço acumula tempo, ou seja, ele vai acumulando as marcas de períodos históricos que, com o tempo, vão sendo incorporadas às novas paisagens, às novas dinâmicas que lhes são conferidas.

Segundo Milton Santos, o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações.

ATIVIDADES FINAIS

1. Com base no que foi apresentado quanto à idéia de espaço como acumulação de tempo, analise esse processo a partir da localidade onde mora.

COMENTÁRIO

Ao buscar construir uma interpretação do espaço em que vive, a partir da idéia de tempo acumulado, busque observar, na paisagem, os traços que marcaram a história econômica, social, cultural e artística de sua cidade. Busque correlacionar as antigas edificações e demais construções a uma determinada época que, por exemplo, pode ter sido marcada por um determinado tipo de atividade agrícola. Essa atividade pode permanecer até hoje, mas certamente convive com outros aspectos da economia. Perceba, então, o quanto esses objetos, ou melhor, esses fixos se interagem. Veja o quanto a disposição de um influenciou a disposição de outro, a exemplo das ruas, da estação do trem – caso exista, da rodoviária. Perceba também, no arranjo espacial de sua cidade, o quanto sua história – passada e recente, influenciou na distribuição da população. Verifique se há áreas mais pobres, busque compreender isso à luz dos processos históricos e sociais. Leia o espaço!

2. O que significa dizer que não apenas o homem produz o espaço, mas que o espaço também produz o homem?

COMENTÁRIO

Quando falamos que o espaço produz o homem, estamos querendo dizer que o espaço interage com o homem, e que a produção do espaço é, na realidade, o resultado de uma relação de troca a partir da qual o homem confere novas formas ao espaço e essas novas formas, que dão ao espaço novos arranjos, influenciam a própria reprodução social do homem. Senão, vejamos o exemplo de uma área rural. Suponhamos que uma dada área seja formada em sua quase totalidade, por pequenas e médias propriedades rurais de agricultura familiar. Com a introdução de novas tecnologias, como o trator, os insumos químicos etc., os níveis de competição aumentam, levando muitos pequenos produtores à falência. Vai havendo um processo gradativo de incorporação das pequenas e médias propriedades pelos grandes proprietários, configurando uma nova estrutura agrária. Agora, o predomínio passaria a ser de grandes latifúndios de agricultura mecanizada. O que se observa nesse exemplo é que a produção do espaço, ou melhor, a reestruturação do espaço, modificou a própria reprodução social do homem. Não há mais espaço para a agricultura familiar na área exemplificada, e essa área tende, cada vez mais, a provocar a expulsão do homem do campo. O espaço mudou, mas ele mudou também a vida do homem.



3. De que forma a sociedade confere *movimento* ao espaço?

COMENTÁRIO

A sociedade confere movimento ao espaço a partir de sua dinâmica. A vida de relações, marcada pelas trocas comerciais, por exemplo, confere uma dinâmica ao espaço, visto que ele incorpora elementos que facilitam os fluxos de mercadorias. É como se imaginássemos uma estrada. A estrada vazia, sem o fluxo de caminhões e carros, não é nada, não faz sentido. Ela só existe como estrada se ela cumpre a sua função, que é ligar um ponto a outro. Assim é o espaço. Sem a sociedade, ele não é nada, ele é apenas um conjunto de objetos. Mas o espaço para ser espaço requer também um conjunto de ações. Essas ações devem, por sua vez, interagir com os objetos. Daí o fato de o espaço produzir o homem, como ilustramos na Atividade 3.

AUTO-AVALIAÇÃO

O importante nesta aula é que você tenha compreendido o conceito de espaço. Se você entendeu que o espaço não é algo estático, que ele não é um palco, você deu um importante passo. Se você foi capaz de perceber, a partir da definição de espaço proposta por Milton Santos, que as relações sociais podem ser lidas através do espaço, você está pronto para a aula seguinte, uma vez que, nela, o entendimento de que espaço e sociedade se inter-relacionam será fundamental.

Caso não tenha entendido alguma coisa, sugerimos que você retome a leitura. Como estamos aumentando a complexidade do que estamos falando, é natural que você tenha alguma dúvida. Não se preocupe. Caso isso aconteça, consulte seu tutor se necessitar tirar dúvidas, e discuta com seus colegas nos pólos.

VOCÊ VERÁ NAS PRÓXIMAS AULAS

Aula 6 - A produção do espaço, cujos objetivos são:

- apresentar a você o papel do capitalismo na organização do espaço;
- mostrar os diferentes arranjos espaciais existentes.

Aula 7 - A nova ordem mundial

- apresentar os elementos que caracterizam a nova ordem mundial

AULA 6

A produção do espaço geográfico

Meta da aula

Apresentar ao aluno como o espaço se produz e se organiza.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Definir o que é organização espacial.
- Identificar os agentes organizadores do espaço.

Pré-requisito

Sugere-se que você releia a Aula 5, a fim de relembrar o que foi falado sobre o espaço.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, fizemos contato com os aspectos gerais que norteiam o conceito de espaço. Vimos que ele é algo construído, o que implica uma relação dialética, na qual sociedade e espaço se transformam mutuamente. Adotamos a definição de Milton Santos, segundo a qual o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Nossa proposta agora será apresentar, na prática, como esses sistemas de objetos e de ações conformam o espaço. Para tanto, teremos de entender duas coisas. Em primeiro lugar, que existe uma dada organização do espaço que manifesta em si um determinado conjunto de relações entre os lugares, o que significa, em última instância, uma dada divisão territorial do trabalho – este será o tema desta aula. Em segundo lugar, cabe considerar que determinados agentes possuem uma posição privilegiada, o que lhes possibilita influir na própria organização do espaço, ou seja, a produção do espaço é algo que implica relações de poder. Mas isso veremos apenas na aula seguinte.

Como pudemos ver na nossa aula anterior, a organização do espaço é um processo ligado à sua própria produção, ou seja, ao produzir o espaço, o homem está organizando-o. A forma como espaço se apresenta – pontes, estradas, indústrias, cidades, plantações etc., que é fruto de sua produção – vai conferindo a ele uma forma singular. Imagine, por exemplo, as diferenças entre uma cidade do interior – a sua, talvez – e uma cidade grande, como o Rio de Janeiro. Você certamente já se deu conta de que as diferenças entre essas cidades são muito grandes. Que tal então acompanharmos a estudante Anita em uma visita a essas duas cidades – a do interior e o Rio de Janeiro?

Anita é estudante de Geografia. Desde pequena ela sempre gostou de viajar, e sonhava ser aeromoça. “Assim eu posso viajar o mundo todo”, dizia. A escolha pela Geografia deu-se no Ensino Médio. Ela ficava encantada com as aulas do professor de Geografia. Ele a fizera descobrir que a Geografia lhe permitiria viajar a cada nova leitura. E mais: ela, que andava meio revoltosa naqueles tempos de juventude indignada, via na Geografia uma chance de refletir um pouco melhor sobre os problemas ambientais e sociais do mundo.

Durante o curso universitário, Anita teve a oportunidade de estudar várias coisas. Aprendeu sobre os primeiros geógrafos, estudou a relação do homem com a natureza, dentre inúmeras outras coisas. Agora, chegara o momento de fazer um trabalho de campo.

– Trabalho de campo? Como assim?

– É, Anita, nós vamos fazer uma viagem ao interior do estado do Rio de Janeiro. Vamos conhecer algumas pequenas cidades, como vivem seus habitantes, o que movimenta suas economias etc. – disse Roberto, o professor.

– Mas quem vai pagar por isso?

– A universidade, Anita. Você se esqueceu de que estuda em uma universidade pública e *gratuita*?

Anita estava ansiosa por aquela viagem. Apesar de já ter ido a outros lugares, ela nunca havia feito nada igual. Afinal, além de viajar para lugares onde jamais estivera, teria a oportunidade de conhecê-los à luz de um olhar geográfico.

Anita sempre morou no Rio de Janeiro, em Laranjeiras, pertinho do estádio do Fluminense. Ela, porém, era flamenguista, embora não ligasse muito para futebol. Preferia música – Chico Buarque, Caetano Veloso – e muito papo cabeça, que curtia com os amigos nos barzinhos a que passara a ir com mais frequência depois que entrara para a universidade. Por morar no Rio desde que nasceu, ela estava habituada a alguns aspectos da vida urbana, especialmente de uma cidade grande como o Rio de Janeiro: trânsito caótico, barulho, muito barulho, gente que não acabava mais – “parece que brota gente do chão”, dizia. Ir ao interior, ainda que fosse a estudo, em um trabalho de campo, seria uma oportunidade de *dar um tempo* para a cidade grande. Na verdade, ela até gostava da cidade grande, mas às vezes se estressava.

No trabalho de campo, Anita teve a oportunidade de conhecer algumas cidades do interior. Ali ela percebeu que a atividade agrícola era a principal. Uma delas, porém, possuía uma atividade turística razoável, muito embora isso não a tornasse tão diferente das demais. Eram cidades de poucos habitantes, e pouco servidas de linhas de ônibus.



Em uma delas, mal havia transporte coletivo. As pessoas andavam de bicicleta ou carro e alguns donos de Kombis faziam lotada. Anita e seus colegas repararam também que havia poucos prédios grandes e que a área central reunia o básico, sem muita sofisticação – agências bancárias, mercados, lojas de roupas. Na cidade que explorava o turismo, havia algumas lojas de souvenirs. Nas cidades visitadas por ela, havia, pelas próprias características (economia agrícola), um grande número de estabelecimentos comerciais voltados para o campo, como as lojas de produtos agropecuários, daquelas em que se compram de canários-belga a selas de cavalo. Em um passeio pelo centro da cidade, ela reparou que as pessoas caminhavam mais devagar, o ritmo parecia diferente daquele que ela vivia na cidade grande.

– Coitado do Cazuzu. Aqui o tempo literalmente pára! – brincou com uma amiga, fazendo referência à música de Cazuzu “O tempo não pára”.

Aquela viagem fizera Anita repensar sua própria cidade. Ao chegar ao Rio, passou a reparar com mais detalhe nas coisas às quais estava habituada a olhar. Era como se ela passasse a estranhar o que lhe era familiar.

E assim, passou a se *espantar* com o que via no Rio de Janeiro. Imagine que saindo de uma cidade que mal possui linhas de ônibus, você se defronte com centenas de ônibus numa grande avenida. Ou ainda com a enorme quantidade de carros pelas ruas...

Resolveu então dar uma volta no centro e, como geógrafa que era, decidiu traçar algumas comparações entre as cidades que visitara e a sua. A primeira coisa que notou foi a enorme quantidade de pessoas nas ruas. Percebeu que aquela quantidade enorme de pessoas exigia uma estrutura urbana compatível: transportes coletivos de massa, muitas lojas, muitos mercados, muitas ruas, muito de tudo, inclusive problemas.



Aliás, embora soubesse que tamanho não é sinônimo de problema, como lera em um livro na faculdade, ela sabia que no Rio de Janeiro havia vários problemas: muitas favelas, poluição, violência, e milhares de outros que ela não se lembrava de ter visto naquelas proporções nas cidades que visitara. Pelo contrário, embora também tivesse visto pobreza, esta não era do mesmo tipo que na cidade grande. Mas ela percebeu também que, no interior, o acesso a determinados equipamentos urbanos é sempre mais difícil, especialmente porque alguns só estão presentes nas grandes cidades. Assim, se uma pessoa precisasse fazer uma cirurgia no cérebro, teria de ir ao Rio de Janeiro ou a São Paulo.

A história de Anita nos é bastante útil para pensarmos a respeito da organização do espaço. Embora os exemplos utilizados talvez se mostrem um pouco estereotipados, nós podemos ter algumas noções das diferenças que existem entre os lugares. Percebemos que elas não expressam, apenas aspectos ligados às características exteriores dessas cidades. Cada uma delas ocupa um lugar no interior de uma rede de cidades. Certamente, o Rio de Janeiro ocupa um lugar mais central que as pequenas cidades visitadas por Anita, mas também é provável que não possua a mesma centralidade em relação a outras cidades ainda maiores. Por outro lado, uma daquelas cidades pode ter, apesar de pequena, um papel importante no que se refere à produção de determinado gênero agrícola. Já imaginou uma cidadezinha que produza linho? Talvez seja a única do Estado, o que lhe conferiria uma centralidade singular, algo que o Rio de Janeiro não possuiria.

Vivemos em uma sociedade capitalista, em que a busca pelo lucro é um fator importante para a sustentabilidade dos negócios. Ora, na sociedade capitalista, a produção do espaço, que confere uma forma ao espaço, se traduz em termos das próprias relações capitalistas de trabalho. Senão vejamos: o exemplo da Nike nos ajuda a entender que a busca pela maximização dos lucros levou essa empresa a adotar uma logística a qual o seu processo produtivo está compartimentado. Mas isso não seria possível sem que houvesse, em termos técnicos, a possibilidade de integrar as diferentes etapas da produção dos calçados da Nike, espalhadas em diferentes pontos do globo.

A produção do espaço, neste sentido, implica saber qual é o nível de desenvolvimento técnico existente, que é o que possibilitará, em última instância, o tipo de organização espacial existente. Assim, uma sociedade indígena, que vive na Floresta Amazônica, possui uma forma específica de organização do espaço. Primeiro porque não vive sob a égide das relações capitalistas de trabalho. Segundo porque possui um outro nível de relação com a natureza, baseado em instrumentos simples, que produzem poucos impactos sobre a paisagem. Em contrapartida, uma sociedade moderna, detentora de maquinário e de modernas tecnologias, terá muito mais capacidade de transformar as paisagens. Essa sociedade terá maior capacidade de promover a produção e reprodução do espaço em menor tempo, o que significa dizer que agregará ao espaço novos objetos, e transformará os objetos naturais numa quantidade e velocidade impensáveis para ela. Isso implica, em última análise, impactos ambientais de ordem catastrófica.



ATIVIDADE

1. O que significa dizer que a organização do espaço é sinônimo de produção do espaço?

COMENTÁRIO

Quando falamos que a organização do espaço é sinônimo de produção do espaço, estamos querendo dizer que o ato de produzi-lo implica sua organização, a qual ao mesmo tempo que pode ser planejada, pode ser, também, não planejada, mas que reflete a divisão territorial do trabalho, as características naturais e sociais de cada localidade etc.

OS MEIOS NATURAL, TÉCNICO E TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

A forma como o espaço será organizado, de acordo com o desenvolvimento das técnicas, implicará, de acordo com Milton Santos, a conformação de três momentos desta organização, expressos no que ele definiu como *meio natural*, *meio técnico* e *meio técnico-científico-informacional*.

Levando-se em conta que a base da transformação do espaço é a relação homem-natureza, e que essa relação é mediada pela técnica, entende-se que, quanto mais aprimorada a técnica, mais impactante será a relação do homem com a natureza. O termo “impactante”, cabe ressaltar, não é apresentado aqui totalmente de forma negativa. O impacto ao qual nos referimos liga-se muito mais à qualidade da intervenção. Em último caso, estamos tratando de um processo crescente de *artificialização* da natureza.

Milton Santos salienta que “a história das chamadas relações entre sociedade e natureza é, em todos os lugares habitados, a da substituição de um meio natural, dado a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é, sucessivamente instrumentalizado por essa mesma sociedade” (SANTOS, 1996, p. 186).

O que ocorre, portanto, é que na sua relação com a natureza, intermediada pelas técnicas, o homem vai transformando-a e acrescentando-lhe novos objetos. A esse processo Santos atribui o emprego das palavras “artificializado” e “instrumentalizado”.

O MEIO NATURAL

A idéia de meio natural surge a partir da verificação de uma natureza pura ou, na pior das hipóteses, pouco transformada pela ação do homem. O meio natural caracteriza-se, assim, por um estágio ainda primitivo do desenvolvimento das técnicas, o que permite ao homem níveis limitados de intervenção e modificação das características naturais do meio.

No meio natural, a relação entre sistemas de objetos e sistemas de ações é limitada pela técnica ainda pouco desenvolvida. Assim, os sistemas de objetos compreendem, em sua quase totalidade, os objetos naturais, os sistemas de ações e as relações sociais ainda bastante localizadas e pouco móveis.

Nas palavras de Santos (1996), “nesse período, os sistemas técnicos não tinham existência autônoma. Sua simbiose com a natureza resultante era total” (p. 188), ou seja, as técnicas estavam completamente atreladas à natureza, sendo, a todo tempo, formas complementares a ela. Neste sentido, podemos falar, por exemplo, do moinho de vento ou água – que se utiliza da energia eólica ou hídrica da água. Não há, dessa forma, uma independência dessas técnicas da natureza, como ocorreria, por exemplo, com um sistema de moagem elétrico, que não dependesse do vento ou da água.

O MEIO TÉCNICO

A característica principal do meio técnico é a convivência do natural e do artificial na conformação do espaço. As técnicas estão em um estágio autônomo em relação à natureza. Neste quadro, as técnicas superam muitos limites da natureza, triunfando sobre ela. As técnicas apresentam-se com *próteses* do território, e não mais da natureza. Os tempos sociais, nas palavras de Santos, “tendem a se superpor e contrapor aos tempos naturais” (1996, p. 189).

Pode-se dizer que esse processo começa a se dar de forma mais clara com a Revolução Industrial, quando ocorre uma separação definitiva entre a técnica e os processos naturais. A Revolução Industrial opera, desta forma, uma cisão não apenas na totalidade do processo produtivo, uma vez que o trabalho se torna alienado, na medida em que o trabalhador não mais domina todo o processo produtivo, como também opera uma superação dos ciclos e processos naturais. O espaço da fábrica impõe uma disciplina ao trabalhador. Não se trata mais do pequeno artesão que possuía um controle sobre o seu tempo de trabalho, que podia parar quando desejasse.

O fenômeno da superação da natureza pela técnica e da conformação de um meio técnico, no entanto, limita-se a alguns territórios, conformando, desta forma, uma organização do espaço mundial baseada na presença ou não de determinadas técnicas. Isso implica uma divisão territorial do trabalho segundo a qual algumas áreas, detentoras de determinadas técnicas assumem um papel diferenciado e privilegiado em relação às áreas onde a prevalência é do meio natural.

O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

O período associado ao que Milton Santos denominou meio *técnico-científico-informacional* começa a ganhar contornos mais precisos a partir da década de 1970, quando passa a ocorrer uma interação cada vez maior entre ciência e técnica, operada sob a égide do mercado, e que permite que este atinja, efetivamente, um *status* global.

De acordo com Milton Santos, “a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do fundamento do espaço e tende a constituir seu substrato” (1996, p. 190).

Isso significa dizer, em outras palavras, que a base da produção do espaço hoje é, essencialmente, a interação entre ciência, técnica e informação. Como vimos, é a junção da ciência e da técnica que permite que o mercado alcance a globalidade, ensejando, assim, a chamada *globalização econômica*. Conclui-se, então, que esse espaço globalizado, tal qual vivemos hoje, é fruto da ciência em interação com a técnica. Assim,

pele fato de ser técnico-científico-informacional, o meio geográfico tende a ser universal. Mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando globalização (SANTOS, 1996, p. 191).

Ora, atualmente, com a globalização, um único ponto no globo pode ser capaz de comandar diversas ações, influenciando a vida local. Mais uma vez podemos recorrer ao exemplo da Nike. Da sede da empresa nos Estados Unidos, controla-se todo o processo produtivo, desde a costura dos tênis em Cingapura até a sua venda nos mercados mundiais. Tudo isso graças a essa junção entre técnica, ciência e informação de que Milton Santos fala.

A interação entre ciência e técnica tem possibilitado, também, um processo crescente de artificialização da natureza, ou seja, hoje a ciência e a técnica atingiram um ponto de desenvolvimento que torna possível a produção da natureza em laboratório, a exemplo das técnicas de clonagem e da produção de sementes transgênicas.

Esses assuntos, especialmente da relação entre o global e o local, serão abordados com maior fôlego na nossa aula seguinte.



ATIVIDADE

2.a. Defina meio natural.

COMENTÁRIO

Sua resposta deve levar em conta que o meio natural é caracterizado pela limitação das técnicas em superar a natureza e dominá-la. Esses limites implicam uma intervenção menos impactante do homem sobre o espaço, e significa, também, que há uma relação mais harmoniosa entre o homem e o meio.

2.b. Defina meio técnico.

COMENTÁRIO

Na resposta sobre o meio técnico, leve em conta a separação da técnica em relação à natureza. Não deixe de considerar, também, que nesse estágio há um impacto maior do homem sobre a natureza, o que implica maior possibilidade de transformação do espaço.

2.c. Defina meio técnico-científico-informacional.

COMENTÁRIO

O meio técnico-científico-informacional caracteriza-se, essencialmente, pela interação entre ciência e técnica. Essa interação tem permitido a intensificação do processo de globalização.

Vimos na nossa última aula que o espaço acumula tempo. A isso Milton Santos deu o nome de rugosidade. Mas vimos também que não se trata apenas de “tempo” no sentido literal da palavra. Quando se fala do espaço como acumulação de tempo deseja-se colocar em evidência que os períodos históricos deixam marcas no espaço. Ora, esses períodos históricos são a expressão de uma dada realidade, de uma dada divisão territorial do trabalho. Assim, quando citamos o Rio de Janeiro para exemplificar o acúmulo de tempo, vimos



Casas coloniais junto ao Cais do Porto do Rio de Janeiro.

que aquele espaço representa as marcas do período colonial e representa, ainda hoje, uma condição periférica do Rio de Janeiro e do Brasil no cenário econômico internacional.

Quando falamos de divisão territorial do trabalho, queremos chamar a atenção para o fato de existir uma espécie de divisão do trabalho entre os lugares. Por exemplo: se uma região é especializada na produção de cereais e outra na de automóveis, percebe-se uma clara divisão territorial do trabalho. Enquanto uma área está mais ligada a atividades primárias, como é o caso da produção de cereais, outra volta-se para atividades mais sofisticadas, que incluem o uso de mais infraestrutura tecnológica do que na área agrícola. Isso não significa dizer, é claro, que a área agrícola não possui tecnologias, mas sim que a área industrial requer a agregação de maior estrutura para que funcione.

Mas que implicações esse exemplo nos mostra? Não haveria, por exemplo, maior tendência da área industrial em atrair investimentos que requerem a infra-estrutura de que a indústria automobilística usufrui?

Observe que, pouco a pouco, essas áreas vão se consolidando, se especializando. É claro que elas até possuem uma história anterior, a qual certamente influenciou seu estado atual. Exemplo disso é o fato de o Sudeste brasileiro ser a região mais industrializada do país, enquanto o Centro-Oeste, por exemplo, é uma das regiões mais voltadas para a agricultura. A história dessas regiões foi importante para que se consolidassem essas atividades que predominam em suas paisagens.

O Sudeste, como pudemos demonstrar a partir do exemplo do Rio de Janeiro, na Aula 5, é uma região historicamente marcada pelo fluxo de capitais e por uma certa polaridade política. O Rio foi a capital do Império e, por muito tempo, a capital da República. São Paulo e Rio de Janeiro foram grandes áreas produtoras de café no século XIX. Esses fatores, dentre outros, propiciaram ao Sudeste uma posição privilegiada no cenário nacional. Foi o capital originário do café que fez prosperar a indústria em São Paulo.

O Centro-Oeste, por outro lado, era, até bem pouco tempo, uma região periférica da economia nacional. Somente a partir da década de 1950, com a construção de Brasília e o estímulo do Governo Federal para sua ocupação, é que a área começa a receber grande fluxo de pessoas e capital. Hoje, o Centro-Oeste responde por uma parcela significativa das exportações brasileiras de grãos, especialmente a soja e o milho.

O que vemos a partir desse exemplo é que há, entre o Sudeste e o Centro-Oeste brasileiros, uma clara divisão territorial do trabalho.

Essa divisão territorial do trabalho pode ser vista em diversas escalas. Na escala macro, como no caso do exemplo supracitado, ou ainda em nível mundial, onde, por exemplo, os países centrais concentram os setores mais ligados à tecnologia, e os países periféricos os setores menos ligados à tecnologia. Exemplo: o desenvolvimento de *design, marketing* e novos materiais na sede da Nike, nos Estados Unidos, e a produção dos calçados, como a costura, colagem de solado etc., que ocorre em Cingapura. Neste caso, um país detém o domínio da produção, enquanto outro possui apenas a capacidade de produzir. De forma mais clara: os Estados Unidos detêm a tecnologia para a fabricação dos calçados mais sofisticados. Cingapura apenas faz esses calçados. Isso significa que a mão-de-obra mais qualificada está nos Estados Unidos, enquanto a menos qualificada, na cadeia produtiva dos calçados Nike, situa-se em países periféricos como Cingapura.

Outra escala possível de identificação e manifestação da divisão territorial do trabalho pode ser vista numa mesma cidade. Pense você se na cidade onde mora não existe essa divisão. Em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, por exemplo, observa-se que há áreas especializadas na produção de flores e outras na fabricação de roupas íntimas.

O que estamos percebendo, com todos esses exemplos, é que essa divisão territorial do trabalho vai conformando uma determinada organização do espaço. Voltemos ao caso de Nova Friburgo. A área que concentra as confecções e lojas de roupas íntimas tem atraído outros serviços, como lanchonetes, restaurantes etc., a fim de atender ao público que frequenta aquele trecho da cidade. Ao mesmo tempo, essas confecções e lojas se reúnem num mesmo espaço, a fim de consolidar uma área de venda de roupas íntimas e promover uma economia de escala: os compradores não precisam circular pela cidade em busca de produtos ou melhores preços. Eles têm, praticamente lado a lado, todas as lojas e confecções. Isso facilita também para o fornecedor, que se dirige a um ponto da cidade, barateando o frete e, conseqüentemente, ajudando a reduzir o preço final da mercadoria.

**ATIVIDADE**

3. Explique com suas palavras o que é a *divisão territorial do trabalho*.

COMENTÁRIO

Quando falamos em divisão territorial do trabalho, estamos falando de uma divisão segundo a qual cada área responde por uma determinada parcela da produção.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E AS RELAÇÕES DE PODER

No decorrer da aula anterior, vimos que a sociedade produz o espaço como forma de garantir sua reprodução. Vamos retomar uma citação de Corrêa (1995) para lembrar esta importante questão:

A organização espacial é assim constituída pelo conjunto das inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social. A sociedade concreta cria seu espaço geográfico para nele se realizar e reproduzir, para ela própria se repetir. Para isto, cria formas duradouras que se cristalizam sobre a superfície da Terra (p. 57).

PLANEJAMENTO TERRITORIAL

O planejamento territorial corresponde às estratégias adotadas pelo Estado na organização de seu território, visando, com isso, a maximizar os processos produtivos e estimular o desenvolvimento de determinadas áreas. O planejamento territorial inclui, dentre outros instrumentos, a intervenção no espaço por meio da construção de estradas, barragens, hidrelétricas etc., que visem a promover o desenvolvimento de uma área, como também a negociação com diferentes **ATORES**, tais como empresas, sindicatos e comunidades locais na busca pelo equilíbrio de interesses. O que ocorre, entretanto, na maior parte das vezes, é que o planejamento territorial, em geral, está atrelado aos interesses das grandes corporações – sejam elas nacionais ou internacionais, que pressionam o Estado em prol da realização de ações no território que beneficiem seus interesses.

Como tenta demonstrar Corrêa, ao construir o espaço, o homem vai incorporando à paisagem um conjunto de objetos. Ilustramos isso com a construção de pontes, a canalização de rios, a abertura de estradas etc.

Cabe considerar, contudo, que o espaço em sua globalidade (ou totalidade) não é apenas a construção de um agente, a partir das cristalizações que ele realiza no espaço. Este é na realidade, o conjunto de sobreposições de diferentes arranjos espaciais, cada qual cumprindo uma função e atendendo a diferentes interesses.

Para ilustrar, Corrêa recorre à metáfora sugerida por Ruy Moreira, que, na busca pela explicação dessas sobreposições de diferentes arranjos espaciais, comparou o espaço a uma quadra esportiva polivalente, ou seja, da mesma forma que a quadra polivalente possibilita, com suas diferentes marcações, a prática de várias modalidades esportivas – futebol de salão, vôlei, basquete, handebol etc. –, o espaço, com aquelas sobreposições, também permite, ou melhor, se expressa, a partir de diferentes fluxos e arranjos. Há, porém, uma diferença crucial entre a quadra e o espaço: enquanto na primeira só é possível a prática de uma modalidade por vez, neste último, todas as *modalidades* são praticadas simultaneamente.

ATOR

Aquele que possui papel ativo em algum acontecimento.

Mas ocorre que, segundo Corrêa (1995):

Para que essa globalidade da organização espacial se verifique torna-se necessário um certo nível de compatibilidade entre os agentes modeladores da organização espacial. Isto acontece quer através da ação coordenadora e repressora do Estado via **PLANEJAMENTO TERRITORIAL**, quer através da aliança de interesses das grandes corporações capitalistas, que são capazes de organizar o espaço, ao menos parcialmente, segundo seus interesses (pp. 59-60).

Estamos percebendo que os rumos da organização do espaço estão nas mãos daqueles que possuem melhores condições de defini-lo. Nesse caso, o Estado e as grandes corporações. Isso implica dizer que o cidadão comum, sujeito individual, é cada vez menos decisivo e influente nos rumos da produção global do espaço, especialmente com o advento do período técnico-científico-informacional, quando o global atua fortemente sobre o local. Os agentes individuais podem, é claro, promover modificações no espaço, mas não chegam a ser mudanças que induzem as ações de outros agentes. Por outro lado, uma vez organizados, os agentes individuais podem exercer pressão sobre o Estado para que este atue de acordo com seus interesses. Um exemplo é a formação de federações de indústrias, a organização de movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) ou ainda dos inúmeros movimentos urbanos que lutam pela democratização do espaço urbano – desde passeatas pela construção de passarelas, até movimentos organizados na luta por moradia, como foi o caso da Faferj (Federação das Favelas do Rio de Janeiro) durante um período marcado por políticas de remoção de favelas (anos 1960 e 1970).

Mas então, do ponto de vista da produção global do espaço, de que forma isso se dá? Como os conflitos dos diferentes atores sociais se manifestam na produção do espaço? Vejamos.

Em primeiro lugar, cabe considerar a escala de que estamos tratando. Do ponto de vista da microescala, nós, sujeitos individuais, cidadãos, temos muito mais condições de interferir na produção do espaço do que numa macroescala. É desigual a relação de poder entre um indivíduo e uma grande empresa ou o próprio Estado. Mas o fato de termos maior controle sobre a produção do espaço em nível local não significa dizer que esse controle seja uma realidade. Trata-se apenas de uma possibilidade, visto que, mesmo em escala local, há diferentes interesses em jogo. Além disso, como veremos na aula seguinte, com a globalização a escala local tem ficado cada vez mais suscetível aos acontecimentos globais, havendo, com isso, uma grande tendência à perda de sua autonomia.

PÓS-FORDISMO

É o nome dado às recentes mudanças no modelo de produção adotado pelas fábricas e que vêm provocando grandes mudanças em nível da organização do espaço. O pós-fordismo tem esse nome porque apresenta característica de superação ao modelo fordista de produção. No modelo fordista, em síntese, a base era o Estado do Bem-Estar Social atrelado a grandes unidades fabris, de estrutura verticalizada. Nesse modelo, a tendência geral era a concentração de grandes parques industriais em áreas que tinham seu processo de urbanização completamente atrelado a essas atividades. No pós-fordismo, por outro lado, a produção se baseia numa estrutura descentralizada, em que cada momento da produção ocorre de forma independente. Assim, uma fábrica pode ter várias unidades, espalhadas por várias partes do globo, cada qual responsável por uma etapa do processo produtivo. Junto a isso, verifica-se um crescente afastamento do Estado da economia, num processo de liberalização. Trata-se do Estado neoliberal, que dá maior liberdade e mobilidade às empresas. Tudo isso, porém, só tem sido possível em função do desenvolvimento de tecnologias de comunicação e transportes que permitiram que as distâncias entre os lugares fosse reduzida, facilitando, com isso, a gestão do processo produtivo e a circulação de capital pelas grandes corporações.

Em escala local, por exemplo, podemos citar a produção do espaço urbano. Sabe-se que este é formado por diferentes atores sociais – trabalhadores, patrões, construtoras, indústrias, bancos, governo, homens, mulheres, negros, brancos etc. Mesmo entre esses distintos atores há diferenças marcantes: dentre os trabalhadores pode haver aqueles que são negros e que sofrem o preconceito de outros trabalhadores brancos. Dentre as indústrias, pode haver aquelas que têm interesse na construção de uma estrada e outras que preferem a construção de um canal...

Como se vê, a multiplicidade de atores reflete-se em multiplicidade de interesses. Cada qual possui uma estratégia que, para ser bem-sucedida, requer um conjunto de transformações e ações sobre o espaço. Essas transformações não passam necessariamente por esses atores. Eles podem induzir outros atores que realizem seus objetivos. O mais solicitado desses atores é o Estado. Em geral, prefeituras, governos estaduais e federais são pressionados a direcionar seus gastos para determinados setores. Assim, se aquelas empresas não chegarem a um consenso, as que possuírem maior poder de barganha junto à prefeitura ou ao governo estadual poderão atingir seus objetivos. Esse poder de barganha pode ser obtido por meio do apoio político a vereadores ou mesmo ao prefeito. Pode ser obtido, ainda, sob a ameaça de abandonar a cidade, fazendo, com isso, com que a prefeitura deixe de arrecadar impostos, ao mesmo tempo que aumentará o número de desempregados, forçando uma situação de pressão política sobre a prefeitura.

Numa escala mais global, podemos observar isso em relação ao processo de dispersão industrial. Como ilustramos anteriormente com o caso da Nike, com o atual estágio de desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, tornou-se possível fragmentar o processo produtivo, instalando-se unidades voltadas para diferentes partes da produção, em diversas localidades do globo. Trata-se de um fenômeno que vem impulsionando essa fragmentação da produção industrial, que diz respeito a um novo modelo produtivo, chamado por alguns autores, de **PÓS-FORDISMO**. Obviamente, a localização dessas unidades fabris levará em conta a redução de custos e a maximização dos lucros.

Mas considerará também a estabilidade política dos governos, a estabilidade da economia e a possibilidade de expandir seus produtos no mercado local, dentre inúmeros outros fatores. Apesar de essa relação parecer vantajosa apenas para as empresas – o que acaba sendo –, os governos locais vêem a possibilidade de atrair, com sua instalação, os capitais que serão investidos em sua instalação e funcionamento, como também outras empresas, que possam servir de suporte. Um exemplo disso é a fábrica de caminhões da Volkswagen em Resende. Ao lado dela, a poucos metros, no município vizinho Porto Real, instalaram-se fábricas voltadas para a produção de vidros e plásticos automotivos, além da produção de peças em aço galvanizado. À instalação da fábrica da Wolks seguiu-se a instalação da Peugeot-Citroën, que fabrica automóveis de passeio. Em pouco tempo formou-se, naquela localidade, um complexo automotivo, modificando completamente a paisagem local, que era, até uma década atrás, uma área de pastagem. Mesmo assim, curioso é chegar à portaria da fábrica da Wolks e avistar, a poucos metros, áreas verdes, cercadas com arame farpado, repletas de cabeças de boi.

O que estamos tentando mostrar é que a produção do espaço é, antes de tudo, um processo que é majoritariamente realizado pelo jogo do poder, segundo o qual aqueles atores sociais que estão em posição de vantagem – econômica, política, cultural etc. – possuem uma hegemonia do processo.

Sendo assim, uma vez que determinados atores sociais possuem uma posição privilegiada na produção do espaço, verifica-se que este irá expressar não apenas esses interesses, como também suas contradições. Dessa forma, numa cidade como o Rio de Janeiro, as áreas mais bonitas e valorizadas pelos equipamentos urbanos que possuem ou ainda pela facilidade do acesso são de grande interesse da construção civil de alto luxo. Um exemplo é a Barra da Tijuca, ou ainda a Zona Sul da cidade, com bairros como Copacabana, Ipanema e Leblon. Por outro lado, os pobres da cidade são empurrados por esse avanço do mercado imobiliário para áreas cada vez mais distantes e menos valorizadas, que muitas vezes não possuem sistema de água e esgoto, asfalto ou acesso facilitado. Na década de 1960, por conta da expansão imobiliária na Zona Sul da cidade, milhares de favelados foram removidos de suas casas – que ocupavam áreas valorizadas da cidade – e transferidos para conjuntos habitacionais como a Cidade de Deus ou Vila Kennedy.

Nestes locais, as pessoas sofreram com a falta de estrutura urbana, com a distância do mercado de trabalho e a ruptura dos laços sociais preexistentes. O que esse exemplo ilustra é que, na disputa pela produção do espaço, é tendência geral que os grandes empresários tenham melhores condições de pressionar o Estado no que se refere a seus interesses. No caso dos moradores de favela que foram para a Cidade de Deus, por exemplo, se eles possuísem um poder de pressão e barganha maior que o dos empresários do mercado imobiliário, poderiam ter pressionado o Estado a oferecer-lhes melhores condições de moradia no local onde estavam, reformando suas casas e garantindo, assim, que permanecessem próximos aos seus locais de trabalho e que não perdessem seus vínculos locais – com o bairro e seus vizinhos.

RESUMO

- A divisão territorial do trabalho conforma uma dada organização do espaço. Dizemos que a organização espacial é sinônimo de produção do espaço, visto que, ao produzir espaço, os atores sociais vão definindo, gradativamente, a forma com que cada objeto e ação se localizará e se relacionará.
- Hoje vivemos o chamado meio técnico-científico-informacional, que vem sustentando o processo de globalização por meio da união da ciência com a técnica.
- A produção do espaço é resultante de conflitos de interesses que, em geral, são resolvidos com base no poder que cada ator possui de determinar seus rumos. Isso significa dizer que a produção do espaço é resultante de relações de poder.

ATIVIDADE FINAL

Estabeleça uma relação entre produção do espaço e relações de poder. Apresente um exemplo.

COMENTÁRIO

A produção do espaço envolve a participação de inúmeros atores – estado, empresas, população etc. Cada um deles contribui, à sua maneira, com a incorporação de novos elementos ao espaço e/ou com a sua remodelação. Inúmeras vezes, porém, esses elementos e os interesses a eles atrelados se sobrepõem, estabelecendo-se conflitos. Assim, por exemplo, uma pequena propriedade agrícola, baseada na agricultura familiar pode ser um obstáculo à grande propriedade rural, baseada no latifúndio e na mecanização da produção.

A tendência, nesse caso, é de que a pequena propriedade seja literalmente engolida. Em inúmeras situações, contudo, esse processo desencadeia conflitos no campo, entre aqueles que perdem sua terra (por conta da lógica do mercado) e os grandes proprietários rurais.

Outro exemplo pode ser listado da relação entre favelas situadas em áreas nobres e os interesses dos grandes incorporadores imobiliários. De um lado a luta dos favelados, por um lugar para morar; de outro, o desejo de construir prédios de luxo.

AUTO-AVALIAÇÃO

O objetivo desta aula era que você fosse capaz, ao final, de definir o que é organização espacial e identificar quais são os agentes organizadores do espaço.

Se você é capaz de dizer que a organização do espaço é um processo autônomo e ao mesmo tempo associado a um conjunto de interesses, já deu um importante passo.

Quanto aos agentes organizadores do espaço, se você é capaz de identificar que esses agentes são vários e que predominam aqueles que possuem maior capacidade de influenciar as ações sobre o espaço, deu mais um importante passo, podendo, dessa forma, passar à aula seguinte.

A nova ordem mundial

Meta da aula

Apresentar ao aluno os elementos que caracterizam a nova ordem mundial.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Definir o que é a nova ordem mundial.
- Listar os principais aspectos da nova ordem mundial.
- Caracterizar os elementos que impulsionam a nova ordem mundial.

Pré-requisito

Para facilitar a leitura desta aula, sugerimos que você faça a releitura das Aulas 5 e 6.

Uma vez conhecido, em tese, o que é o espaço, que elementos o definem e como se manifesta em termos reais, passemos a uma leitura do mundo contemporâneo à luz do que aprendemos sobre o espaço.

Nesta aula, a nossa proposta é aproveitar o momento de discussão sobre o espaço e apresentar-lhe uma breve caracterização do mundo atual. Este conteúdo, a exemplo das aulas anteriores, não se aplica diretamente às primeiras séries do Ensino Fundamental. Antes, servirá como uma ferramenta importante para a qualificação de sua prática profissional. Nossa proposta é apresentar um quadro geral sobre o mundo contemporâneo, de modo que, caso tenha interesse, possa aprofundar posteriormente, inclusive junto ao seu tutor, alguma questão da aula.

Acreditamos que, com os instrumentos fornecidos nesses dois primeiros módulos, você se sinta mais à vontade com a Geografia e possa aprimorar a sua prática pedagógica. Esta é a penúltima aula do Módulo 2, que tratou do espaço geográfico. Daqui em diante, você terá aulas menos *teóricas* e mais práticas, nas quais buscaremos mostrar-lhe como trabalhar a noção de espaço em sala de aula e como superar a visão tradicional de espaço de uma forma simples e elucidativa.

Do nosso ponto de vista, seria estranho, uma vez estudado o conceito de espaço, não termos um momento em que pudéssemos, a partir dele, interpretar o mundo. Mesmo porque uma visão mais completa e teoricamente embasada é fundamental na transposição didática da noção de espaço em sala de aula.

Anita acabara de chegar em casa. Estava muito cansada. Havia estudado o dia inteiro para uma prova na faculdade. Mas não ia deitar-se tão cedo, embora já tivesse tomado seu banho. É que a prova seria no dia seguinte, e ela ainda tinha muitas dúvidas. Decidiu, então, telefonar para a amiga Joana, a fim de conversar um pouco sobre a matéria da prova:

– Alô, Joana?

– Oi, Anita, como vai?

– Mais ou menos... Eu ando meio estressada com essa prova...

Anita andava meio inconformada com o professor de Geografia do Mundo Contemporâneo. Parecia que ele achava que os alunos só cursavam a sua disciplina e que tinham todo o tempo do mundo. Não parava de passar textos e mais textos. Chegara ao ponto de pedir a leitura de um livro inteiro.

– Ah, Anita, você é muito estressada mesmo! Olhe, vamos fazer o seguinte: o que você acha da gente dar uma voltinha? Vamos ao shopping?

– Tá bom, eu vou. Mas já são quase oito da noite. Você acha que dá tempo?

No passeio, as duas olhavam as vitrines enquanto conversavam. Mas algumas coisas chamaram a atenção de Anita de uma maneira especial naquele dia.

– Sabe, Joana, eu ando estudando feito uma louca. Estava olhando essas vitrines e me vieram umas coisas à cabeça. Agora, veja só, eu aqui, num shopping, pensando em Geografia... Comecei a reparar que não há uma vitrine que não tenha algumas inscrições em inglês. É uma coisa impressionante. Parece que estamos em um outro país. Você já se deu conta disso? E mais, você já reparou na quantidade de produtos de marcas estrangeiras?

– Pois é. Só que o mais curioso é que muitos desses produtos sequer são fabricados em seus países de origem...

Logo em frente havia uma loja especializada em produtos eletrônicos. Havia aparelhos de som, telefones, rádios portáteis e toda sorte de bugigangas que só vendo.

– Moça, posso dar uma olhadinha naquele *walkman* ali?

Joana recebeu o aparelho das mãos da vendedora e pediu que ela lhe mostrasse a caixa também.

– Você está vendo aqui, Anita?

E, mostrando a caixa a Anita, ela aponta para a inscrição “Made in Malaysia”.

– Eu não sabia que a Sony era um empresa malásia...

– E não é! E isso é Geografia! Você se lembra do que foi falado sobre o espaço?

– Sim. O espaço é produzido e organizado por determinados atores etc.

– Mas e então, você não vê nenhuma ligação entre as coisas?

– Bom, no mínimo, deve ser por causa do custo da mão-de-obra. É isso? Eu andei lendo algo a respeito, mas não tenho muita certeza.

– Anita, você precisa parar de achar que não tem certeza. A dúvida é algo saudável, mas a insegurança é algo péssimo! Olha, o que acontece é que a Sony, como você bem disse, busca na Malásia uma mão-de-obra mais barata.

Mas não é só isso. Na Malásia não há um sindicalismo forte, que pressione os patrões a aumentarem os salários ou a oferecerem melhores condições de trabalho. Ali também há uma infra-estrutura relativamente barata. A energia lá, em termos proporcionais, é bem mais barata que nos EUA ou no Japão.

– Acho que estou começando a entender as coisas um pouco melhor.

– E você já se deu conta de que no Brasil algo semelhante vem ocorrendo?

– Sim, é a chamada flexibilização das leis trabalhistas e lei do incentivo fiscal.

– Isso mesmo! E você ainda anda preocupada com a prova...

– É, você tem razão. Aliás, a flexibilização das leis trabalhistas e a lei do incentivo fiscal, dentre outras medidas, visam justamente a atrair empresas estrangeiras em busca de facilidades que não são possíveis em seus países de origem.

– Mas não é só isso, Anita. Nada disso seria possível se não houvesse uma estrutura de comunicação e transporte que permitisse a gestão e gerenciamento dessas unidades a produtivas distância, dos países-sede e, ao mesmo tempo, um escoamento dessa produção para o mundo todo.

– É verdade. Isso me faz lembrar do chamado meio técnico-científico-informacional, do Milton Santos.

– E Anita, agora voltando um pouco, dá para imaginar que não é só a Sony que produz o espaço. Outras centenas de milhares de empresas, na busca pelos menores custos de produção, vêm transformando gradativamente o cenário do mundo, especialmente nos últimos 30 anos. Tudo isso vem sendo chamado globalização, e tem um forte viés econômico.

– É, dá pra ver. Afinal, estamos em um *shopping center*, um templo do consumo! Mas também um templo da colonização cultural! Por que não “centro de compras”, ou “correio eletrônico”, em vez de “*shopping*” e “*e-mail*”?

– Bom, estamos vendo que não se trata apenas de questões econômicas. Aliás, com tantas facilidades para as empresas, como ficam os trabalhadores?



– Você já se deu conta de que os objetos a sua volta “contêm” Geografia?

Falar do mundo contemporâneo é falar, por extensão, do fenômeno da globalização. Esse fenômeno, porém, está longe de ser explicado de forma simples, e ao mesmo tempo não há, entre os estudiosos do tema um consenso sobre suas características e seus efeitos na sociedade. Apesar disso, porém, alguns elementos são marcantes na globalização, dentre eles o binômio *globalização-fragmentação*. Argumenta-se que ao mesmo tempo em que há uma tendência à globalização – da economia, da cultura, dos lugares –, há também uma tendência à fragmentação. Isso ocorre porque a globalização não é um fenômeno uniforme. Seus impactos variam de lugar para lugar, produzindo efeitos positivos para alguns e fragilizando cada vez mais a vida de outros. Além disso, verifica-se que a globalização atinge, de uma forma ou de outra, a vida de, praticamente, todas as pessoas no mundo. Ela está presente em nosso cotidiano, como, por exemplo, nos produtos que consumimos, ou ainda na programação da TV, que nos coloca em contato com o mundo, por meio de sua tela.

A globalização começa a se descortinar aos nossos olhos com um simples programa de TV ou uma breve navegada na Internet.



Mas qual seria, então, o principal vetor da globalização? Ou, em outras palavras: O que define a globalização?

O geógrafo Rogério Haesbaert (1998), em seu livro *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*, afirma:

A globalização contemporânea é vista antes de tudo como um produto da expansão cada vez mais ampliada do capitalismo e da sociedade de consumo, acarretando uma crescente mercantilização da vida humana, que teria atingido níveis inéditos na história (p. 13).

O sociólogo **MANUEL CASTELLS** (1999), por sua vez, acredita que a globalização é um fenômeno resultante da revolução tecnológica da informação e da reestruturação do capitalismo. Segundo ele, a globalização caracteriza o que denominou *sociedade em rede*.

Milton Santos, como vimos na aula anterior, caracteriza esse período, a partir da idéia de meio técnico-científico-informacional. Segundo ele, a revolução dos meios de informação e comunicação, aliada ao desenvolvimento da ciência, teria levado à globalização dos mercados.



MANUEL CASTELLS (1942)

É um dos mais importantes sociólogos de nossa época. Escreveu, dentre outras obras, *A questão urbana* e *A sociedade em rede*.



ATIVIDADE

1. Elabore uma definição de globalização, com suas palavras, com base nas definições apresentadas.

COMENTÁRIO

O que estamos vendo é que a globalização caracteriza-se pela intensificação das relações entre os lugares, cuja principal característica é o crescente volume de transações comerciais. Esse processo, no entanto, ocorre em função das possibilidades postas pelo desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação.

As trocas comerciais intensificadas com a globalização refletem-se não apenas na economia dos países, mas também em sua organização social, política e cultural. Imagine o impacto econômico causado pela penetração de produtos estrangeiros, com preços mais competitivos e, ao mesmo tempo, que traduzam novos valores culturais. Dessa forma, pode-se afirmar que a globalização, apesar de possuir atualmente ênfase na economia, também possui outras dimensões – políticas, sociais e culturais.



Estamos afirmando isso por acreditar que a globalização, como um fenômeno de ordem geral, traduza, antes de tudo, uma idéia de globalidade, ou seja, de que tudo e todos estão ligados, de um modo ou de outro. Desse modo, o espaço que caracterizava as sociedades mais tradicionais, as relações sociais, culturais e econômicas raramente ultrapassava as fronteiras locais. Atualmente, essas relações, em todos os seus níveis, não só extrapolam as fronteiras locais como se modificam, na medida em que o contato com outras sociedades permite não apenas a troca comercial, mas também a cultural.

Muitos historiadores, como Giovanni Arrighi, em seu livro *O longo século XX*, defendem a idéia de que a globalização é um fenômeno que começou a ganhar força já no século XVI, quando se deu o início das grandes navegações e a ampliação do espaço conhecido pelos europeus. Outros autores, como **ERIC HOBSBAWM**, já preferem apontar o período da Revolução Industrial como o momento-chave para a compreensão do mundo globalizado. O fato, porém, é que esses momentos caracterizam-se pela intensificação das relações entre os lugares, impulsionada pelo avanço das relações comerciais e/ou pela divisão internacional do trabalho. Se no século XVI a busca por novas rotas comerciais fez com que lugares antes isolados passassem a ter algum tipo de ligação, no século XVIII, com a Revolução Industrial em curso, intensificou-se a divisão internacional do trabalho, sendo os países periféricos as áreas a partir das quais eram produzidas as matérias-primas utilizadas pelas indústrias européias.



**ERIC HOBSBAWM
(1917)**

É um dos mais importantes historiadores de nossa época. De formação marxista, Hobsbawm escreveu inúmeros livros, dentre os quais *A era dos extremos*, *História do marxismo* e *Os trabalhadores*.

Com o passar do tempo, a ligação entre esses lugares se intensificou, e cada vez mais novos lugares estabeleceram uma ligação, especialmente em função das trocas comerciais.

Esse período de que estamos falando caracteriza o chamado *meio técnico*, ao qual nos referimos na Aula 6. Isso significa que não havia uma simbiose entre os instrumentos criados pelo homem e a Natureza. Não havia, também, meios de transporte e comunicação eficientes o bastante para que a ligação entre os lugares se desse de forma imediata. Assim, cada localidade conseguia manter suas características globais praticamente intactas. Isso nos reporta à idéia de região e *gênero de vida* de Vidal de La Blache, apresentada na Aula 3. A leitura de La Blache era, portanto, atrelada ao seu tempo. Ele traduziu na idéia de gênero de vida a singularidade das regiões que considerava como áreas que possuíam uma dada uniformidade – natural, cultural e econômica.

Os lugares do globo, assim, não eram afetados de todo pelos processos econômicos em voga. O grau de penetração das relações capitalistas de trabalho ainda era pequeno, se comparado ao atual.

O que vem ocorrendo atualmente, contudo, é um crescente processo de intensificação das relações entre os lugares, o que faz com que a região em seus moldes tradicionais seja algo completamente difícil de existir. Daí a importância crítica de Milton Santos, apresentada na Aula 4, na qual ele afirmava que a região estava morta. Vamos lembrar uma citação desse autor que está naquela aula, para que possamos entender melhor esse processo:

Nas condições atuais da economia universal, a região já não é uma realidade viva, dotada de coerência interna. Definida sobretudo do exterior, seus limites mudam em função dos critérios que lhe fixamos. Por conseguinte, a região não existe por si mesma (1996, p. 10).

Ora, quando utilizamos esta citação, estávamos querendo situar o contexto em que a Geografia se renovava. Esse momento é o que estamos estudando agora.

O que esta citação nos traz em termos de reflexão sobre a dinâmica atual do mundo? Bom, em primeiro lugar, o autor fala que a região, atualmente, já não é uma realidade viva, dotada de coerência interna.

Isso significa que a região, quando é uma unidade “autônoma” tal qual a concebia a Geografia Tradicional, é algo que não faz sentido no mundo atual. Isso porque, atualmente, a região e qualquer outra localidade têm muito de suas características e dinâmicas definidas a partir do exterior. Isso explica o fato de ela, a região, não existir “por si mesma”, como coloca Santos.

Será que poderíamos fazer essa reflexão à luz de nossa realidade?



ATIVIDADE

2.a. Faça uma breve análise da paisagem de sua cidade, levando em conta a presença da globalização.

COMENTÁRIO

Observe que a paisagem de sua cidade, por menor que esta seja, é tomada por veículos de marcas estrangeiras, por produtos e programações de televisão que não se limitam apenas ao local. Da mesma forma, a partir de seu computador ou telefone, você pode “ligar” sua cidade a diversos pontos do globo. Mas isso não é o bastante. Imagine, agora, que vivemos numa economia mundializada, e que os acontecimentos de ordem econômica nos grandes centros do capitalismo, ou mesmo fenômenos epidemiológicos, como o vírus da vaca louca, podem devastar economias locais como a da sua cidade. Imagine, por exemplo, que, com a velocidade atual dos meios de transporte e comunicação, um vírus como o da vaca louca pode chegar tão rápido à sua cidade como a notícia, no mundo todo, de que ela foi atingida por esse vírus. Isso certamente teria impacto não só na sua cidade, mas no país todo. O Brasil teria seu mercado de carne e leite ameaçado por essa notícia. Daí o fato de no mundo todo haver um controle rigoroso da entrada de pessoas, sementes, carnes e outros elementos que podem carregar consigo vírus e outros males.

2.b. Quais seriam os limites da abordagem tradicional da Geografia diante das transformações do mundo contemporâneo?

COMENTÁRIO

A abordagem tradicional levava em conta aspectos ligados às dinâmicas locais. A relação entre os lugares, embora presente, não era o fator determinante para a caracterização dos lugares, que eram definidos, em última instância, a partir de si próprios. Com a dinâmica atual do mundo contemporâneo, a antiga noção de região perde sentido, e idéias como a de gênero de vida, cunhada por La Blache, perdem sentido em função da interação cada vez maior entre os povos e suas culturas.

TOTALITARISMO

Regime político totalitário, que não admite qualquer forma de divisão e que exige a completa subserviência do cidadão ao Estado.

Vivemos hoje o que Milton Santos, em seu livro *Por uma outra globalização*, denominou como *globalitarismo*, que seria uma forma de **TOTALITARISMO** global. No período atual, há uma prevalência do global sobre o local, mas, ao mesmo tempo, esse global é comandado por poucos atores, tais como grandes empresas, grandes bancos e países como os Estados Unidos, que fazem uso de seu poder militar, econômico e político para facilitar a realização dos interesses desses grupos. Um exemplo claro do que estamos falando é a presença permanente de um contingente de milhares de soldados americanos em toda a região do Oriente Médio. Os recentes conflitos no Afeganistão e Iraque são a demonstração mais clara de que os EUA desejam obter um controle sobre a região a fim de facilitar seu acesso – e das empresas americanas – às reservas de petróleo da região.

Você já se deu conta de que nosso cotidiano, a partir de nossas relações sociais locais, também é, até certo ponto, “governado” pela globalização? Pense, por exemplo, que ao consumir produtos ou serviços das marcas Microsoft, Volkswagen, GM, Samsung, Philips, Sony, Bunge, Carrefour, ABN-Amro, dentre outras, nós estamos alimentando toda essa dinâmica. Pense ainda no poder que essas empresas têm no que se refere ao seu peso econômico e político no âmbito das decisões governamentais locais.

Para se ter uma idéia do poder que essas corporações possuem, podemos citar, com base em Gilberto Dupas (2001), que as cinco maiores empresas do mundo – a General Motors, a rede Wal-Mart, a Exxon-Mobil, a Ford e a DaimlerChrysler – faturaram, só em 1999, o total de 831 bilhões de dólares, o que superava o **PIB** brasileiro da época. Isso revela que essas empresas representam, junto a outras grandes corporações, a base da economia internacional, o que significa dizer, em última instância, que elas assumiram um papel tão fundamental na economia internacional – gerando milhares de postos de trabalho no mundo inteiro, movimentando capital e produzindo bens – que seu poder de barganha junto aos governos locais é quase total.

PIB

Produto Interno Bruto, corresponde à soma de todas as riquezas geradas em um país ao longo de um ano.



Seria um novo colonialismo a presença das grandes corporações nos países periféricos?

A Volkswagen, por exemplo, conseguiu do estado do Rio de Janeiro uma série de concessões para que se instalasse em Resende, dentre elas, a cessão do terreno onde seria construída a fábrica, bem como a isenção de impostos durante alguns anos.

O principal aspecto de ordem econômica e política em relação à globalização é que essas dimensões constituem a base a partir da qual a globalização ganhou força. Já nos reportamos a autores que situam o “início” da globalização em um passado não muito distante – seja na época da expansão marítima européia, seja no período da Revolução Industrial. Pode-se afirmar, sem dúvida, que o principal vetor da globalização foi o capitalismo. A propósito, já havíamos visto nas Aulas 5 e 6 que o capitalismo é a principal matriz da produção do espaço. E é justamente com base nessa prerrogativa que devemos compreender a globalização. O mundo hoje é o que é em função do que o capitalismo fez dele. Falamos isso com uma ressalva, já mencionada em aulas anteriores: a produção do espaço se dá a partir de relações de poder. Nesse caso, o capitalismo, com seus antagonismos e contradições, orienta essa produção, mas não se pode falar dela sem que se pense que ela reflete essas contradições, como ilustramos na Aula 5, dando o exemplo das favelas nas cidades.

RESUMO

Como é a Geografia do mundo contemporâneo? A dinâmica atual do mundo é impulsionada pela globalização dos mercados, e isso também tem implicações de ordem política e cultural.

O binômio “globalização-fragmentação” se faz presente em diferentes aspectos. Por exemplo, ao mesmo tempo que se acompanha uma globalização da produção de produtos, observa-se uma fragmentação do trabalho. Da mesma forma acontece quando as economias se globalizam e grupos de países buscam se unir para se proteger dos efeitos nocivos da globalização.

A globalização tem provocado impactos de ordem cultural nos locais onde se faz presente. Muitos grupos – religiosos, nacionalistas – vêm buscando se defender da tendência homogeneizadora da cultura “global”, como é o caso dos muçulmanos. Outros, entretanto, buscam dar um novo significado a suas culturas, à luz do contato com outras culturas, propiciado pela globalização.

ATIVIDADE FINAL

Explique, com base no que leu e com suas palavras, o que entende por globalização.

AUTO-AVALIAÇÃO

Se você compreendeu que a globalização tem implicações que extrapolam a esfera econômica, e que esse fenômeno se caracteriza pela sobreposição do local ao global, deu um grande passo.

Você terá dado um outro grande passo caso tenha sido capaz de identificar as principais características da globalização.

Parabéns! A cada nova aula, novas coisas aprendidas, novos desafios superados.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na nossa próxima aula, apresentaremos uma reflexão mais aprofundada sobre os fundamentos da globalização, a partir de uma reflexão sobre o pós-fordismo e seus reflexos na ordenação social, política e econômica do mundo contemporâneo.

O pós-fordismo e seus impactos na organização do espaço

AULA

8

Meta da aula

Apresentar ao aluno as mudanças socioeconômicas decorrentes do pós-fordismo.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Definir o que é fordismo e pós-fordismo.
- Listar as principais características do fordismo e do pós-fordismo.
- Identificar quais são os principais impactos do pós-fordismo na organização do espaço e no arranjo socioeconômico do mundo contemporâneo.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, apresentamos um quadro geral sobre alguns aspectos que marcam o mundo contemporâneo, fazendo uso de referências que julgamos estarem próximas de sua realidade. A proposta desta aula é fazer um refinamento do que foi falado na nossa última aula, de forma a buscar apresentar-lhe os fundamentos do momento atual marcado pelo fenômeno da globalização.

A globalização deve ser entendida como o momento da História em que o capitalismo assume uma hegemonia quase absoluta na organização social, política, econômica e cultural do mundo. Isso se dá, em particular, com o fim da Guerra Fria entre EUA e URSS, iniciada logo após a Segunda Guerra Mundial. Os momentos-chave, e que servem como marco histórico desse processo, são a queda do Muro de Berlim, em 1989, e a dissolução da União Soviética, em 1991. A partir desse momento, o capitalismo não mais enfrentaria nenhum grande adversário ideológico a que pudesse fazer frente como um modelo socioeconômico alternativo.

Mas não foram apenas a queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética os marcos de um momento novo que se instaurava. Para além da hegemonia do modelo capitalista nos rumos da História, os EUA se afirmavam como potência militar e econômica mundial, sendo a Guerra do Golfo, declarada ao Iraque em 1991, um marco importante. É neste conflito armado – o primeiro fora do contexto da Guerra Fria, que a *águia americana*, literalmente, mostra as suas garras ao mundo, deixando bem claro quem passaria a ditar a ordem das coisas. Apesar disso, do ponto de vista econômico, potências como o Japão, a China e a União Européia despontam como adversários que, embora ainda estejam longe de superar a economia americana, constituem alguns dos pilares que sustentam a economia mundial, não podendo, dessa forma, terem seu peso desconsiderado.

Mas falar da hegemonia e poder de países não significa muito, se desconsiderarmos o papel que suas empresas, grandes corporações multinacionais, exercem. Essas empresas, na realidade, são os agentes que conferem, direta ou indiretamente, uma certa direção à política externa daqueles países. A Guerra do Golfo, e a recente invasão do Afeganistão e do Iraque pelos norte-americanos, por exemplo, são reveladoras de interesses das indústrias petrolíferas americanas pelo controle da produção de petróleo no Oriente Médio.

Assim, ao falar dos elementos que caracterizam o mundo contemporâneo, deve-se dar especial atenção ao papel que essas empresas possuem. Faz-se necessário compreender que uma série de mudanças que essas empresas vêm implementando nos últimos anos, visando à diminuição de custos e ao aumento dos lucros, tem tido impactos diretos na economia, na política e no arranjo social de inúmeros países.

Como mencionamos na nossa aula anterior, vive-se hoje o chamado meio técnico-científico-informacional, que, segundo Milton Santos, foi o que permitiu ao mercado que se globalizasse de fato. Em outras palavras, foi a partir do desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação que o mercado e a produção se globalizaram. De acordo com Dupas (2000),

a partir de meados da década de 1970, foram intensas as modificações socioeconômicas relacionadas ao processo de internacionalização da economia mundial. Desde já é preciso enfatizar que esse processo não é novo. Mas ganhou características inusitadas e um assombroso impulso com o enorme salto qualitativo ocorrido nas tecnologias da informação. Essas mudanças permitiram a reformulação das estratégias de produção e distribuição das empresas e a formação de grandes *networks*. A forma de organização da atividade produtiva foi radicalmente alterada para além da busca apenas de mercados globais; ela própria passou a ser global (p. 39).

Em meados da década de 1970, como aponta Dupas, observa-se a tendência cada vez maior da consolidação de um padrão de organização das empresas. Esse novo padrão foi baseado na ruptura com o modelo fordista de produção. Muitos autores passaram a denominar esse novo modelo produtivo de pós-fordismo, cuja principal característica é a flexibilização do processo produtivo acompanhada de uma flexibilização das relações de trabalho e da própria organização do Estado, que antes se voltava para as demandas do modelo fordista.

Antes de falarmos do pós-fordismo propriamente dito, vamos falar um pouco do fordismo.

O termo *fordismo* remete ao famoso industrial americano Henry Ford, que no início do século XX criou, em sua fábrica de automóveis, um sistema inteiramente novo de produção. A grande inovação de Ford foi a criação da linha de produção, que significou, para a indústria, uma racionalização das etapas da produção de determinado produto, implicando, dentre outras coisas, o aumento da produtividade – visto que se maximizou o uso do tempo na fábrica –, mas também novas formas de regulação do trabalho.

Na linha de produção, cada trabalhador assume um posto e especializa-se naquela função. No filme *Tempos modernos*, de Charles Chaplin, podemos ter uma noção do que estamos tratando. Logo no começo do filme – que retrata a depressão da economia americana na crise de 1929 –, Chaplin, um operário de fábrica, trabalha em seu posto. Sua função é apertar parafusos. A comédia irônica de Chaplin faz com que o personagem enlouqueça diante de tamanha regularidade dos movimentos, sendo que o operário por ele representado, mesmo após o fim de seu turno de trabalho, mantém os movimentos de apertar parafusos. É uma cena bastante engraçada.

Como estamos vendo, no modelo de produção fordista, a figura central é a linha de produção e o trabalho especializado. Em termos espaciais, devemos levar em conta que as fábricas tendem a se concentrar em dadas localidades – em busca da mão-de-obra abundante, do mercado consumidor e das fontes de matéria-prima. É uma época marcada pela crescente urbanização em torno das indústrias e de toda a infra-estrutura de suporte que surge em seu entorno. Pelo menos até os anos 50, a maior parte dessas fábricas estava instalada em países centrais – EUA e Europa. A partir de então, começa a haver uma disseminação dessas fábricas em direção a outros países. Em particular, países subdesenvolvidos que apresentavam condições atrativas, como incentivos estatais e grande mercado consumidor. Na época do governo de Juscelino Kubitschek (era JK), no Brasil, na década de 1950 para 1960, houve um incentivo muito grande à vinda de empresas estrangeiras para o Brasil. Sua instalação no território, contudo, manteve os mesmos padrões observados nos países centrais: áreas mais urbanizadas, dotadas de infra-estrutura, com grande oferta de mão-de-obra e próximas ao mercado consumidor. Não foi à toa que essas empresas instalaram-se no Sudeste brasileiro, área que reunia as melhores características.

Outro elemento fundamental do modelo de produção fordista era o que poderíamos chamar de “casamento” com o Estado. Não fosse um Estado provedor, que garantisse as condições para que os trabalhadores consumissem os produtos feitos pela indústria, certamente o modelo fordista não teria dado certo. A propósito, abrindo um grande parêntese, devemos lembrar que a idéia de mão-de-obra assalariada no capitalismo, em que pesem todas as formas de exploração daí originadas, tem também a função de gerar um mercado consumidor.

Henry Ford, espertamente, aumentara o salário de seus funcionários visando que eles consumissem os carros de sua fábrica. Mas essas medidas não poderiam se dar de forma isolada, por iniciativa do empresário. Daí a importância do Estado, que regulamenta as leis do trabalho, garante uma série de benefícios ao trabalhador, como férias, décimo terceiro, FGTS, como no caso brasileiro, e que tem a especial função de estimular que as pessoas consumam a partir do que recebem. Esse papel do Estado não se limitava apenas a isso, mas se desdobrava, também, na criação de postos de trabalho na administração pública e em frentes de trabalho, aumentando com isso o número de consumidores, e na criação de uma estrutura de atendimento – escolas, hospitais etc., que garantiria ao trabalhador uma espécie de compensação pelos salários não muito altos, isentando, assim, as empresas das responsabilidades quanto à educação e à saúde dos funcionários e suas famílias. Esse é o chamado Estado do Bem-Estar Social, ou Welfare State.

Sem nos estendermos mais sobre o fordismo, podemos dizer que suas principais características são a linha de produção, a intervenção estatal na economia – de modo a regular o mercado, gerando empregos, estimulando as indústrias – e o fato de essas indústrias se instalarem em locais dotados não apenas de infraestrutura, mas também de mercado consumidor e de mão-de-obra.

O modelo fordista de produção, no entanto, começa a apresentar sinais de desgaste a partir da década de 1960, quando, nos países centrais, observa-se um aumento dos custos de produção, especialmente em função das pressões sindicais por melhores salários. Some-se a isso o fato de as empresas europeias voltarem a se tornar competitivas depois da Segunda Guerra Mundial. Some-se também o desejo de expansão do mercado consumidor em direção aos países periféricos. Tudo isso fez com que as empresas gradativamente adotassem medidas que visassem à diminuição dos custos. Na década de 1970, com a **CRISE DO PETRÓLEO**, os custos tornaram-se mais altos, e por conta das inovações e barateamento dos meios de transporte e comunicações, as empresas começam a adotar estratégias de fragmentação da produção e de deslocamento de suas unidades produtivas em direção a países onde os custos de produção fossem reduzidos.

CRISE DO PETRÓLEO

Crise mundial provocada pelo embargo ao fornecimento de petróleo aos Estados Unidos e às potências europeias estabelecido em 1973 pelas nações árabes, membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). A medida é tomada em represália ao apoio dos EUA e da Europa Ocidental à ocupação, no mesmo ano, de territórios palestinos por Israel, durante a Guerra do Yom Kippur. Após o embargo, a OPEP estabelece cotas de produção e quadruplica os preços.

Essas medidas desestabilizam a economia mundial e provocam severa recessão nos EUA e na Europa, com grande repercussão internacional. Donos de dois terços das reservas de petróleo do mundo, países como Arábia Saudita, Irã, Iraque e Kuwait controlam o volume de produção e o preço do produto desde 1960, quando criam a OPEP. Por causa do obstáculo iniciado em 1973, conhecido por primeiro choque do petróleo, os países industrializados acabam o ano de 1974 com um déficit de cerca de US\$11 bilhões e os subdesenvolvidos, de quase US\$40 bilhões. Em 1979 acontece o segundo choque do petróleo, causado pela revolução iraniana que derruba o xá Reza Pahlevi (1919-1980) e instala uma república islâmica no país.

A produção de petróleo é gravemente afetada, e a nação não consegue atender nem mesmo às suas necessidades.

O Irã, que era o segundo maior exportador da OPEP, atrás apenas da Arábia Saudita, fica praticamente fora do mercado. O preço do barril de petróleo, então, atinge níveis recordes e agrava a recessão econômica mundial no início da década de 1980.

Fonte: www.brasilescola.com

Dessa forma, a linha de produção, que antes estava fisicamente alojada sob o teto de uma grande fábrica, começa a se fragmentar, ou seja, se antes uma geladeira era inteiramente produzida por uma fábrica, ficando ela com a responsabilidade sobre todas as peças e etapas da montagem, agora algumas peças passam a ser produzidas em outras unidades fabris – muitas das quais subcontratadas –, para se juntarem, em um momento posterior, em uma unidade que as transformará, finalmente, em uma geladeira. Assim, a indústria começa a reduzir seus custos. Além da fragmentação do processo produtivo, podemos falar em termos de sua flexibilização, visto que, com a fragmentação, a produção industrial se torna mais flexível: pode-se buscar o melhor preço das matérias-primas ou da mão-de-obra, ou distribuir o que foi produzido etc., sem ter que se preocupar com a gestão da coisa – visto que os avanços da comunicação permitem uma gestão ainda que a quilômetros de distância – ou ainda com o custo de transportes, porque seu barateamento e sua eficiência crescentes não geram grandes impactos sobre os preços finais.

ATIVIDADE



1.a. Apresente as principais características do modelo de produção fordista.

COMENTÁRIO

Sua resposta deve levar em conta a linha de produção e toda a lógica a ela atrelada – mão-de-obra especializada, produção em larga escala etc.

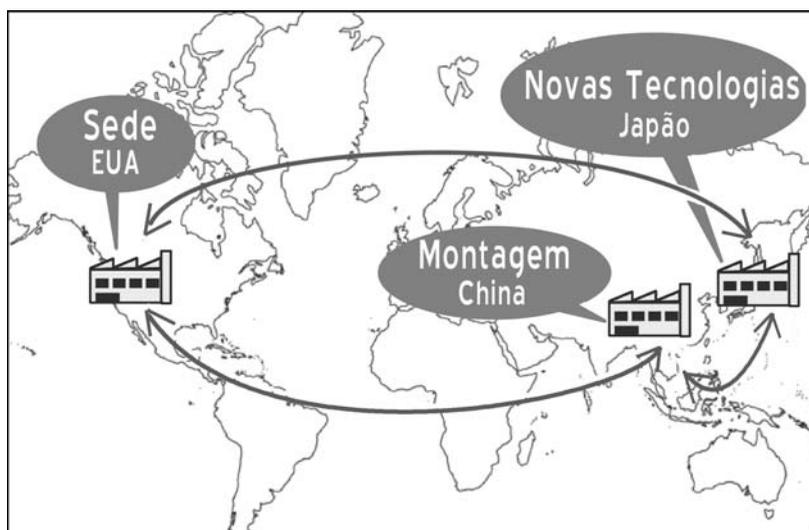
1.b. Explique, de forma sucinta, a relação existente entre fordismo e Estado do Bem-Estar Social.

COMENTÁRIO

Como se demonstrou no texto, a relação entre fordismo e Estado do Bem-Estar Social é uma relação de complementaridade do Estado em relação aos interesses do capital. Construa a sua resposta com base nas ações do Estado na promoção de benefícios para o trabalhador e a sua relação com a geração de um mercado consumidor. Além disso, apresente aspectos ligados à criação de infra-estruturas por parte do Estado como forma de dar suporte à produção industrial.

Essa flexibilização característica do modelo pós-fordista, no entanto, só foi possível em função de desenvolvimento qualitativo dos meios de transporte e, particularmente, dos meios de informação e comunicação, acompanhado a partir desse período. Com as facilidades cada vez maiores propiciadas pelo telefone, associado aos computadores, tornou-se possível gerenciar fábricas inteiras a distância, estabelecendo-se, entre diferentes unidades produtivas, formas de comunicação imediata. Com isso, observa-se que, a partir da década de 1970, as grandes corporações se apropriam desses benefícios em busca da maximização do lucro, o que incluía não apenas mão-de-obra mais barata, mas também uma maior racionalidade no processo produtivo.

Tudo isso implicou mudanças no próprio padrão de organização do espaço. Se antes as indústrias localizavam-se próximas aos grandes centros e concentravam grandes contingentes de trabalhadores, além de um sem-número de fornecedores, o padrão atual implica, em primeiro lugar, uma fragmentação do processo produtivo, segundo o qual as etapas da produção encontram-se fragmentadas tanto no espaço quanto no tempo. Além de estarem situadas em outras localidades, que atendam melhor às demandas daquela etapa do processo, essas unidades não necessariamente produzem ao mesmo tempo que as outras unidades, havendo apenas um controle entre as demandas do mercado e o volume produzido. Dessa forma, uma fábrica de computadores, por exemplo, pode ter uma unidade de desenvolvimento de novas tecnologias no Japão e unidades de montagem de componentes em Taiwan ou Cingapura. Tudo dependerá da relação entre custo e benefício. O transporte das peças em direção a uma unidade responsável pela montagem do computador propriamente dito é facilitado pelos modernos e eficientes meios de transporte. O controle e gestão de todo o processo produtivo fragmentado é integrado pelos modernos meios de comunicação.



Nós estamos vendo, ainda, que além de implicar um novo padrão de organização espacial, esse novo modelo produtivo tem provocado mudanças no mundo do trabalho, especialmente quanto à flexibilização do contrato de trabalho. Isso tem consequências na economia, visto que se reflete no chamado desemprego estrutural. Observe que a terceirização de etapas do processo produtivo isenta a empresa líder de qualquer encargo trabalhista, ao mesmo tempo que o trabalhador, uma vez terceirizado, tem sua condição de trabalho cada vez mais fragilizada. Nas empresas terceirizadas, o que predomina é a flexibilização ao extremo do contrato de trabalho, podendo-se chegar, no limite, a contratações temporárias, dependendo das demandas do cliente. Isso tem profundas consequências nos mercados de trabalho, havendo uma tendência generalizada do desemprego e do subemprego nos países em desenvolvimento, que são aqueles que atualmente oferecem as melhores condições em termos de infra-estrutura e baixos salários às empresas transnacionais.

Conforme podemos observar no **Gráfico 8.1**, tem havido uma queda gradativa dos empregos formais no Brasil, o que assinala o fenômeno do desemprego estrutural e da capacidade do setor secundário em absorver mão-de-obra. A saída, para muitos trabalhadores, é o trabalho informal, tal como o trabalho como ambulante, ou ainda como biscoiteiro. Para tantos outros, como demonstra a **Figura 8.1**, a situação vem se tornando precária a ponto de engrossarem o já grande número de moradores de rua.

Gráfico 8.1: O aumento do setor informal na economia brasileira.
 Fonte: Dupas (2000).



Fonte: IBGE. (*) Agregação das Regiões Metropolitanas: Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo



Figura 8.1: Após o livre mercado: sem-teto.

De acordo com Gilberto Dupas (2000), há uma tendência geral de que as empresas líderes e seus fornecedores de porte global gerem menos empregos diretos e informais por dólar adicional investido. Para este autor, as razões estão associadas à crescente automação e informalização dos sistemas de gestão e produção das empresas. Haveria uma tendência à concentração dos melhores empregos, com os melhores contratos de trabalho nas empresas líderes, que ele chama de empresas de primeiro nível da escala produtiva. Já os piores contratos de trabalho, que se traduzem em baixos salários e flexibilidade dos contratos, estariam concentrados nas empresas mais na base dessa escala produtiva.

Imagine, por exemplo, uma fábrica de calçados, como a Nike. Nós já falamos algumas vezes a respeito desse exemplo em aulas anteriores. Agora reflita entre as condições de trabalho e toda a gama de benefícios existentes para aqueles que trabalham na sede da empresa, nos Estados Unidos, e para aqueles que trabalham em suas filiais ou fábricas associadas. Com base no que falamos, podemos dizer que os empregados da matriz americana possuem melhores condições salariais, além de desfrutarem de inúmeros benefícios. Já para aqueles trabalhadores manuais, de fábricas situadas em países periféricos, a lógica é bastante diferente. A precarização das condições de trabalho liga-se, diretamente, a uma tendência à terceirização das atividades fabris, que ficam a cargo de pequenas e médias manufaturas.

Mas essas mudanças não se refletem apenas no nível da produção e das relações de trabalho. Têm implicações de ordem política também. A flexibilidade dos processos produtivos demanda também uma flexibilidade do próprio Estado, e, em última instância, da própria política. O que vem ocorrendo nos últimos anos, em paralelo ao desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação e dos processos produtivos cada vez mais flexíveis das empresas, é a implementação de políticas de cunho *neoliberal* pelos países no mundo todo. A tendência é uma retirada cada vez maior do Estado de seu papel interventor na economia, deixando isso mais a cargo do mercado. Essa flexibilidade também se traduz, no nível da política e do papel social do Estado, numa perda significativa para os trabalhadores. Vem se implementando gradativamente uma série de políticas de *flexibilização das leis trabalhistas*, visando a “adaptar” o mundo do trabalho ao novo mercado de trabalho. Dada a crise estrutural de desemprego vivenciada no mundo de hoje, os governos vêm buscando alternativas, dentro da lógica atual, que garantam, ao mesmo tempo, a redução dos custos para as empresas e a manutenção dos postos de trabalho aos trabalhadores. Mas isso tem tido conseqüências muito ruins para os trabalhadores, que estão cada vez mais fragilizados, ao passo que as empresas vêm se fortalecendo cada vez mais.

Outra consequência política, desta vez numa escala maior, diz respeito à formação de grandes blocos econômicos por países que buscam, ao mesmo tempo, fortalecer suas economias e tornar-se mais competitivos na economia internacional. Esses blocos regionais seriam, nas palavras de Haesbaert (1998), “uma das respostas do próprio capitalismo globalizado tendo em vista sua melhor performance, tentando legitimar, assim, as novas escalas prioritárias de ação de suas frações, acima do Estado-nação” (p. 27). Ou seja, na medida em que a globalização dos mercados extrapola as fronteiras nacionais, a formação dos blocos regionais representa uma espécie de “ninho”, onde as economias nacionais podem se proteger e ao mesmo tempo se fortalecer para a disputa por parcelas do mercado mundial.

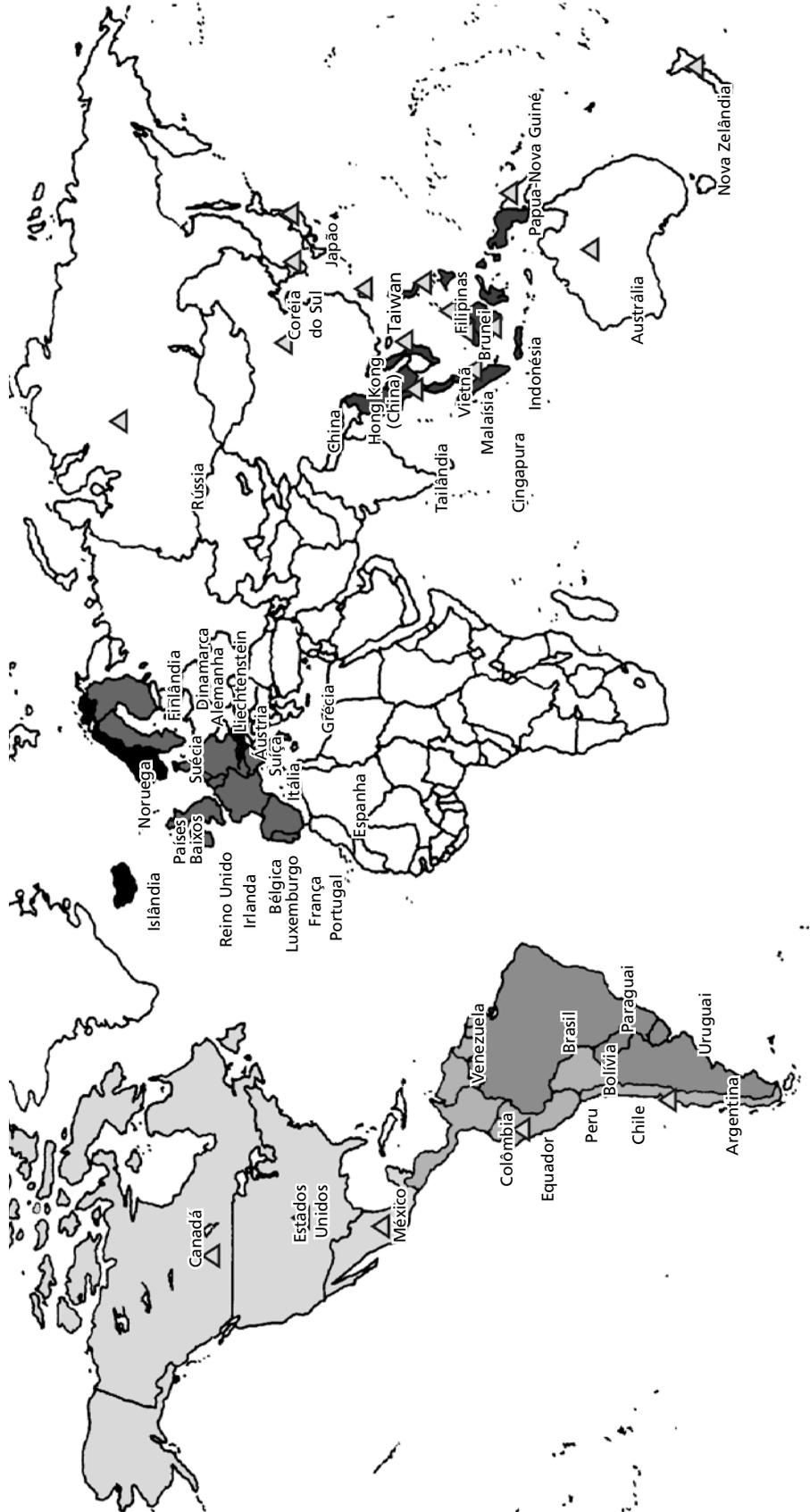


Figura 8.2: Mapa dos blocos econômicos

Associação Europeia de Livre Comércio (Aeic)

Suíça
Noruega
Islândia
Liechtenstein

Mercado Comum do Sul (Mercosul)

Brasil
Argentina
Paraguai
Uruguai

Acordo Norte-americano de Livre Comércio (Nafta)

Estados Unidos
Canadá
México

União Europeia (UE)

Alemanha Bélgica
França Luxemburgo
Reino Unido Irlanda
Itália Dinamarca
Espanha Suécia
Portugal Finlândia
Grécia Áustria
Países Baixos

Comunidade Andina

Peru
Bolívia
Colômbia
Equador
Venezuela

Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean)

Cingapura
Indonésia
Malásia
Tailândia
Filipinas
Brunei
Vietnã

Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec)

* Países-membros indicados por Δ.

Asean Hong Kong (China)
Nafta Coréia do Sul
Rússia Nova Zelândia
Japão Papua-Nova Guiné
China Austrália
Taiwan Chile
Peru

Espaço Econômico Europeu (EEE)

Islândia
Noruega
Liechtenstein



ATIVIDADE

2.a. Cite os principais aspectos de ordem econômica ligados à globalização.

COMENTÁRIO

A sua resposta deve levar em conta os seguintes aspectos:

- *As possibilidades postas pelo desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação.*
- *A fragmentação das unidades produtivas fabris.*
- *O desemprego estrutural e a flexibilização dos contratos de trabalho.*
- *A intensificação das relações comerciais e uma crescente mercantilização da vida.*
- *A conformação de uma sociedade em rede.*

2.b. Explique o que é a fragmentação das cadeias produtivas e que conseqüências ela traz para a organização do espaço em nível global.

COMENTÁRIO

A fragmentação das cadeias produtivas diz respeito à divisão da produção a partir de diferentes unidades produtivas. Isso pode se dar tanto em uma mesma empresa quanto em empresas diferentes. O fato relevante, contudo, é que o processo produtivo é fragmentado em busca da maximização do lucro e minimização dos custos. Como conseqüência, para a organização do espaço em nível global, é cada vez maior a conexão entre os lugares, havendo ainda uma forte influência do exterior no que tange aos aspectos da vida local.

2.c. Que conseqüências a fragmentação do processo produtivo traz para o mundo do trabalho?

COMENTÁRIO

As conseqüências da fragmentação do processo produtivo para o mundo do trabalho dizem respeito à tendência à redução dos postos de trabalho – visto que há uma utilização cada vez maior de recursos tecnológicos diante da redução do uso de mão-de-obra –, uma tendência à fragmentação das leis trabalhistas e à precarização das condições de trabalho, aumentando os riscos à vida e à saúde do trabalhador.

RESUMO

As mudanças recentes relacionadas ao pós-fordismo tiveram as seguintes conseqüências na ordenação social, política e econômica do mundo contemporâneo:

- A fragmentação do processo produtivo implicou uma redistribuição espacial das unidades produtivas, muitas delas representando uma etapa da cadeia produtiva. Isso resulta, em última instância, numa intensificação da relação entre o global e o local em diversos níveis, especialmente de ordem econômica.
- A busca por lugares onde a relação custo-benefício seja satisfatória para as empresas tem levado os países a adotar medidas que visam à desregulamentação do trabalho, bem como à implementação de investimentos pontuais que procurem maximizar parcelas do território para a produção em escala global.

ATIVIDADE FINAL

Levando-se em conta as características do modelo fordista de produção, que teve no Estado um parceiro fundamental, especialmente quanto à regulação do mundo do trabalho e à oferta de benefícios aos trabalhadores, analise, de maneira sucinta, quais seriam os impactos de ordem social, econômica e espacial, decorrentes da reestruturação produtiva (pós-fordismo)?

COMENTÁRIO

Os impactos da reestruturação produtiva são, dentre outros, a desregulamentação das leis trabalhistas e a fragilização do trabalhador, cada vez mais desprotegido em termos de garantias por parte do Estado; o aumento do trabalho informal e o conseqüente aumento da pobreza, especialmente nos grandes centros urbanos, o que implica, dentre outras coisas, o aumento da favelização e periferização das populações mais pobres das cidades; integração cada vez maior de lugares, ou pontos específicos do território, ao mercado global, ligados a partir das cadeias produtivas globais, o que gera, dentre outros fatores, a perda da autonomia do Estado frente à lógica do mercado, passando, assim, de regulador do mercado (Estado do Bem-Estar Social) a regulado pelo mercado (Estado Neoliberal).

AUTO-AVALIAÇÃO

A proposta desta aula é que você tome contato com os elementos que impulsionam as mudanças de ordem econômica, política e social no mundo contemporâneo. Para tanto, buscamos fazer um pequeno apanhado sobre o papel do capitalismo, em sua face produtiva, na organização do espaço global. Falamos de fordismo, pós-fordismo, suas características e conseqüências. Se você foi capaz de entender o que é fordismo e pós-fordismo, e identificar seus principais efeitos no mundo atual, parabéns, você está apto a prosseguir.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na nossa próxima aula, trataremos de forma mais pontual da relação entre o local e o global. Buscaremos demonstrar, a partir de exemplos, como essa relação pode ser trabalhada em sala de aula. Veremos ainda como a Geografia pode ser um importante instrumento de ampliação do espaço-tempo dos alunos.

Acreditamos que, após uma breve apresentação dos aspectos gerais ligados ao espaço geográfico, é chegado o momento de começar a aproximar a análise do nosso cotidiano, introduzindo elementos para uma reflexão que nos permita estabelecer uma ponte entre o que ocorre em nível global e o que ocorre no nível de nossa vida cotidiana, de nosso local de vivência. Na próxima aula, nos preocuparemos em apresentar-lhe uma reflexão sobre a importância de se trabalhar a noção de espaço ao nível do sujeito. Cabe lembrar que hoje, mais do que em qualquer outro período da História, a idéia de *cidadão do mundo* é algo cada vez mais presente e possível. Preparar os alunos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental para isso é essencial.

Do local ao global – uma reflexão preliminar da Geografia como instrumento de ampliação do espaço-tempo nas séries iniciais do Ensino Fundamental

AULA

9

Meta da aula

Oferecer ferramentas que permitam trabalhar a Geografia em sala de aula como instrumento de ampliação do espaço-tempo dos alunos.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Situar-se sobre a questão da identidade e seus vínculos com o *local*.
- Refletir acerca da importância da valorização da *diferença* no que se refere às relações entre identidade e pertencimento.
- Analisar de forma mais aprofundada quanto à importância da Geografia como um instrumento para a ampliação do espaço-tempo dos alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental.

Pré-requisito

Esta aula não possui, em princípio, nenhum pré-requisito. Caso deseje, contudo, sugere-se a releitura das Aulas 5 a 7.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior vimos que a globalização tem provocado mudanças não apenas em nível mundial, mas também em nosso cotidiano. Ilustramos com a questão dos diferentes produtos, marcas e programas de TV que nos cercam, passando pela flexibilização das leis trabalhistas. Vimos, com isso, que a globalização se confronta diariamente com nosso cotidiano. Certamente você conhece alguém que esteja desempregado. Pode ser, inclusive, que seja alguém que tenha trabalhado em uma grande firma, de porte nacional ou internacional. Pode ser ainda que você esteja utilizando uma caneta ou lápis de uma marca estrangeira; ou sua roupa...

O fato é que jamais na história nossa vida esteve tão ligada ao mundo, no sentido global da palavra. Se lembrarmos de nossa primeira aula, veremos que a noção de mundo na Antiguidade era muito restrita. Hoje, além de ser muito mais ampla, a sensação que se tem é que além de sermos moradores do Rio de Janeiro, Friburgo, Volta Redonda etc., somos cidadãos do mundo. A idéia de pertencimento ao mundo e de ligação com o que ocorre “lá fora” é, sem dúvida, muito presente em nossas vidas.

Mas é importante colocar, também, que muitas pessoas não possuem essa idéia de ligação com o que está “lá fora” ou de uma noção de que o mundo é algo muito maior do que o nosso bairro ou cidade. Isso é uma demonstração clara de que, em primeiro lugar, a globalização não atinge a todos de maneira uniforme, e ainda, que a falta do acesso à informação é um limite ao conhecimento de que estamos num mundo muito maior do que imaginamos.

Ora, a globalização, como vimos na aula anterior, vem acirrando ainda mais a fragilidade de muitas pessoas. Os pobres têm sua condição de vida ainda mais precária, por conta das mudanças que a globalização vem provocando ao nível do emprego e do Estado. Com a implementação de medidas neoliberais, observa-se no Brasil, por exemplo, um agravamento da miséria e da fome. Nos grandes centros, vê-se a proliferação de favelas e população de rua. No interior, por sua vez, observa-se a saída do homem do campo, muitas vezes por conta de mudanças na estrutura agrária, cada vez mais voltada para o agronegócio de exportação.

Há ainda o problema do acesso à informação. E isso é também um reflexo daqueles que estão em situação mais vulnerável. Muitas pessoas não tiveram e ainda continuam sem acesso ao ensino. As limitações da baixa escolaridade, além de se refletirem nas condições de vida, a exemplo do parágrafo anterior, também limitam as possibilidades de conhecimento do mundo.

Uma das questões mais importantes no que se refere ao ensino de Geografia nas primeiras séries do Ensino Fundamental diz respeito ao despertar da criança para três aspectos que consideramos fundamentais:

- a consciência sobre o mundo; o que é o mundo;
- a consciência de *si* no mundo que se descobre;
- a consciência do *outro* a partir da mediação do *si* com o mundo;

Nesta aula, nossa proposta é apresentar a importância da Geografia em sala de aula a partir dos três aspectos acima mencionados. Acreditamos que nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o aspecto mais importante a ser trabalhado é a ampliação das referências espaço-temporais dos alunos, o que é possível a partir dos conteúdos e instrumentais que a Geografia oferece.

Buscaremos, portanto, a partir de uma ponte entre o global e o local, apresentar elementos que nos permitam trabalhar, em sala de aula, a consciência do mundo, a consciência de si e a consciência do outro.

Qual seria então o ponto de partida para se pensar nas questões já mencionadas? Bom, como havíamos falado no início desta aula, o global tem-se sobreposto ao local em proporções jamais acompanhadas na História. Isso certamente nos faz refletir sobre o que significa conhecer o mundo e o que representa para um sujeito a sensação de pertencimento a este mundo.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, é estratégico preparar a criança para o contato que ela terá, a partir da oitava série, com um escala ampliada do mundo. Trata-se de iniciar a criança numa compreensão sobre a amplitude do mundo, visando, com isso, a ampliar seu espaço-tempo.

Isso implica, em última análise, que todos aqueles aspectos mais gerais, ligados à globalização e às transformações do espaço, devam ser *traduzidos*, ou melhor, ressignificados, à luz de uma abordagem que permita à criança começar a tomar contato com o mundo em que vive. No PCN de Geografia, essa preocupação é explícita, e é abordada a partir de um reconhecimento de que tanto a Geografia Tradicional quanto a Geografia Marxista não deram conta da dimensão subjetiva e sensível da relação entre sujeito e espaço. Se na Geografia Tradicional o homem é um sujeito a-histórico, na Geografia Marxista ele é um sujeito essencialmente econômico. O PCN orienta, dessa forma, que nas primeiras séries do Ensino Fundamental se valorize a dimensão prático-sensível do sujeito com o espaço.

Isso vem ao encontro ao que estamos propondo a partir dessa reflexão sobre global e local. Nossa proposta é fazer da Geografia nas primeiras séries do Ensino Fundamental um instrumento que permita, antes de tudo, a ampliação do espaço-tempo dos alunos.

Cabe considerar, porém, que determinados grupos sociais, dadas as condições de vida específicas a que estão submetidos, possuem referências espaço-temporais muito limitadas. Os fatores para essa limitação encontram-se, sobretudo, na baixa escolaridade, na falta ou precariedade no acesso à informação e na própria vivência cotidiana, que circunscreve a vida de relações, com as pessoas e com o lugar, de forma muito particularizada e presentificada (SOUZA e SILVA, 2003). Assim, pessoas de origem popular, historicamente alijadas do acesso à educação de qualidade e dos meios de comunicação, encontram-se na situação apresentada.

Neste sentido, o desafio de utilizar a Geografia como um instrumento de superação da presentificação e particularização constitui, a nosso ver, o ponto nevrálgico das primeiras séries do Ensino Fundamental. Nesta aula, começaremos a apontar nessa direção.

Para nós, será fundamental que você compreenda que esta aula, mais do que um mero *conteúdo*, constitui uma reflexão em torno de uma metodologia possível de trabalho nas séries iniciais do Ensino Fundamental.



ATIVIDADE

1.a. Qual o sentido de se trabalhar a relação entre local e global com a Geografia nas séries iniciais?

COMENTÁRIO

A Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, como buscamos demonstrar nesta aula, pode ter um papel importante como instrumento de ampliação dos horizontes socioculturais das crianças. Isso se dá, em particular, pela possibilidade de se trabalhar o local e o global, e de se abordar variados temas, que constituem a base para a compreensão prático-sensível do mundo e da consciência de si e do outro.

1.b. Defina, com suas palavras, o que significa *presentificação* e *particularização*.

COMENTÁRIO

Como tentamos argumentar, existem limites, dados pela vivência de determinados grupos sociais, que constituem um grande obstáculo à apreensão do mundo. A restrição espaço-temporal é, sem dúvida, um desses limites e caracteriza-se pela limitada circularidade dos atores sociais e pela ausência ou quase nenhum tipo de projeto de futuro.

A CONSCIÊNCIA SOBRE O MUNDO

O que é o mundo? Uma pergunta relativamente simples, mas de resposta possivelmente complexa, não é mesmo? O que você pensa a respeito? O que seria o *mundo* para você? Bom, se depender do quanto você possui de informação, ou mesmo das referências culturais que carrega, sua resposta poderá variar. Se não, vejamos:

Se você parte, por exemplo, de um ponto de vista religioso, em um dado aspecto, *mundo* é tudo aquilo que se oponha ao que seja o sagrado ou o próprio Paraíso. O *mundo*, ou as coisas mundanas, seria tudo aquilo ligado ao que a concepção religiosa possa considerar como profano. Assim, se uma religião prega, por exemplo, que a prostituição é um pecado, logo, a prostituição é algo mundano, do *mundo*. Entendeu? Tudo bem, mas não é disso que queremos tratar aqui. Não é esse aspecto ou esse significado de *mundo* que nos preocupa aqui.

Voltemos às referências culturais e ao acesso à informação. O que você acha que seja o mundo para um homem que tenha nascido e vivido numa área rural, sem acesso à TV, à internet ou qualquer outro meio de comunicação de massa? Certamente não será a mesma visão de um homem da cidade grande, que possui acesso facilitado aos meios de comunicação de massa e que certamente ouve, quase que diariamente, notícias de outros países. Ora, se para o primeiro homem a visão de mundo pode estar limitada, quem sabe, aos seus próprios limites concretos, sendo, portanto uma noção bastante abstrata, para o homem da cidade, por sua vez, a noção de mundo parece apresentar-se de forma muito mais concreta, palpável.

Perceba que as circunstâncias que orientam a vida das pessoas são fatores que determinam o alcance de suas referências espaço-temporais. Quanto mais acesso à informação e quanto mais essa informação se traduzir e se corresponder com o modo de vida daquela pessoa, mais concreta será a sua noção de mundo e, conseqüentemente, mais ampliado será seu **ESPAÇO-TEMPO**.

Mas o acesso à informação e o fato de a pessoa morar na cidade não significam, necessariamente, que ela terá um espaço-tempo mais ampliado que o de uma pessoa do campo. É necessário compreendermos que as condições de vida são decisivas para isso, de modo que, independentemente do acesso à informação, o mais importante é como essa informação é traduzida e resignificada na vida de cada um. E mais, se as condições objetivas de vida realmente lhe possibilitam uma ampliação de seu espaço-tempo.

ESPAÇO-TEMPO

Estamos tratando por espaço-tempo o conjunto de referências concretas e simbólicas que permitem que as pessoas se relacionem com o mundo. Assim, um espaço-tempo ampliado significa uma ampla percepção do mundo e uma referência do tempo que extrapolem o cotidiano. Em contrapartida, um espaço-tempo restrito significa que uma pessoa não é capaz de extrapolar o tempo presente e os espaços de circulação cotidiana.

Antônia

Antônia, moradora da favela da Maré, uma das maiores do Rio de Janeiro, vive com marido e três filhos numa pequena casa de dois cômodos. Filha de migrantes nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro na década de 1960 em busca de melhores condições de vida, ela nunca teve a possibilidade de completar os estudos. Atualmente trabalha como doméstica em uma casa de família em Laranjeiras. Vem tentando, apesar das dificuldades de ter de trabalhar e cuidar dos filhos, completar seus estudos. Cursa atualmente uma tele-sala que funciona na Maré. Sonha trabalhar em um escritório como secretária, diz ela.

Seus sonhos, apesar de humildes, significam para ela um pouco mais de dignidade. Quer ser reconhecida como “alguém”, como diz, e afirma poder ganhar um pouco mais de dinheiro.

Mas o desejo de completar os estudos nem sempre foi uma realidade na vida de Antônia. A iniciativa de freqüentar a tele-sala lhe abriu caminhos nunca antes imaginados. Ali, teve contato com outras pessoas, que, assim como ela, haviam tido dificuldades para estudar na infância. Antônia logo criou uma identidade muito grande com aquelas pessoas. Afinal, partilhavam uma história muito comum. Antônia, inclusive, começou a perceber que aquele problema não era apenas seu. Isso foi importante, pois mexeu com sua auto-estima. Ela se sentia mais animada em freqüentar as aulas e concluir o curso. Aos poucos ia perdendo o estigma que carregava consigo, de longa data, que a fazia se sentir culpada por não ter estudado. Começava a perceber que não era culpa dela...

Pode-se dizer que a tele-sala, em certa medida, tenha sido o ponto de partida para a virada que Antônia está dando em sua vida. Ela até já pensou em fazer vestibular – uma palavra que Antônia sequer conhecia.

Que lições podemos tirar da história de Antônia?

Antônia, por sua origem e trajetória social, é uma pessoa cujo espaço-tempo é muito limitado. O fato de não ter estudado, dentre outros fatores, certamente contribuiu para isso. Mas a oportunidade de freqüentar uma tele-sala representou, para ela, muito mais do que o acesso ao ensino que não teve quando criança. Ali, teve a oportunidade de ampliar seus horizontes, conhecer novas pessoas, que possuíam uma história comum à sua, e o instrutor da tele-sala – gente que lhe possibilitou uma apropriação especial daquela tele-sala. Aquele ambiente foi, para Antônia, muito mais do que uma simples sala de aula. Isso fez com que ela ampliasse seu espaço-tempo, o que, numa espécie de efeito dominó, lhe abriu novas portas, fazendo, inclusive, com que se sentisse estimulada a tentar o vestibular.



ATIVIDADE

2.a. O que representa a ampliação do *espaço-tempo* de um sujeito?

COMENTÁRIO

A ampliação do espaço-tempo representa a ruptura com a presentificação e a particularização que marca o cotidiano de alguns sujeitos sociais. Ao ampliar o espaço-tempo, coloca-se a possibilidade de se romper com os limites em termos de redes sociais bem como ampliar os horizontes socioculturais, levando, inclusive, à ruptura com idéias preconcebidas e preconceituosas em torno de outros lugares e pessoas.

2.b. Em que sentido pensar o mundo, a partir da tomada de consciência de sua existência, pode favorecer a ampliação do *espaço-tempo* do aluno?

COMENTÁRIO

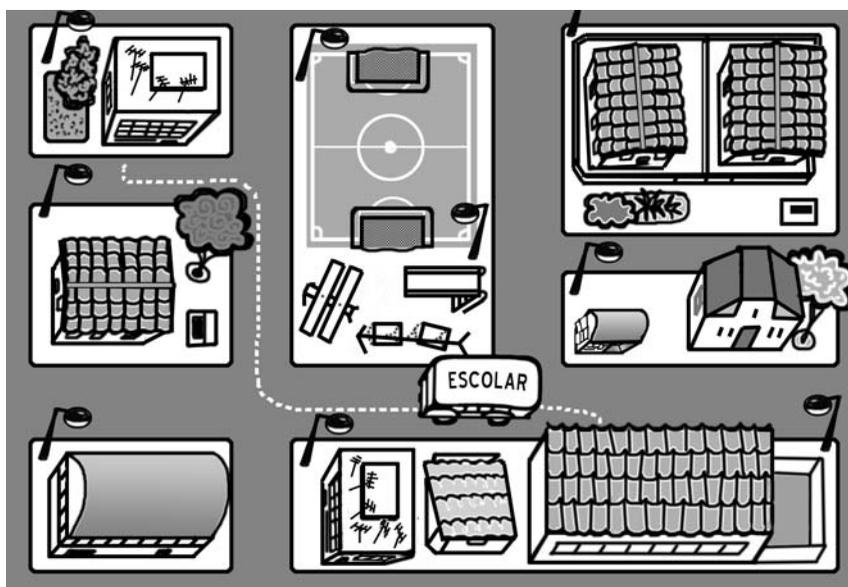
Ao tomar consciência da idéia de mundo, o sujeito rompe com os limites que os prendem ao local. A superação do local é um ponto-chave para a construção de uma visão de mundo mais ampliada e menos preconceituosa. Ao mesmo tempo, essa tomada de consciência permite que o sujeito tome contato com os problemas que existem no mundo, passando a viver, assim, um mundo de realidades, e não de fantasias. O mundo é cheio de contrastes. É importante que a criança tome ciência disso o quanto antes.

A CONSCIÊNCIA DE SI NO MUNDO

A consciência de si no mundo é a ponte para o relacionar-se com o mundo. Situar-se, estabelecer vínculos com o lugar em que se vive, extrapolar as fronteiras que separam o local do extralocal são elementos que possibilitam a gradativa ampliação do espaço-tempo da criança.

A questão de fundo é buscar construir, junto à criança, uma noção de que o local em que vive possui importância para a vida dela – a escola, a praça, o mercado, e todo o conjunto de objetos que o compõem – e que esses objetos estão integrados, – local e globalmente. Perceba que, aos poucos, estamos recolocando, a partir de uma nova linguagem, a questão do espaço, assinalada na Aula 5.

Sugere-se que, em sala de aula, se exercite com as crianças a idéia de que seu local de moradia possui vínculos com outros locais. É importante, assim, identificar e explicitar esses vínculos. Isso pode ser feito, por exemplo, a partir de uma atividade que envolva um levantamento dos locais a trabalho dos pais, do tipo de atividade que eles exercem, dos locais a que costumam ir aos finais de semana. Procure mostrar que cada lugar freqüentado – pelo aluno e/ou por seus pais, representa um *circuito*, um ambiente onde ele circula, gera vínculos e atribui significados de ordem simbólica. Este seria, então, o “pequeno mundo” da criança.



O pequeno mundo da criança é um ponto de partida para o mundo a conhecer "lá fora".

A idéia de “pequeno mundo” e as possibilidades de sua ampliação podem ser exploradas a partir da leitura, com os alunos, do clássico *O pequeno príncipe*, no qual um menino, habitante de um pequeno e distante planeta, parte em direção a outros planetas, onde conhece diferentes realidades. A história do Pequeno Príncipe revela a ampliação do espaço-tempo do pequeno menino. Ele amplia seus horizontes, saindo de seu mundinho e conhecendo outros “mundos”. A experiência vivida pelo Pequeno Príncipe em sua jornada por outros mundos lhe possibilitou uma nova reflexão sobre seu planeta. Convide seus alunos a viver uma experiência semelhante à do Pequeno Príncipe. Incentive-os a visitar outros lugares. Leve-os a passeios pela cidade ou em outra cidade. Mostre-lhes que há um mundo a conhecer e, com isso, faça-os, aos poucos, tomarem conta de que possuem um lugar no mundo. Essa experiência é importante para que eles possam ter bases comparativas para uma reflexão sobre seu próprio “mundo”.



**ATIVIDADE**

3.a. Explique, com suas palavras, o que seria a consciência de si no mundo.

COMENTÁRIO

A consciência de si no mundo diz respeito à ampliação gradativa do lugar que o sujeito ocupa no mundo. É como se ele se colocasse diante da imensidão do mundo conhecido e se perguntasse: qual é o meu lugar/papel no mundo? Essa reflexão é um componente fundamental para a construção de noções como pertencimento, para a valorização da natureza, para a tomada de consciência de que todos nós temos algo a contribuir para superar os problemas do mundo.

3.b. Que atividade você faria em sala de aula visando estimular, nos alunos, a consciência de si no mundo?

COMENTÁRIO

Uma atividade em sala de aula que estimule a tomada de consciência de si no mundo deve despertar a criança para o seu papel no mundo. Deve mostrar a ela que é parte de uma sociedade, e que esta depende da participação de seus cidadãos para que funcione. Demonstre, por exemplo, que cada pessoa ocupa papéis diferentes no mundo do trabalho. A partir daí, estimule as crianças a pensar acerca das diferenças que existem entre cada tipo de trabalho. Faça-as especular sobre o que define essas diferenças.

A CONSCIÊNCIA DO OUTRO

Mas conhecer o mundo e tomar consciência de si no mundo não tem sentido sem que esse sujeito, agora conhecedor do mundo, reconheça nos outros o sentido de si no mundo. A identidade, como bem coloca Hall (1997), é algo que se evidencia a partir do contato com o outro, com o diferente.

Num mundo marcado pela sobreposição de papéis, de valores e de culturas, torna-se fundamental que a criança aprenda a valorizar a diferença. O reconhecimento do outro, nesse sentido, é o reconhecimento da diferença, da alteridade. Respeitar a subjetividade dos outros, bem como seus valores e hábitos, constitui a base para uma cidadania dita global. Não se pode, num mundo cada vez mais globalizado, ignorar essa dimensão.

Como vimos na nossa aula anterior, a globalização em sua dimensão cultural tem produzido efeitos nefastos sobre culturas locais, especialmente aquelas baseadas em valores tradicionais e fechadas – culturas cujo grau de abertura é quase nulo. Vimos que, com a globalização, essas culturas locais tornam-se evidentes, e o traço mais característico disso é a afirmação de identidades culturais como forma de contraposição ao globalitarismo cultural vigente. Isso, evidentemente, é um aspecto que deve ser refletido com muito cuidado. Embora não sejamos nem desejemos fazer aqui um debate antropológico, devemos considerar que a cultura é um bem que precisa ser valorizado e preservado, mas que também é algo que se constrói na relação com o outro. Assim, ao mesmo tempo que devemos considerar que a globalização, em certo sentido, ameaça os modos de vida locais, por outro lado ela também coloca a possibilidade de um novo relacionamento entre os povos, baseado na solidariedade e na troca de experiências, inclusive de ordem cultural.

Com isso, acreditamos que, no que se refere à “descoberta” do outro pela criança, deve-se valorizar a dimensão do respeito e da solidariedade. Realizar atividades competitivas entre os alunos em sala de aula, por exemplo, no nosso entender, vai na contramão do que estamos falando.



O respeito ao outro deve ser construído a partir das referências que a criança possui de si e do mundo a sua volta.

Mas quando estamos falando de *diferença*, devemos deixar claro que isso não é sinônimo de *desigualdade*. Apesar disso, em muitas situações a diferença torna-se a base para a desigualdade. Um exemplo disso encontra-se, no caso do Brasil, na questão racial. Embora se diga que não existe racismo no Brasil, verifica-se que este se faz presente de forma velada, muitas vezes escondido por trás de piadas, músicas e programas de televisão. Mas essas dimensões do racismo ainda são insuficientes para se pensar a amplitude e gravidade do problema racial no Brasil. A desigualdade no Brasil é essencialmente marcada por pobres negros e ricos brancos. Observa-se que a população negra é aquela que concentra os menores índices de escolaridade e aquela que acumula historicamente os piores postos de trabalho, implicando, com isso, baixa remuneração. O gráfico abaixo ilustra a situação do analfabetismo no Brasil:

Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade

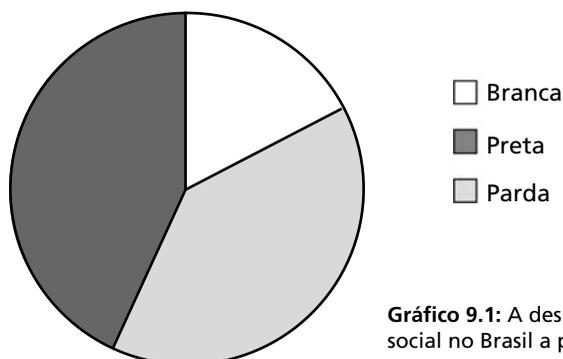


Gráfico 9.1: A desigualdade social no Brasil a partir da cor.

Fonte: IBGE, 2000.

O gráfico nos mostra que há uma grande concentração de analfabetos entre a população de cor preta e parda. Isso é revelador do que estamos tentando demonstrar a partir da discussão sobre diferença e desigualdade. O elemento diferenciador – a cor – é também, no Brasil, um elemento definidor das desigualdades sociais.

A compreensão desse tipo de problema em sala de aula passa pelo reconhecimento do outro e da construção do respeito à diferença. Respeitar os negros em sua diferença é fazer valer seu direito à igualdade. Ser diferente e igual, nesse sentido, é a base de uma sociedade democrática, por mais paradoxal que isso possa parecer.



ATIVIDADE

4.a. Estabeleça uma correlação entre *diferença* e *desigualdade*. Dê exemplos.

COMENTÁRIO

Diferença não é sinônimo de desigualdade. E vice-versa. Em muitas situações, porém, essas palavras parecem ser sinônimas, especialmente quando a diferença – de cor, raça, sexo, idade, orientação sexual ou condição social – serve como pano de fundo para a desigualdade de condições. Como exemplo possível, pode-se citar a condição dos negros, que historicamente ocupam posições subalternas no mercado de trabalho e percebem remunerações abaixo da média.

4.b. Explique, com suas palavras, como a consciência do outro pode ajudar na construção de uma postura respeitadora das diferenças.

COMENTÁRIO

A tomada de consciência do outro não é apenas um simples reconhecimento de que não estamos sozinhos no mundo. Trata-se de, a partir do contato com o diferente, repensar nossos valores e respeitar aquilo que o outro é. O isolamento em relação ao outro só tende a gerar uma visão distorcida, segundo a qual o outro é aquilo que nós imaginamos que ele seja, e nunca aquilo que nós realmente sabemos dele pelo contato.

RESUMO

- Os aspectos de ordem global devem ser trabalhados a partir do local, do vivido, permitindo, assim, que as crianças tomem contato com uma realidade exterior a delas.
- A Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental pode ser um importante instrumento de ampliação do espaço-tempo das crianças.
- O conhecimento do mundo, a consciência de si no mundo e o reconhecimento do outro são aspectos fundamentais para o desenvolvimento do respeito, da solidariedade e do sentimento de pertencimento.

ATIVIDADE FINAL

Justifique a afirmativa:

“A consciência de si no mundo é a ponte para o relacionar-se com o mundo”.

COMENTÁRIO

Tomar consciência de si no mundo significa dizer que temos necessidade de estabelecer vínculos com o lugar onde se vive, reconhecendo nele os objetos que o compõem e a integração entre eles. É sentir que se faz parte desse conjunto – a praça, a rua, a escola etc. Perceber que esse lugar existe e se relaciona com outros locais. Permite que seja construída a idéia de que se pertence àquele lugar e ao mundo. Isso é tomar consciência do local e do global.

AUTO-AVALIAÇÃO

É importante, nesta aula, que você tenha estabelecido a correlação entre o local e o global, e, mais do que isso, que tenha percebido que a dimensão do local é um ponto de partida para a compreensão do mundo.

É importante, também, que você tenha entendido que a Geografia das séries iniciais do Ensino Fundamental é um instrumento de ampliação do espaço-tempo das crianças.

Se você entendeu bem essas duas coisas, sinta-se preparado para avançar mais, seguindo para a próxima aula. Parabéns!

Por que estudar Geografia?

AULA

10

Meta da aula

Explicar a importância do ensino de Geografia.

objetivos

Ao final da aula, o aluno deverá ser capaz de:

- Compreender a importância do ensino de Geografia para os dias de hoje.
- Identificar os diferentes enfoques existentes no ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

Até o momento, temos apresentado a fundamentação da Geografia, trabalhando os conceitos e seus significados para que tenha um embasamento que permita a compreensão da ciência geográfica.

Esta aula inicia uma nova unidade em nosso trabalho – vamos tratar do ensino da Geografia. Muitos dos conceitos já estudados precisarão ser lembrados. Vamos sempre procurar lembrar a você em que aula o assunto foi abordado. Como o assunto desta aula trata do *ensino*, apresentamos uma situação ligada ao ensino-aprendizagem da Geografia.

Vamos assistir a uma conversa entre um pai, Seu João, e seu filho, Miguel. Miguel comunicou a seu pai que no dia seguinte seria a prova de Geografia. O pai, compenetrado e responsável pelas suas obrigações, decidiu que ajudaria o filho porque “Geografia sempre foi o meu forte”. Dessa forma começou a questionar o menino acerca dos estados brasileiros.

– Miguel, quais são os estados brasileiros da região Leste? – perguntou Seu João.

– Pai, não existe mais a região Leste, agora é Sudeste, – retrucou Miguel.

– Que seja. E quais são os estados?

– São Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro.

– Como é? E a Bahia, mudou de lugar?

– Isso eu não sei, pai, mas a professora só falou desses quatro.

– Essas inovações não servem para nada. Mas agora diga as capitais desses estados.

– Espera um pouco, pai, que eu vou olhar no atlas.

– Como? Você não sabe?

– A professora ensinou a procurar tudo aqui nos mapas do atlas, mas veja, pai, eu sei dizer porque essa região é a mais desenvolvida do Brasil.

– E daí? Para que serve isso, se você nem sabe as capitais desses estados?

Sempre que se fala em Geografia na escola vêm à lembrança os tempos em que se decoravam todos os afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, ou se declinavam os tipos de clima e vegetação de determinadas áreas ou, pior ainda, pedia-se que fossem marcados, em um mapa-múndi, os acidentes geográficos do litoral setentrional do Brasil. Isso tudo causava terror e medo, e os alunos fugiam da aula, ou não se interessavam por ela porque, como costumavam dizer, “era tudo cultura inútil”.

Faça um exercício de memória e tente lembrar como foi que estudou Geografia na escola. Parecia com a que o Miguel estudou? Era uma disciplina interessante? É útil para você atualmente?

POR QUE ESTUDAR GEOGRAFIA?

Se esta pergunta fosse feita a você, como responderia?

Poderia responder dizendo que a Geografia permite conhecer o mundo, obter informações sobre o local onde se vive ou poderia dizer que estudar Geografia significa explicar as formas como o homem organiza o espaço onde vive.

As respostas apresentadas acima estão parcialmente corretas. Primeiro, porque precisamos das informações mas sem considerá-las como uma listagem enciclopédica ou de almanaques populares. As informações ajudam se estiverem inseridas no trabalho do homem em um determinado espaço e tempo. Essas informações fazem parte de um conhecimento e de descobertas das gerações anteriores, e hoje representam um **LEGADO CULTURAL**.

O cuidado é não permitir que essas informações sejam o foco principal das aulas de Geografia. É importante que sejam contextualizadas no tempo e no espaço para efetivamente terem um significado. Esse tipo de Geografia seria aquilo que o Seu João considerou “o seu forte” e que muitos alunos hoje chamam “cultura inútil”.

Afinal, quando você precisa obter alguma informação, abre um atlas, uma enciclopédia ou acessa a internet em seu computador, não precisa ir à escola ouvir um professor.

Relembre nossa primeira aula, que mostrava o que é Geografia. Ali, ficou claro que a Geografia estuda o espaço procurando entendê-lo, para poder usar, manter ou modificar. Tudo isso feito pelo homem. Ele como agente organizador desse espaço e também como parte integrante dele.

Explicar que a Geografia estuda o espaço pode significar observar, descrever e também procurar compreender, com o cuidado de não deixar de inserir o homem como agente construtor e usuário do espaço.

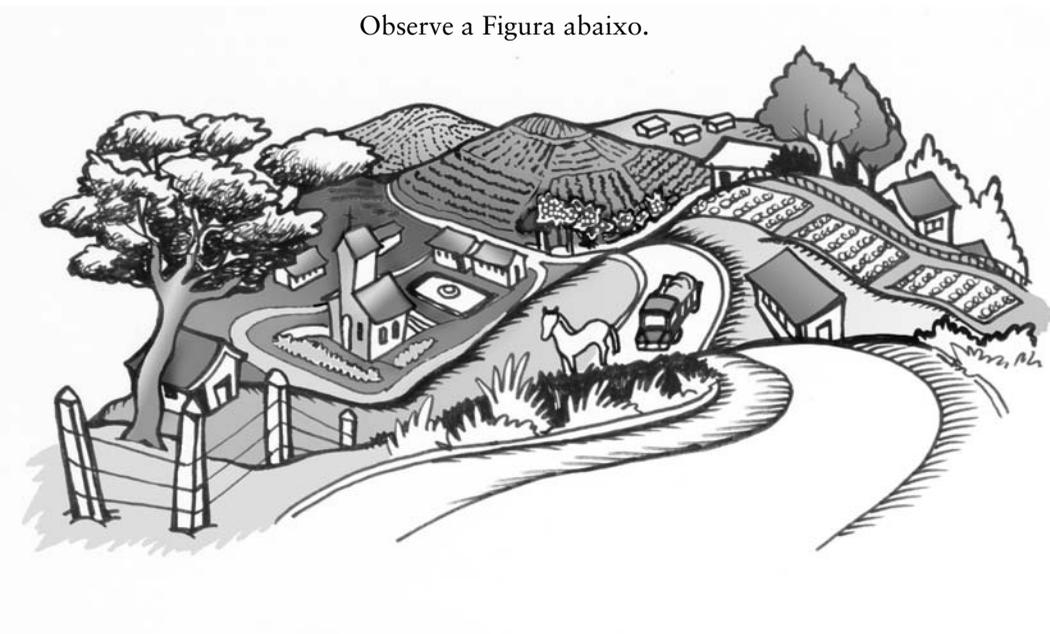
Como foi colocado nas Aulas 5 e 6, a paisagem é a expressão sensível do espaço geográfico; a partir disso, pode-se observar a interação e/ou os conflitos entre os elementos da natureza. A mera descrição, contudo, apresenta limites pois não nos permite enxergar as contradições da produção no espaço. Assim, não adianta saber que o norte fluminense é uma área de produção de cana-de-açúcar, sem que se saiba o porquê de plantar cana ali – legado do período colonial, ou ainda sua estrutura agrária que é concentrada e de caráter monocultor, o que implica relações de desvantagem para os trabalhadores rurais, a começar pelo acesso à terra.

LEGADO CULTURAL

Herança cultural.

Nossa proposta é superar a geografia escolar que ainda é influenciada pela Geografia Tradicional, essencialmente descritiva, sem oferecer instrumentos metodológicos para a identificação e compreensão das contradições do espaço.

Observe a Figura abaixo.



ATIVIDADE

1.a. Complete o quadro:

elementos da natureza

elementos humanos

COMENTÁRIO

Como elementos da natureza, você relacionou os morros, as árvores, o rio; e como elementos humanos relacionou plantações, a estrada, as construções, a ponte...

Até aí foi somente uma descrição. Agora vamos explicar as relações nesse espaço.

1.b. Por que são poucas as construções?

1.c. Qual a função da aglomeração de casas que aparece na paisagem?

1.d. Por que as plantações estão concentradas em determinadas áreas?

COMENTÁRIO

Em uma área que parece ser rural, as construções, além de se apresentarem em pouca quantidade, são também mais esparsas que as áreas urbanas. Além disso, percebe-se uma aglomeração de casas junto à igreja, o que caracteriza uma vila, onde provavelmente estão localizados os serviços necessários para atender àquela população esparsa. As plantações estão localizadas nas encostas porque provavelmente ali os solos são de melhor qualidade, e pode-se fazer a plantação em curvas de nível, o que oferece melhores resultados.

Existem fatos que não podemos ver mas precisamos entender.

1.e. Os camponeses que trabalham a terra são seus proprietários?

1.f. Como se utilizava essa terra alguns anos atrás?

COMENTÁRIO

Para responder, é preciso uma pesquisa mais aprofundada. Não queremos fazer suposições, mas mostrar que muito pode e deve ser pesquisado para poder compreender a organização do espaço.

Você sabe que nosso objetivo é tratar do ensino da Geografia, então, vamos relembrar um dos objetivos da Educação no Brasil.

O objetivo maior da Educação é transformar o aluno em cidadão capaz de exercer seus deveres e direitos políticos, civis e sociais, respeitando o outro e fazendo-se respeitar.

Veja o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB nº 9.394/96.

Artigo 2 – A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Pense nesta afirmativa e relacione-a ao nosso propósito sobre a Geografia.

O homem é o sujeito, o construtor e o usuário do espaço onde vive, tem responsabilidades para com ele. Esse espaço, vivido por ele, não foi construído nesse momento, mas veio sendo construído ao longo do tempo por todos que o habitaram e imprimiram nele suas marcas e seus valores sociais, culturais, políticos e econômicos.

Helena Callai explica o espaço dessa forma:

O espaço é cheio de história, da história dos grupos sociais e dos homens particularizados em busca da sobrevivência, em suas relações, marcadas pelas formas de economia, pelas determinações políticas, pelas condições da natureza (CALLAI, 2003, p. 63).

Dessa forma, coloca-se o homem como responsável pelo espaço que ocupa, ensina-o a conhecê-lo para poder cuidar dele. Só conhecendo se pode desenvolver algum sentimento em relação ao conhecido.

Quem conhece ama, e quem ama cuida.

ISSO É CIDADANIA

Cidadania é um valor e como tal não pode ser ensinado. O aluno deve incorporar esse conceito por ele próprio, cabendo ao professor estimulá-lo.

Você está conseguindo acompanhar nosso raciocínio geográfico? O que queremos é fazer o aluno perceber que é responsável pelo espaço em que vive e que a relação dele com esse espaço só se concretiza quando conhece, estuda e vive esse espaço e assim sente-se parte dele. Desenvolve por ele um sentimento e uma intimidade que não dá para descrever.

A mesma metodologia desenvolvida para fazer o estudo do espaço local pode ser transposta para o espaço global, aquilo que está mais próximo do aluno para o que está mais distante.

Você já pensou que dessa forma, ao compreender o bairro onde moramos, abrimos caminho para entender o mundo?

Dominando esses conhecimentos em nível local pode-se chegar ao espaço global.

FORMAR CIDADÃOS, META DA EDUCAÇÃO, META DA GEOGRAFIA

Vamos relembrar. Como a Geografia pode contribuir para a formação do cidadão?

Sabemos que os estudos de Geografia atualmente estão apoiados na reflexão e no pensar o espaço do homem, vivendo seus conflitos e seus desafios, e contribuindo para que ele seja um ser ativo e participante – um cidadão.

Quando se fala no papel da Geografia no ensino, é inevitável abrir-se espaço para considerações no que tange à abordagem teórico-metodológica que tem embasado o trabalho desta disciplina na escola. Tal abordagem tem gerado discursos que apontam para a reflexão quanto ao papel que a Geografia poderia ter e o papel que de fato vem desempenhando na formação do sujeito-cidadão (FONTOURA, 2003, p. 152).

O ENSINO DA GEOGRAFIA AO LONGO DO TEMPO, NO BRASIL

Muito do que se fez e ainda se faz no ensino de Geografia é fruto da concepção de Geografia que se formou em diferentes momentos históricos e que fez diferir os métodos e o objeto desse estudo.

No final do século XIX e início do século XX, não se podia falar em ensino de Geografia pois ainda não existiam no país professores licenciados na matéria. Isso só aconteceu na década de 1940, com a criação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

A Geografia ensinada a partir desse momento era fortemente influenciada pela escola francesa de Vidal de La Blache, inclusive vários mestres franceses visitaram o Brasil nesse período. Era uma explicação do espaço, abordando as relações do homem com a natureza de forma objetiva, neutra, apolítica, sem valorizar ou analisar o papel do Homem. Reveja a Aula 3.

Essa Geografia, chamada tradicional, com fortes raízes positivistas, promovia um estudo das paisagens enfatizando a descrição e a memorização. Não se espante, mas estamos falando de algo ainda muito presente.

Pense na Geografia que você estudou ou tente lembrar de algum livro didático que tenha visto. Essa tendência marcou a produção de livros didáticos de tal forma que até hoje ainda se encontram nos livros os assuntos compartimentados em relevo, clima, vegetação, agricultura, indústria...

Após a Segunda Guerra Mundial, a realidade do mundo tornou-se mais complexa, era preciso estudar as relações mundiais e analisá-las em nível social, político e econômico.

A necessidade de explicar o mundo pós-guerra, em um novo contexto político e social, mundo dividido e competidor, levou ao surgimento de uma Geografia Crítica, conforme explicado na Aula 4. Veja esse exemplo de Demétrio Magnoli:

O término da Guerra Fria e a consolidação dos megablocos regionais na Europa e no Pacífico impuseram aos Estados Unidos uma revisão de sua inserção na economia mundial. A ampliação do tamanho dos mercados e a constituição de espaços econômicos supranacionais parecem definir as novas regras da competição em escala global (MAGNOLI, 1997, p. 7).

Desenvolveram-se debates e pesquisas sobre o assunto nas universidades e associações geográficas. A Escola Fundamental manteve-se conteudista, apoiada em livros didáticos tradicionais e alheia a essas discussões. Este trecho foi retirado de um livro didático das séries iniciais do Ensino Fundamental. Observe as diferentes formas de abordagem dos assuntos.

Bacia Platina ou do Prata

A bacia Platina é formada pelas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai.

O rio Paraná é formado pelos rios Grande e Paranaíba. É um rio de planalto, no qual se encontra a usina hidrelétrica de Itaipu, uma das maiores do mundo. Em território brasileiro, seus principais afluentes são os rios Tietê, Paranapanema e Iguçu. Passa a se chamar Prata quando recebe as águas do rio Uruguai.

O Paraguai é um rio de planície. Ele atravessa o Pantanal mato-grossense e serve de fronteira entre Mato Grosso do Sul e Bolívia antes de juntar suas águas às do rio Paraná.

O rio Uruguai é formado pelos rios Canoas e Pelotas e serve de fronteira entre a Argentina e o Brasil (MARSICO, 1997, p. 136).

Percebeu no primeiro texto um enfoque calcado na Geografia Crítica e no segundo texto um enfoque tradicional apoiado na informação que induz à repetição e à memorização?

Deve-se lembrar que, aqui no Brasil, viveu-se um período de autoritarismo (1964), que não permitia a livre expressão, o que fez com que a Geografia, e outras disciplinas sociais ficassem impedidas de trabalhar conforme seus princípios. Era proibido estimular a análise e o questionamento. Bastava um conhecimento repetitivo e memorizante. Foi assim com a Geografia.

Com a renúncia do presidente Jânio Quadros em agosto de 1961, o Brasil viveu uma época conturbada. Assumiu a presidência o vice João Goulart, que pretendia fazer algumas reformas sociais, políticas e econômicas que não eram de agrado dos militares. Em 1964, depois de greves e agitações populares, os militares depuseram o presidente e assumiram o governo. Iniciava-se no Brasil a ditadura militar, que durou cerca de 20 anos. Foi um período de repressão, em que as liberdades políticas individuais eram cerceadas e controladas. Um triste período autoritário.

Como apresentado na Aula 4, a Geografia Crítica vem renovar a Geografia Tradicional. E uma outra abordagem da Geografia Crítica, que valoriza mais o indivíduo e sua subjetividade, permite a leitura e compreensão do espaço segundo a percepção do leitor, valorizando sua cultura e seus valores. Uma Geografia humanista.

Segundo Diamantino Pereira e outros (1993),

(...) podemos afirmar que nada impede que façamos um estudo geográfico tanto de nossa casa como de todo o mundo. O que importa, uma vez que constatamos que cada lugar geográfico se diferencia dos demais, é ter sempre em conta que o nosso planeta não é uma realidade homogênea, mas sim a combinação de diferenças de todos os tipos, que se expressam em todos as escalas... estudar a Geografia do mundo é procurar constantemente as maneiras pelas quais os diferentes lugares se combinam (...) (PEREIRA, 1993, p. 45).

Até agora, referimo-nos à Geografia, mas você sabe que a Educação também mudou.

Na área da Educação, o século XX foi marcado por inúmeros pensamentos renovadores que se opunham às atitudes opressoras da escola tradicional. Certamente você já ouviu falar desses pensadores.

Refleta conosco.

Que transformações ocorreram em Educação?

Veja no box as idéias de Dewey, Freinet, Piaget, Anísio Teixeira e Paulo Freire, que eram psicólogos, pedagogos e professores que pensavam na importância de colocar o aluno no centro do ensino, todos negando o autoritarismo escolar até então utilizado, vendo o aluno como atuante em seu processo de ensino/aprendizagem.



Dewey



Freinet



Piaget



Anísio Teixeira



Paulo Freire

Algumas idéias desses pensadores ligadas à Pedagogia.

Dewey (1859-1952) – Para ele, a escola não é uma preparação para a vida, é a própria vida. Foi o criador da Escola Nova.

Freinet (1896-1966) – Segundo Freinet, o conhecimento deve ser adquirido de forma prazerosa. Ele questionava a realização dos trabalhos pedagógicos em lugares específicos.

Piaget (1896-1980) – Seus estudos baseavam-se na formação de indivíduos criativos, descobridores e construtores de seu conhecimento. Estudou os níveis mentais de aprendizagem.

Anísio Teixeira (1900-1971) – Queria um programa de reconstrução educacional para o Brasil. Era defensor da escola universal, pública e laica.

Paulo Freire (1921-1997) – Criou um método próprio de ensino, considerando a realidade cultural do educando.

É o "Aprender a aprender" ou o "Aprender fazendo".
É a educação se renovando.

O pensamento desses cientistas considerou a participação do aluno fundamental no processo ensino-aprendizagem, (aluno ativo e atuante). A presença do professor seria como orientador e estimulador do processo. Valorizou-se mais os objetivos da Educação, o que se queria alcançar, colocando os conteúdos em posição de instrumentos para se chegar a essas metas.

**ATIVIDADE**

2. O que significa dizer que o aluno é o centro do processo ensino-aprendizagem?

COMENTÁRIO

Deve-se considerar dois pontos: primeiro, o professor não é visto como o dono do saber ou conhecedor de tudo, e segundo, diminuindo-se a ênfase nos conteúdos e valorizando-se mais as habilidades e capacidades que se pode construir na escola, possibilita-se que o aluno seja o centro de todas as atividades. Deve ser estimulado para ser ativo e participante em seu processo de aprendizagem.

Essa renovação que atingiu a Educação também chegou a várias disciplinas. A concepção de Geografia, já na década de 1980, passa a uma abordagem mais subjetiva, fruto das experiências individuais e culturais. O fato de considerar essas experiências resultou em diferentes espaços que devem ser analisados e explicados. A Geografia assim renovada interage com outras disciplinas para poder “pensar o espaço”. Os PCN apontam para a necessidade de uma interdisciplinaridade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem a interdisciplinaridade porque a Educação é vista como um processo global, e o conhecimento não pode ser isolado e compartimentado. O ser humano é total, e como tal a Educação também deve ser. Nenhuma disciplina tem sentido isoladamente. A Geografia presta-se a trabalhar em conjunto com várias outras disciplinas: História, Biologia, Língua Portuguesa, Artes, Música etc.

Em uma abordagem mais atual, a Geografia vem buscando se utilizar de práticas que levem os alunos a desenvolver certas habilidades como: identificar, refletir, compreender, analisar, criticar. Essas habilidades podem ser capacitadas por meio da observação, do registro, de descrição, da problematização e da pesquisa, que vão permitir a construção dos conceitos geográficos pelos alunos, diminuindo a ênfase nos conteúdos, utilizando outras disciplinas e considerando o aluno atuante no processo de aprendizagem.

Conforme os PCN,

o ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimento, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico (BRASIL, MEC, 1997, p. 108).

Apesar de toda essa revolução na Educação e no ensino de Geografia, ainda existem muitos professores “acomodados” ou “desinteressados” em fazer mudanças em seus métodos, preferindo dar continuidade a um ensino desinteressante, desestimulador e sem objetivos imediatos.



ATIVIDADE

3.a. Como deve ser o ensino da Geografia atualmente?

COMENTÁRIO

A renovação da Educação, segundo os modernos pensadores, influenciou um novo posicionamento da Geografia que se preocupa em desenvolver nos alunos habilidades específicas mais do que conteúdos. Essa nova forma pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades e capacidades exigidas no mundo atual.

3.b. Qual a diferença entre a Geografia Tradicional e a que se propõe para hoje?

COMENTÁRIO

Você vai lembrar que a Geografia Tradicional apoiava-se na descrição e memorização, e que ainda é praticada porque é mais fácil para o professor e totalmente descompromissada com os conflitos e desafios da sociedade moderna. Esse assunto foi abordado nas Aulas 1 e 3. A Geografia atual é comprometida com essas realidades.

As mudanças da Geografia acompanharam as mudanças na Educação. Na verdade, uma influenciou a outra.

Esse modo de pensar em Educação e na Geografia mostrou a necessidade da interação dessa disciplina às demais: Antropologia, Sociologia, História, Biologia, Ciências Políticas... A Geografia não pode prescindir da interdisciplinaridade para poder compreender o espaço onde vivemos.

Mas isso é assunto que veremos mais adiante.

RESUMO

- O ensino de Geografia vem acompanhando as mudanças em Educação.
- A Geografia é co-responsável no objetivo maior da Educação – o de formar cidadãos críticos da sociedade, daí ter um importante papel na escola.
- Cidadania é um valor que precisa ser trabalhado para ser incorporado.
- Apesar das mudanças, ainda persistem as maneiras tradicionais de se ensinar Geografia.
- Com a interdisciplinaridade, é possível um estudo conjunto da Geografia com as outras ciências, o que beneficia a construção do conhecimento pelos alunos.

ATIVIDADES FINAIS

1. Complete o crucigrama sobre Geografia:

G _ _ _ _ _
_ E _ _ _ _ _ _
_ _ _ _ _ O
_ _ _ G _ _
_ _ _ _ _ R _ _
_ _ _ _ _ _ A _
F _ _ _ _ _
_ L _ _ _ _ _
_ _ _ _ _ A _

- local de origem do conhecimento geográfico;
- método tradicional de ensinar Geografia;
- objeto de estudo da Geografia;
- psicólogo que desenvolveu teorias de aprendizagem;
- ciência utilizada nos estudos geográficos;
- nome dado à Geografia que se utiliza da memória;
- pedagogo brasileiro comprometido com a Educação;
- ciência que contribui com a interdisciplinaridade;
- habilidade perseguida nos estudos geográficos.

RESPOSTA

Essas são as palavras que completam o crucigrama.

Grécia – descrição – espaço – Piaget – História – Tradicional – Freire – Biologia – pensar.

Essa atividade trabalha no nível mental de conhecimento, segundo Bloom, que é o primeiro estágio do desenvolvimento da aprendizagem na mente humana. É importante prosseguir para outros níveis. A questão 2, a seguir, está um nível acima do anterior, pois exige a necessidade de desenvolver a compreensão.

2. Como pedido no crucigrama, a História e a Biologia contribuem com a Geografia. Por que a Geografia se utiliza de outras ciências para completar seu conhecimento?

COMENTÁRIO

A mente humana se desenvolve de forma global e em etapas, não existe a compartimentação do conhecimento na forma como é apresentado na escola. É necessário desenvolver as diferentes etapas do desenvolvimento mental e isso é feito por todas as ciências, gerando a interdisciplinaridade.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você entendeu a importância de se estudar Geografia? Pense um pouco. Conhece algum lugar onde a Geografia ainda é estudada de modo tradicional? Recorde como era a Geografia que você estudou.

Se conseguiu alterar sua forma de pensar sobre esse ensino, se considera a Geografia como parte importante dos conhecimentos humanos, você alcançou nosso objetivo. Na última questão, conseguiu sentir a importância da interdisciplinaridade para complementar o aprendizado do aluno? Parabéns.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Continuando nossas reflexões sobre o ensino de Geografia, vamos trabalhar especificamente sobre a Geografia no Ensino Fundamental, seus objetivos e conteúdos.

A Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental

AULA 11

Meta da aula

Apresentar a proposta do ensino da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Reconhecer a proposta da Geografia no Ensino Fundamental.
- Analisar os objetivos da Geografia no Ensino Fundamental.

Pré-requisito

É preciso que você tenha entendido por que se estuda Geografia em todos os níveis de ensino, conforme mostramos na Aula 10.

INTRODUÇÃO

Já dissemos em aulas anteriores (Aula 1) que a Geografia faz parte de nossa vida e que é comum usarmos a expressão “fazer” Geografia. Mas, apesar disso, ela é também um conhecimento trabalhado na escola, em todas as séries, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

A partir disso, pode-se, então, questionar qual seria a proposta da Geografia para o Ensino Fundamental, já que ela está presente em todos os níveis.

Na aula anterior, lemos uma conversa entre pai e filho sobre o ensino da Geografia. Vamos continuar, pois, com essa conversa entre o Seu João, o pai, e Miguel, o filho.

– Pai, a professora pediu que eu desenhasse tudo o que vejo no meu caminho de casa para a escola.

– Então, vamos, faça um traçado e coloque a padaria, o posto de gasolina e a farmácia.

– Não pai, eu não quero desenhar essas coisas.

– Mas esses são os pontos importantes.

– Para mim pai, acho importante a pracinha com os brinquedos, a esquina onde fica o sorveteiro e a banca de jornais onde compro minhas figurinhas. Esses são os lugares em que eu sempre paro e gosto muito.

– Você só pensa em bobagens. Mas também não sei que relação isto tem com a Geografia.

Percebeu que o pai lembrou lugares diferentes de Miguel?

Na verdade, o posto de gasolina, a farmácia e a padaria eram importantes para o pai e já não tinham significado maior para o Miguel. Para ele, a praça, o sorveteiro, e a banca de jornais eram mais importantes. Logo, para fazer aquela representação, ele só poderia colocar aquilo que tivesse algum significado para ele. É esse o lugar que ele conhece e vive e, portanto, com o qual se identifica.

É isso, você só conhece um lugar quando se identifica com ele.

Mas antes de iniciarmos a discussão sobre a questão da identidade, é importante pensar nos motivos que mantêm a Geografia como uma disciplina massante e repetitiva na escola, como se observou na conversa entre o pai e o filho.

Nos últimos anos tem havido um grande esforço para mudar a Geografia na escola. Isso começou na década de 1980, com a Geografia Crítica e se estabeleceu oficialmente em 1997, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Apesar disso, ainda hoje, alguns traços da Geografia Tradicional se reproduzem na escola, especificamente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Para a permanência dos temas da Geografia Tradicional na escola, pode-se apontar, pelo menos, três razões:

1– Apesar de todo o esforço dos últimos anos, ainda se verifica um distanciamento da Universidade em relação à escola. Esse distanciamento se reflete no pouco diálogo e/ou numa relação baseada no discurso da autoridade, segundo o qual a Universidade se coloca como detentora do saber e a escola como receptáculo. Isso implica no fato de a escola não conseguir absorver as inovações das universidades devido às diferentes linguagens – a linguagem acadêmica e a linguagem escolar.

2 – Outra razão seria a qualidade do professor, já que ainda existem profissionais “acomodados”, reproduzindo práticas da Geografia Tradicional, sem interesse em atualizações e, muitas vezes, sem condições financeiras que permitam tais atualizações. Esses professores tanto podem ser encontrados no Ensino Fundamental como nas Universidades. Quanto aos professores da 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, deve-se lembrar que a Geografia estudada por eles no Ensino Normal equivale à do Ensino Médio; logo, os profissionais que ministram as aulas não tiveram um saber geográfico mais profundo.

3 – Por último, deve-se considerar o conteúdo de Geografia proposto para as Séries Iniciais. Como se trata de iniciar a criança no conhecimento geográfico, priorizam-se mais os fenômenos, descrevendo-os, sem atentar para uma abordagem mais reflexiva. Apesar de os PCN enfatizarem a necessidade de se trabalhar com objetivos, ainda assim os conteúdos são priorizados tanto pelos professores como pelos pais e responsáveis que acompanham o trabalho pelos livros didáticos.

Sobre essa situação, já fizemos um comentário, inclusive exemplificando, na Aula 10. Procure fazer uma revisão.

A CONSTRUÇÃO DA IDÉIA DE IDENTIDADE

O Ensino Fundamental é aquele que inicia a criança em um estudo regular. Caracteriza-se, principalmente, pelo papel de “alfabetizar”.

Alfabetizar em todas as disciplinas significa conhecer conceitos, habilidades e as diversas linguagens trabalhadas por elas. Assim, em Língua Portuguesa, o conhecimento das letras e do mecanismo da leitura e da escrita permite que a criança, em breve tempo, consiga se expressar através da leitura, da escrita e da expressão oral. Em Matemática, o conhecimento da linguagem específica permite o domínio dos números, das operações e do raciocínio lógico. Em História, alfabetizar é começar a conhecer os fatos do passado como forma de entender e explicar o presente. Em Geografia, a alfabetização consiste em saber ler e entender o espaço geográfico, ou melhor, aquele que faz parte da realidade da criança.



Vamos lembrar aulas anteriores, onde já se trabalhou a noção de “espaço geográfico”. Recorde as Aulas 5 e 9.

Ao observar uma paisagem, como fizemos na aula anterior, ao espaço físico e material acrescenta-se a construção social. Pode-se dizer que o que organiza socialmente o homem é o resultado da apropriação de um espaço por ele, dentro de contextos históricos, sociais, econômicos e políticos; o Homem é parte da natureza e da sociedade desse espaço, que ele influencia e que dele sofre influência. Segundo Callai,

a geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento. ... O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço... (CALLAI, 2001, p. 58).

Vamos pensar juntos. A proposta do ensino da Geografia no Ensino Fundamental é levar o aluno a se alfabetizar na leitura do espaço ocupado pelo homem, particularmente o seu espaço, como sendo o seu lugar, onde vive e com o qual se identifica.

Ainda segundo Callai,

...ler a paisagem, ler o mundo da vida, ler o espaço construído. Eis uma atividade que de um ou outro modo todos fazemos... Dessa forma pode-se afirmar que todos e todas as disciplinas fazem leitura (2003, p. 60).

Isso explica porque ocorre a superposição de conteúdos entre a Geografia e a História, ou entre a Geografia e as Ciências. Por exemplo, o tema: Indústria no Brasil é comum à Geografia e à História. A diferença está em que a História preocupa-se com o fato e sua evolução, enquanto a Geografia estuda a configuração do espaço identificando as dinâmicas responsáveis pela atual forma, e, como a atividade industrial modificou o espaço e as relações do homem com ele. Vamos exemplificar comparando a Geografia com as Ciências. É comum que, em Ciências, estude-se o solo e as rochas, assuntos que também fazem parte da Geografia. Se utilizarmos a visão da Geografia Crítica de pensar o espaço que vimos em aulas anteriores, não se incorre no erro de colidir com estudos de outras disciplinas, porque não se trata de fazer uma Geografia descritiva, compartimentada e de cunho positivista, e sim relacionando esses temas com a sociedade que ocupa aquele espaço.

Volte à Aula 3 e relembre o significado de positivismo.





ATIVIDADE

1. Complete o quadro mostrando como o assunto Solos pode ser tratado pela Geografia e pelas Ciências.

GEOGRAFIA	CIÊNCIAS
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

COMENTÁRIO

Para as Ciências, o tema leva à descrição dos diferentes tipos de solo e a dizer como se formaram; para a Geografia, é preciso pensar de que forma o homem pode utilizar-se desses solos, onde se localizam e como os homens estabelecem com eles as relações, considerando sua cultura, sua economia e a política adotada para esse espaço. Exemplificando na prática:

GEOGRAFIA

Os solos de massapé foram utilizados para o plantio da cana-de-açúcar, lavoura comercial que ocupou imensas áreas de grandes propriedades, empregando numerosa mão-de-obra e gerando uma estrutura fundiária em que as pequenas propriedades não tiveram espaço; assim, um grande número de pessoas sem acesso à terra optou pela emigração para outras áreas.

CIÊNCIAS

Os solos do tipo massapé são encontrados no **LITORAL ORIENTAL** do Nordeste do Brasil. São muito férteis, porque resultam da decomposição do granito em clima tropical e de uma grande quantidade de argila.

LITORAL ORIENTAL

É o mesmo que Litoral Leste, banhando parte dos estados da Região Nordeste e Sudeste. O Brasil possui também o Litoral Meridional ou Sul, que banha a Região Sul do País e o Litoral Setentrional ou Norte que banha o restante da Região Nordeste e parte da Região Norte.

IDENTIDADE

Segundo o dicionário *Aurélio*: Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de alguém ou de algum lugar.

Voltemos à idéia de **IDENTIDADE**:

Criamos um pequeno texto com o nosso personagem Miguel, para explicar a identidade dele com o lugar.

Miguel mora no Rio de Janeiro, em um bairro afastado do centro, de classe média, com uma boa infra-estrutura urbana. Tem praças, ruas asfaltadas e iluminadas, escolas e todos os serviços básicos para atender à população. Miguel nasceu nesse bairro e desde pequenino sua mãe o leva para passear de carrinho na pracinha em frente à casa. Miguel cresceu brincando na praça, junto com outras crianças que freqüentam a mesma escola que ele, e são companheiros de folguedos. Ele, todos os dias, utiliza esse mesmo espaço: a praça, a rua em frente, a esquina...

Na praça em que ele brinca, ele conhece até onde estão as melhores pedrinhas para chutar, vê sempre a mesma árvore e sabe quando ela está pronta para dar flores. O sorveteiro da esquina é seu amigo e sempre adianta um sorvete, mesmo sem que ele tenha o dinheiro na mão. Já na banca de jornais, ele e seus amigos compram e trocam figurinhas, e o jornaleiro, camarada, facilita o pagamento. Miguel se sente bem nessa rotina, sente segurança porque todo o espaço lhe é conhecido. É o seu “lugar”. E para ele, é o melhor e mais bonito de toda a cidade.

**ATIVIDADE**

2. Após a leitura da “historinha”, sublinhe no texto dois aspectos que mostram a identidade do Miguel com o lugar.

COMENTÁRIO

Você pode sublinhar várias partes, mas o importante é não se esquecer de marcar os trechos nos quais aparece a relação do Miguel com o lugar, seja através das brincadeiras, da observação ou do sentimento dele com esse espaço.

Vamos representar, de forma esquemática, o lugar onde vive o Miguel. Observe a figura abaixo.



Repare o que diz Callai:

Este espaço real, concreto, que vemos, onde vivemos e no qual ocupamos um lugar para morar e no qual nos locomovemos, existe em si mesmo. É uma dimensão da realidade, e como tal precisamos nos apropriar intelectualmente dele. É um conceito que precisamos compreender. Esse conceito precisa ser construído no interior do processo de aprendizagem (CALLAI, 2001, p. 69).

Ao tentar “ler” esse espaço, busca-se também compreendê-lo, verificando como a natureza foi adaptada pelo homem, que realidade social se encontra nele, qual a relação do homem com os outros grupos sociais. Reconhecendo as características de identidade desse espaço vem a necessidade de traçar os seus limites, o que vai definir os lugares. Aí pode-se perceber os problemas que ocorrem nesse lugar e tentar resolvê-los.

Vamos analisar juntos a praça em que Miguel brinca no bairro.

Para a construção da praça derrubaram algumas árvores, demoliram prédios velhos para abrir espaços. Mais tarde, outras árvores e plantas foram plantadas. Colocaram-se bancos e brinquedos da forma planejada pelos estudos do arquiteto e urbanista. Nessa praça, o espaço foi adaptado às crianças para brincar e trocar experiências. Trata-se de crianças da redondeza que compartilham os mesmos hábitos e costumes. Em suas brincadeiras, mostram a cultura que trazem consigo, pulando amarelinha ou jogando bola de gude. O sorveteiro e o jornaleiro encontraram ali seu trabalho e a forma de garantir o próprio sustento. Percebe como cada grupo se utiliza da praça?

Miguel e seus amigos sabem que a praça representa o lugar das brincadeiras, dos encontros e do prazer. Para eles, ela representa um espaço de felicidade que lembra férias. Ultrapassando aquele pedaço, a realidade é outra; há um grande movimento de veículos, há a escola que recebe muitas crianças de outras localidades, além do burburinho das ruas comerciais com muitas pessoas caminhando apressadas.

A praça apresenta também muitos problemas que precisam ser resolvidos: ela precisa de limpeza; as árvores, de poda, e a segurança deve ser reforçada. O sentimento de propriedade que as crianças desenvolveram pela praça leva-as a reconhecer esses problemas e a colaborar para solucionar essas questões ou cobrar das autoridades a prestação dos serviços necessários.

Pode-se reconhecer, nesse lugar, os modos de vida, a cultura e costumes da população, que imprimem a ele características próprias. As crianças pulam amarelinha e jogam bola de gude.

Estamos querendo mostrar a relação que existe entre o espaço geográfico e a identidade.



ATIVIDADE

3. Com base no que leu, escreva uma frase em que apareçam as seguintes palavras:

cidadania

lugar

identidade

COMENTÁRIO

Claro que não poderemos saber a frase que você escreveu, mas nela deve aparecer a idéia de que a identificação de alguém com um lugar conhecido e onde vivenciou momentos especiais leva a um sentimento de envolvimento e responsabilidade. O envolvimento e a identificação da pessoa com o lugar leva à criação de vínculos e a torna responsável por ele, capacitando-a a compreender e estabelecer comparações com outros lugares para resolver os problemas. Isso resulta na construção da noção de cidadania. Recorde que esse assunto foi tratado na Aula 10.

Continuando nosso assunto...

Sabemos que a escola também tem a função de integrar a criança na sociedade em que vive. É impossível construir a sociabilidade com o desenvolvimento individual. Na verdade, a construção da identidade pessoal e da socialização faz parte do mesmo processo que resulta na valorização da cultura da comunidade e no respeito pelos outros, pelos diversos grupos sociais, pelas diferenças no acesso ao saber e pela construção de muitos espaços de convivência. Podemos concluir que esses processos levam à construção da cidadania.

O que estamos querendo falar é da importância em se fazer o estudo do lugar que é nosso, de que temos entendimento, onde moramos, trabalhamos e estudamos.



ATIVIDADE

4. Tente você também. De forma esquemática, desenhe seu lugar, o espaço onde vive.

COMENTÁRIO

Você deve ter traçado sua rua, onde marcou sua casa e os locais mais especiais em sua vida. Parabéns. Esse é o seu espaço.

Apresente seu trabalho no pólo, ao seu tutor e a seus amigos para que vejam como você representou o espaço onde vive.

É preciso que o aluno, rompendo os limites do seu espaço local, passe a entender os espaços maiores e mais complexos. Como diz Callai, (2003, p. 62) se conseguimos compreender o lugar que nos dá identidade e ao qual pertencemos, podemos nos reconhecer como cidadãos desse lugar que faz parte de um mundo maior, além de aprendermos a fazer a leitura e análise desse espaço e, conseqüentemente, de um mundo mais amplo.

Considerando que no Ensino Fundamental o objetivo é alfabetizar em Geografia, além de conhecer o seu espaço é preciso fazer o aluno reconhecer a existência de outros espaços, com valores, costumes e culturas diversas das suas; desse modo ele vai respeitar as diferenças entre os povos. Esse assunto foi abordado na Aula 9.

O lugar onde se vive está impregnado de história e o papel da Geografia é desvendá-lo.

Vamos apresentar os objetivos da Geografia no Ensino Fundamental de forma sucinta. Fizemos uma adaptação dos PCN.

1 – *Conhecer a organização do espaço geográfico, compreendendo o papel das sociedades em sua construção.*

É através da observação de um espaço próximo que se conclui como se ocorreu sua construção ao longo do tempo.

2 – *Identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas conseqüências.*

Trabalhar a idéia que as ações humanas sobre o espaço e seu modo de utilizá-lo implicam em conseqüências, benéficas ou não, para a natureza e para os próprios homens.

3 – *Compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos.*

Pode se reconhecer que as características de um espaço diferem das do outro, mudam com o tempo e com a forma de ocupação dos grupos sociais.

4 – *Compreender que as melhorias nas condições de vida, nos avanços tecnológicos e nas transformações socioculturais são decorrentes de conquistas e conflitos da sociedade.*

Novamente reforça-se a idéia das diferenças entre as sociedades, lembrando que dentro de uma mesma sociedade uma determinada classe pode conseguir conquistas que geram conflitos com outros grupos.

5 – *Fazer a leitura de mapas, gráficos e imagens.*

Esse é o instrumental da Geografia que vai permitir o conhecimento do espaço ao longo de toda a vida do aluno.

6 – *Saber utilizar processos de pesquisa sobre os processos de construção do espaço.*

O desenvolvimento da capacidade de pesquisa permite ao aluno buscar o conhecimento, que aumenta seu interesse pelo entendimento do espaço onde vive, por meio de informações através de imagens ou na forma escrita.

7 – *Valorizar e respeitar o patrimônio sociocultural de uma sociedade.*

A criação dos valores de respeito, participação e comprometimento com o patrimônio da sociedade faz crescer no indivíduo a relação dele com esse meio, logo, reforça a noção de cidadania.

Os objetivos constituem o ponto de partida para se refletir qual é a formação que se pretende que os alunos obtenham, que a escola deseja proporcionar e tem possibilidades de realizar, sendo nesse sentido, pontos de referência que devem orientar a atuação educativa..., orientar a seleção de conteúdos a serem aprendidos..., incluir os encaminhamentos didáticos apropriados..., constituir-se uma referência indireta da avaliação da atuação pedagógica da escola (BRASIL, MEC, 1997, v. 1, p. 70).

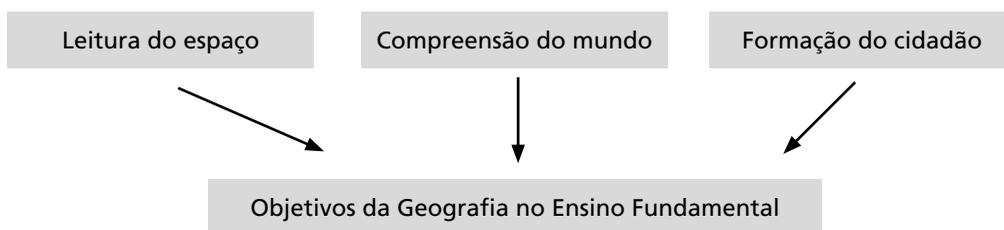
Como um dos objetivos gerais do Ensino Fundamental, os PCN indicam a necessidade de os alunos compreenderem a cidadania com “participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais...”

Você pode concluir que o estudo de Geografia, quando ocorre considerando tais objetivos, é de grande importância para uma sociedade que quer seus indivíduos comprometidos com o bem social.

A Geografia, descritiva e memorizante, não tem vez nessa forma de trabalho.

Queremos chamar atenção de que esse estudo da Geografia em torno do espaço é feito através do desenvolvimento de habilidades como: observar o espaço, descrever uma paisagem, analisar o espaço ou uma paisagem, ler mapas, construir mapas... O Ensino Fundamental deve oferecer o momento ideal para iniciar a criança na leitura do espaço, na compreensão do mundo e na formação do cidadão.

Pode-se esquematizar nosso propósito da seguinte forma:



RESUMO

O estudo da Geografia parte do espaço vivido pelo aluno; espaço que ele conhece, entende, usa, transforma e com o qual se identifica.

O estudo desse espaço mais próximo leva à construção de uma metodologia que é aplicada em espaços maiores e mais distantes.

Para todo o trabalho com o espaço, a Geografia precisa da representação e trabalha a leitura e confecção de mapas e gráficos.

O aluno passa a compreender o espaço e as relações sociais que nele se estabelecem, sentindo-se parte dele.

No Ensino Fundamental, um dos objetivos da Geografia, é construir a cidadania.

ATIVIDADES FINAIS

1. Por que se deve estudar Geografia no Ensino Fundamental?

COMENTÁRIO

No Ensino Fundamental, a ênfase está em alfabetizar a criança nos diferentes ramos do conhecimento. A Geografia alfabetiza na leitura e compreensão do espaço vivido pelo homem para permitir a compreensão do espaço maior – o mundo.

2. Qual a proposta da Geografia para o Ensino Fundamental?

COMENTÁRIO

A proposta é permitir que o aluno entenda o seu espaço, utilize o instrumental aprendido a fim de poder fazer a leitura; então, ele vai compreendê-lo, e vai se ver como parte integrante, como mais um elemento desse espaço, identificando-se com ele.

3. Como se dá a construção dos valores da cidadania?

COMENTÁRIO

Cidadania não se ensina, é um sentimento que se constrói, pelo lugar e pelas pessoas. Assim, é com o exemplo, o conhecimento e com práticas de reflexão que se aprende o papel de cada um em relação ao lugar e ao próximo. A identificação com um determinado espaço faz nascer um sentimento, um vínculo de integração e o indivíduo passa a se sentir responsável por ele. Isso é cidadania.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você compreendeu por que é importante o estudo da Geografia? Percebe que esse estudo tem muito a oferecer à sociedade no momento, que é capaz de ajudar a formar cidadãos. Se você acha que mudou seu modo de ver a Geografia entendendo porque é necessário iniciar as crianças nesse pensar desde cedo, então, está de parabéns e passe para a aula seguinte.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Continuando com o ensino da Geografia, vamos trabalhar juntos, objetivos e conteúdos da disciplina no 1º ciclo do Ensino Fundamental. Você poderá observar que, muitas vezes, está fazendo Geografia sem perceber.

A Geografia no 1º ciclo do Ensino Fundamental

AULA 12

Meta da aula

Apresentar os objetivos e conteúdos da Geografia no 1º ciclo do Ensino Fundamental.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Analisar os objetivos da Geografia apresentados nos PCN, para o 1º ciclo do Ensino Fundamental.
- Comparar os objetivos com os conteúdos da Geografia no 1º ciclo do Ensino Fundamental.

Pré-requisitos

Retorne à Aula 1, que mostrou o significado da Geografia, e às Aulas 10 e 11, que abordaram o ensino dessa disciplina. Assim, a leitura desta aula será mais fácil.

INTRODUÇÃO



PIAGET

(1896-1980)

Piaget estudou a evolução do pensamento, da infância até a adolescência, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo. Concebia a criança como um ser dinâmico, que a todo momento interage com a realidade.

Essa interação com o ambiente faz com que ela construa estruturas mentais e adquira maneiras de fazê-las funcionar, organizando-se internamente e adaptando-se ao meio. Piaget considerou três grandes estágios de construção do conhecimento cognitivo. São unidades do desenvolvimento infantil:

- período da inteligência sensório-motora, que se estende do nascimento até os 2 anos aproximadamente;
- período de preparação e organização das operações concretas, que se estende dos 2 aos 11 anos;
- período das operações formais, a partir dos 12 anos.

Pode-se também considerar o desenvolvimento dividido por estágios: pré-operatório, do nascimento até os 7 ou 8 anos, e o estágio operatório, dos 7 ou 8 anos até a adolescência.

Em aulas anteriores, discutiu-se o conhecimento geográfico, como surgiu e qual a sua importância. Nas duas últimas aulas, apresentou-se a Geografia como um ramo do conhecimento que faz parte das disciplinas de todos os níveis escolares.

Estudamos algumas situações sobre o ensino da Geografia e percebemos que ainda se valoriza um estudo descritivo e memorizante. O que se quer, de agora em diante, é pensar em uma ciência em que o homem e o espaço estão em combinação. A Geografia é a ciência que estuda o espaço, mas sempre considerando o homem como elemento desse espaço.

Segundo um pensador da Educação,

(...) a educação é inerente à sociedade humana, originando-se do mesmo processo que deu origem ao homem. Desde que o homem é homem ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação. A humanidade se constituiu a partir do momento em que determinada espécie natural de seres vivos se destacou da natureza e, em lugar de sobreviver adaptando-se a ela necessitou, para continuar existindo, adaptar a natureza a si (SAVIANI, 1997 p. 1).

Desde o momento em que o homem se ergueu sobre as pernas liberando seus braços para a locomoção, o **HOMO ERECTUS** e depois o **HOMO SAPIENS**, ele se destacou dos outros animais e adaptou a natureza às suas necessidades, adaptando-se a ela também.



HOMO ERECTUS

Homem primitivo, da família dos Hominídeos; o fóssil mais antigo encontrado data de 300 a 500 mil anos, em Java.

HOMO SAPIENS

Também um Hominídeo, cujo fóssil mais antigo foi encontrado na França, há 50 mil anos.



No 1º ciclo do Ensino Fundamental, a criança está numa faixa etária que vai de 6 a 8 anos, aproximadamente. Nessa idade, para realizar sua aprendizagem, ela precisa de material concreto para que suas habilidades mentais possam construir o aprendizado. Essa faixa corresponde ao período que **PIAGET** chamou de operações concretas no estudo da organização das operações mentais.

A aprendizagem do espaço e da ação do homem inicia-se a partir de um espaço conhecido pela criança – espaço vivido. Recordamos que essa noção não significa o espaço próximo ou mesmo pequeno em tamanho. O espaço vivido é aquele que é conhecido pela criança, ainda que só por imagens, podendo até ser um espaço distante; é aquele com o qual a criança se identifica.

O espaço conhecido é diferente para cada um, logo o estudo da Geografia no 1º ciclo do Ensino Fundamental deve abordar principalmente o espaço local a fim de servir de referência, para o professor poder trabalhar considerando o papel da natureza e as ações do homem. Nessa paisagem local é possível analisar os aspectos da economia, a influência da cultura e as questões políticas dessa sociedade. Tais ações humanas transformam a natureza que, em sua **FISIOGRAFIA**, se adapta a essas ações.

O estudo da paisagem local permite ao professor construir uma metodologia que estabelece comparações com paisagens mais distantes, buscando semelhanças e diferenças, analisando os fenômenos naturais e os elementos humanos presentes. Com esse estudo, desenvolvem-se habilidades específicas que caracterizam e diferenciam a Geografia das outras disciplinas. Compreende-se as noções de posição, extensão, limites e fronteiras que delimitam e permitem diferenciar as paisagens. Os alunos do 1º ciclo aprendem essas noções de forma lúdica.

Você está vendo que, no 1º ciclo do Ensino Fundamental, são trabalhados os conceitos e habilidades fundamentais para a compreensão da paisagem.

Vamos sintetizar isso em um esquema:



FISIOGRAFIA
 Refere-se à Geografia Física, isto é, ao estudo da Natureza.

Esses procedimentos permitem o desenvolvimento e o conhecimento da Geografia em todos os níveis. Com o avanço das séries escolares, as habilidades são mantidas, porém, mudam-se os espaços.

O TRABALHO DO 1º CICLO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados entre os anos de 1992 e 1996, a partir de sugestões de professores e especialistas em Educação de todas as partes do Brasil. Como bem diz o seu nome, não é um “programa” a ser cumprido, mas, um caminho a ser seguido e adaptado por todos de acordo com seus interesses e características geográficas, econômicas e sociais.

Esses são os objetivos propostos pelos PCN para esse ciclo. Vamos fazer uma análise relacionando-os aos conteúdos.

- reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social;
- conhecer e comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens;
- reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer; (BRASIL, MEC, 1997, pp. 130-131).

Lendo os objetivos propostos, deve-se considerar a questão da paisagem local e do lugar lembrando, como se disse anteriormente, que cada criança e cada um de nós tem uma construção particular desse conceito. Na Aula 10, vimos que cada um de nós se identifica com um lugar. Muitas atividades podem ser propostas a fim de que a criança construa a noção de espaço.

Esse exemplo foi encontrado em um livro de 1ª série:

Desenhe você e seus colegas na sala de aula.
Dê a posição de seus colegas.
Conhecendo mais a sua sala de aula...

- é possível medir a sala de aula?
- escreva tudo que você pode usar para medir sua sala.
- escolha uma medida e descubra quanto mede sua sala.
- use a mesma medida para medir sua carteira.

Observe como sua sala está arrumada. Por que está arrumada assim?

Alguma vez sua sala foi arrumada de outro modo? Desenhe como ficou arrumada (ANTUNES, 1997, pp. 22-24).

Para trabalhar essa noção, professor e alunos devem combinar um espaço comum que seja do conhecimento de todos e que possa ser conhecido através de visitas pessoais, de fotografias ou de mapas. No exemplo apresentado, você percebeu que o livro didático utilizou a sala de aula como o espaço conhecido por todos?

Esse estudo da paisagem local permite a integração com a História, com a Matemática, além da Língua Portuguesa. As transformações ocorridas naquele espaço, conhecidas pelos relatos de pessoas mais velhas, de antigos moradores ou através de fotografias, permite a interdisciplinaridade com a História. Os relatos escritos e orais fazem a ligação com a Língua Portuguesa e, criando situações que envolvem raciocínio, estamos integrando a Matemática.

Não queremos aqui esgotar as possibilidades de trabalho, mas apresentar alguns exemplos que permitam “ler” a paisagem a partir das diferentes linguagens disciplinares.

Tal estudo permite que se chegue a diferentes dimensões espaciais. Passa-se do espaço local para o global: do bairro ao município, ao estado, ao país e ao mundo. Esse trabalho estará presente durante todo o ensino da Geografia, nos ciclos seguintes.



ATIVIDADE

1. Vamos fazer a interdisciplinaridade com a História, observando as duas fotos abaixo.



Figura 12.1

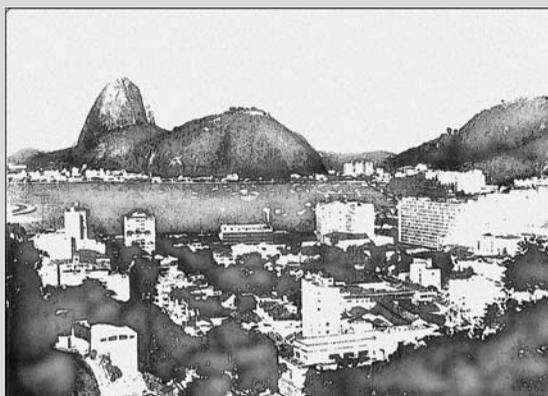


Figura 12.2

a. Relacione alguns elementos das fotos:

COMENTÁRIO

Os elementos que você relacionou foram os que mais chamaram a atenção, por exemplo: o litoral, as construções... O importante é que você percebeu, nas diferenças da paisagem, a multiplicidade de tempos e espaços e destacou os aspectos naturais e humanos que a compõem.

Voltando aos objetivos apresentados, outro aspecto abordado é o da Natureza. Natureza feita de ar, de água, de terra e utilizada pelo Homem. Pode-se estabelecer uma comparação com a natureza de outros espaços; pode-se compreender a ação do homem utilizando a natureza com o objetivo de conservá-la para as gerações futuras ou observar o processo de degradação e exaustão. É preciso reforçar que este estudo nas Séries Iniciais está ligado ao aspecto da paisagem natural ou ao meio ambiente e que também permite a interdisciplinaridade com as Ciências, com a História e com outras disciplinas. Esse assunto, conduz a um trabalho de Educação Ambiental, permitindo que se construa com os alunos atitudes conservacionistas em relação à **NATUREZA**.

Nas civilizações primitivas, o homem era um elemento integrado no sistema natureza e nele sua interferência era feita de forma harmoniosa. Hoje, o homem continua a fazer parte desse sistema e a interferir nele, mas nem sempre o faz de maneira equilibrada. A industrialização e a urbanização provocam interferências, algumas vezes desastrosas, para o meio ambiente.

No estudo da natureza, parte-se da observação para a descrição e análise.

Vamos transcrever outro objetivo dos PCN. Este aborda a questão da Educação Ambiental.

Reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vivem, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza (BRASIL, MEC, 1997, p. 131).

Buscamos um exemplo que atinge esse objetivo em texto de um livro de 2ª série.

As águas puras e cristalinas dos rios que o homem usa para beber e matar a sede estão ficando poluídas, imundas! A natureza nos deu rios de águas claras, límpidas, com uma variedade enorme de peixes...Uma beleza!

O homem sabe que os rios são importantes para a vida dos animais, das plantas e da sua própria vida.

O homem sabe que água poluída significa vida diminuída.

Se o homem sabe que preservando os rios, mantendo-os limpos, está preservando a própria vida... Por que isso não acontece? (MARSICO, 1997, p. 143).

NATUREZA

A palavra vem do Latim – *natura* – e significa todos os seres que constituem o Universo, que conserva a ordem natural das coisas, a essência, o que se produz independente de intervenção refletida ou inconsciente.

Você viu que a partir de um texto é possível estimular o aluno a desenvolver uma atitude de responsabilidade e de respeito pelo ambiente em que vive.



ATIVIDADE

2. Observe as paisagens. Essa observação deve ser feita com cuidado e considerando todos os aspectos:



Figura 12.3

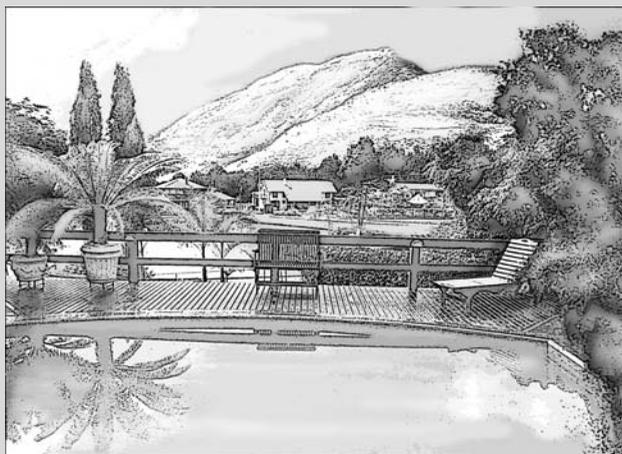


Figura 12.4

a. Descreva os aspectos observados. Essa descrição é acompanhada do registro.

COMENTÁRIO

Descrever essas paisagens é relacionar os elementos do quadro natural na **Figura 12.3** e os elementos da paisagem humanizada na **Figura 12.4**. Observa-se que o cenário do espaço se modifica com a presença do homem.

b. Explique os fatos observados, fazendo uma análise e uma comparação.

COMENTÁRIO

As modificações são decorrentes da presença do homem no espaço em que vive; assim, na **Figura 12.3**, a natureza aparece em seu estado natural, mas na **Figura 12.4**, as casas e as formas de organização demonstram o interesse do homem em ocupar esse espaço.

Realizando esta atividade estamos também alcançando um outro objetivo apresentado nos parâmetros. "Saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta e indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral" (BRASIL, MEC, 1997, p. 131).

Compreendendo a relação entre a sociedade e a natureza, o aluno demonstra que desenvolveu a capacidade de ver essas relações na natureza onde vive.

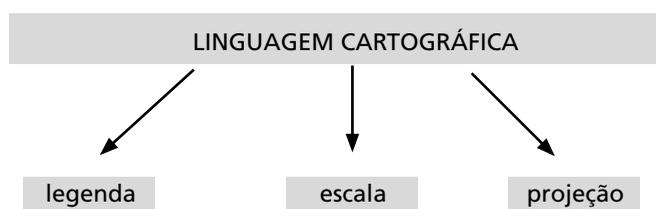
Para terminar, os PCN apresentam objetivos ligados à instrumentalização da Geografia.

- Conhecer e começar a utilizar fontes de informação escritas e imagéticas utilizando para tanto alguns procedimentos básicos.
- Reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância, de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se relacionam (PCN, 1997, p. 131).

Os aspectos de instrumentalização da Geografia serão estudados ao longo de todo o curso, portanto, em cada aula iremos nos aprofundar em cada um deles. Neste 1º ciclo, importa somente conhecer o início da linguagem cartográfica, para poder saber “ler” mapas, atendendo ao objetivo de alfabetizar. Trata-se da alfabetização em Geografia.

Esse assunto será visto em outra aula. Por agora queremos só lembrar que a elaboração de um mapa envolve o conhecimento do espaço e da linguagem cartográfica. Como diz Passini, "o mapa é a representação simbólica de um espaço real, que se utiliza de uma linguagem semiótica complexa: signos, projeção e escala" (PASSINI, 1994, p. 23).

Pode-se sintetizar dessa forma:



Você percebe que é complexo este assunto para o primeiro ciclo. Somente a criação da legenda pode ser feita desde as séries iniciais. A representação do espaço passa por conhecer outras categorias como distância, limites, orientação, a noção de território e a perspectiva de quem observa ou representa o espaço (projeções). Se o aluno for capaz de observar e explicar o que está vendo, já dominou parte do conhecimento necessário no 1º ciclo.

Observe como esse assunto é tratado em um livro de 1º ciclo:

Vila imaginária

Desta vez, sua tarefa será imaginar e construir uma vila para depois, representá-la num mapa.

Fazer uma maquete com casinhas, igreja, prédios, escola, ruas e praças.

Registrar todos os elementos que foram desenhados.

Observar a maquete de três posições diferentes.

Contornar todos os elementos da maquete.

Retirar os elementos da maquete e criar uma legenda para o seu lugar.

Está pronto o mapa (ALMEIDA, 1995, pp. 16-19).

Ao propor estas atividades, o livro remete o aluno à linguagem cartográfica, porque ao construir casinhas, igrejas e prédios está reduzindo esses elementos ao espaço que dispõe (escala). Quando observa a maquete de posições diferentes está vendo que o mesmo espaço pode ser visto de várias formas (projeções), e quando cria símbolos para representar esses elementos (casinhas, igreja etc.) está criando a legenda.

Repare que, em nenhum momento, essa nomenclatura aparece. Os alunos realizam o trabalho de forma lúdica. Esses são os elementos da linguagem cartográfica. É uma forma simples para iniciar o trabalho de alfabetização em Cartografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

O embasamento teórico desse assunto será visto em aula futura.

Esses quadros vão permitir uma melhor visualização dos conceitos vistos na aula. Segundo os PCN, os conceitos a serem estudados no 1º ciclo são:

{ paisagem local
natureza

E as habilidades construídas são:

{ observação
descrição
representação
análise

A proposta dos PCN vem de encontro às novas propostas em Educação que enfatizam mais os objetivos que se quer alcançar do que o volume dos conteúdos. Essa é a visão de escola, centralizada no aluno como ser ativo e participante e que constrói seu próprio conhecimento. Esse pensamento é seguido por alguns autores como, Freinet, Rogers, Montessori e Paulo Freire, já citados por nós em aula anterior, a Aula 10.

RESUMO

Os PCN traçam os objetivos a serem seguidos no Ensino Fundamental.

O 1º Ciclo do Ensino Fundamental trabalha mais habilidades que conteúdos.

A Geografia no 1º ciclo tem a preocupação de desenvolver habilidades e instrumentalizar o aluno para os estudos posteriores.

Segundo os PCN, a Geografia deve priorizar a construção de habilidades como: observação, descrição, registro, análise e representação.

O ensino da Cartografia se faz presente nesse ciclo de uma forma ainda simples.

A linguagem cartográfica se inicia sem a necessidade de uma conceituação teórica.

Ela acontece através de atividades que desenvolvem certas habilidades.

ATIVIDADES FINAIS

1. Como se pode construir a noção de paisagem local com o aluno?

COMENTÁRIO

A paisagem local depende de como cada um vê o seu espaço. Não precisa ser o mais próximo (aquele onde se vive ou onde você está) e sim aquele que você tem na mente, o lugar que você “registrou” em sua memória. Esse espaço pode ser o seu bairro ou lugarejo, desde que o indivíduo se identifique com ele.

2. Qual a diferença entre a escola atual e a escola tradicional, em relação aos objetivos e aos conteúdos?

COMENTÁRIO

A escola tradicional estava centrada na figura do professor; ele demonstrava toda a sua capacidade com o conhecimento de muitos conteúdos que eram passados para os alunos, os quais passivamente, se viam obrigados a repeti-los. A escola atual, centrada na figura do aluno, desenvolve habilidades para que eles possam construir seus próprios conhecimentos. É o aprender a aprender e, dessa forma, ser capazes de buscar e construir novos conhecimentos.

3. Assinale as alternativas corretas:

- a. A paisagem local é aquela mais próxima do aluno.
- b. As habilidades devem anteceder a assimilação dos objetivos.
- c. Na escola atual, a proposta é que o aluno cada vez mais domine conteúdos.
- d. O aluno constrói seus conhecimentos quando trabalha com objetivos.
- e. O aluno é capaz de representar e analisar o espaço, depois de fazer uma observação.

COMENTÁRIO

- a. Essa afirmativa está errada, porque se sabe que o espaço local nem sempre é o mais próximo e sim aquele com que mais se identifica.*
- b. Essa também está errada, porque as habilidades são os instrumentos para se alcançar os objetivos propostos. A aprendizagem é concomitante.*
- c. Errada. A escola atual deve permitir ao aluno construir seu próprio conhecimento. Ela dá as condições para que isso se realize.*
- d. Está certa. O aluno que alcança os objetivos propostos pelo professor em uma aula terá conquistado mais conhecimentos.*
- e. Certa. Todo o trabalho em Geografia se inicia com a observação. Só depois se pode passar à análise e à representação.*

AUTO-AVALIAÇÃO

Repare se você consegue perceber que os conteúdos na escola nova não têm mais tanta importância como se dava antigamente. Hoje, a preocupação está mais em fazer o aluno saber pensar, buscar e criar novos conhecimentos. Se você concorda com esse novo modo de pensar a escola e também a Geografia, podemos passar para a aula seguinte.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula dará continuidade a este assunto, trabalhando com o 2º ciclo do Ensino Fundamental.

A Geografia no 2º ciclo do Ensino Fundamental

AULA 13

Meta da aula

Apresentar os objetivos e conteúdos da Geografia no 2º ciclo do Ensino Fundamental, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Analisar os objetivos da Geografia apresentados nos PCN para o 2º ciclo do Ensino Fundamental.
- Comparar os objetivos com os conteúdos da Geografia no 2º ciclo do Ensino Fundamental.

Pré-requisitos

Esta aula é continuação da anterior e é preciso que você reveja as Aulas, 10, 11 e 12, para que a leitura desta aula fique mais fácil.

INTRODUÇÃO

Vamos seguir a proposta apresentada na Aula 12, já que o ensino da Geografia no 2º ciclo está voltado para os mesmos objetivos e, principalmente, para os mesmos procedimentos, desenvolvendo melhor as habilidades.

Você recorda que os PCN vêm enfatizando a necessidade de se desenvolver habilidades através do conhecimento de procedimentos e categorias que norteiam o objetivo da escola, segundo uma nova visão da Pedagogia. É preciso desenvolver alunos ativos, críticos e capazes de compreender e interferir no mundo em que vivem .



Desde a Constituição Brasileira de 1934, reforçada pela Constituição seguinte de 1937, a União recebeu os poderes de legislar sobre a Educação. A Reforma Capanema, a partir de 1942, iniciou o processo de reformas do ensino no Brasil, legislando sobre o ensino primário, ginásial e colegial. A Lei 4.024/61, foi a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação e manteve essa organização. Pela primeira vez, observava-se um arcabouço das diretrizes e bases da educação nacional. São dessa época, os exames de admissão ao ginásio que impediam o prosseguimento dos estudos para muitas crianças. Com a Lei seguinte, a nº 5.692/71, foi criado o 1º grau com duração de 8 anos e o 2º grau com duração de 3 anos. Atualmente, a Lei nº 9.394/96 reformulou a estrutura do ensino em: Ensino Fundamental com 8 anos de duração e Ensino Médio com 3 anos .

Nas leis de 1961 e 1971, enfatizavam-se muito os conteúdos e por isso o sistema de avaliação apoiava-se na cobrança de conhecimentos. "Passava" de ano aquele que "sabia" mais. A Lei atual é mais flexível na proposta de Educação, enfatizando a necessidade de a educação formar cidadãos conscientes para o País.

Essa idéia de educação não é nova.

Sócrates viveu entre 470-399 a.C. e seu método se mantém absolutamente atual, revolucionário até. Diante da pasmaceira geral, questionar, na tentativa de rompermos, superarmos com o senso comum é quase uma ofensa aos nossos sonolentos alunos e colegas. Não é à toa que Sócrates foi condenado à morte por "corromper a juventude". A sua máxima, "mais inteligente é aquele que sabe que não sabe", é de uma humildade e sapiência notáveis que muito nos poderia ilustrar (KAERCHER, 2001, p. 51).

A orientação do Ensino Fundamental no Brasil é dada pelos PCN, mas já apresentamos algumas razões que explicam por que a Geografia na escola ainda não atende aos parâmetros. Reveja a Aula 11. Nela enfatizamos porque o ensino da Geografia ainda é feito utilizando a descrição e a memorização. Nossa proposta é fazer a análise segundo os PCN, o que apresenta alguma dificuldade, porque a prática da escola vem contrariando a teoria.

Alguns tentam justificar esse fato afirmando que os conteúdos vêm de uma época em que se prestavam exames com caráter de finalidade de curso ou como pré-condição para continuar os estudos. Estamos lembrando os velhos exames de admissão ao ginásio que exigiam muitos conteúdos, para poder eliminar e classificar os alunos de acordo com seus conhecimentos. Só "passava" para o ginásio quem obtivesse as maiores notas, isto é, quem "sabia" mais, quem detinha mais conhecimento.

Atualmente, existe uma grande discussão para definir avaliação e já existem autores que desafiam as formas tradicionais de se avaliar. **JUSSARA HOFFMANN, THEREZA PENNA FIRME, LUCKESI** e outros vêm afirmar que avaliação é um processo que não pode ser medido ou testado em apenas uma verificação.

Essa nova visão de Educação vem atingindo o ensino da Geografia que se volta mais para habilidades e conceitos do que para os conteúdos.

Faça uma reflexão sobre o assunto. O que você pensa sobre: provas, testes, julgamento e avaliação. Não é o momento de conversarmos sobre o assunto, mas você deve procurar as diferenças entre essas palavras.

Os PCN apresentam como linha mestra, nesse 2º ciclo, o estudo das paisagens urbanas e rurais, considerando as dimensões sociais, culturais, econômicas e ambientais. Vamos entender por espaço urbano ou rural a forma particular de organizar o espaço, estabelecendo relações com outras áreas. Esse tema é estudado nas escolas como um fato isolado, mas sempre na forma de descrição da paisagem. A proposta atual é mais ampla, implica compreender a interdependência entre cidade e campo, pois uma não existe sem a outra. Veremos como se estabelecem as relações sociais, políticas e econômicas entre elas; que elementos utilizar para fazer comparação entre os diferentes modos de vida; como se dão as formas de produção e trabalho. Observe o texto seguinte em que estamos querendo mostrar isso.

(...) Observa-se que o crescimento constante da população urbana não corresponde à melhoria dos níveis de produção agrícola, que parece incapaz para fornecer os necessários excedentes para industrialização ou exportação. Assim sendo, fica patenteada a necessidade de uma política de desenvolvimento nas áreas rurais através de reformas agrárias que compreendam melhorias tecnológicas e apoio financeiro. Infelizmente, raros ou ineficientes esforços têm sido feitos nesse sentido, deixando às populações rurais, que mal conseguem um insumo que lhes garanta a mera subsistência, a solução de emigrarem para os centros urbanos. Assim sendo, a transferência de populações rurais para as cidades acarreta uma urbanização à custa de uma “migração de fome”, pois é feita à custa da transferência do campo para as cidades, do desequilíbrio econômico das áreas rurais (ADAS, 1980, p. 178).

**JUSSARA MARIA
LERCH HOFFMANN**

Professora Assistente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Autora de *Avaliação: mitos e desafios – uma perspectiva construtivista*.

**THEREZA PENNA
FIRME**

Professora de Graduação e Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Autora de *Avaliação: resposta, responsabilidade, integração*.

CIPRIANO C. LUCKESI

Professor da Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Autor de *Avaliação da aprendizagem escolar*.

No texto, o autor considera que a área rural não consegue acompanhar o crescimento da área urbana e por isso apresenta a reforma agrária como solução porque, com a posse da terra, o trabalhador pode pleitear melhorias tecnológicas e financeiras, a fim de prover as necessidades da população rural e evitar as migrações para as cidades. Repare que nesse texto, observam-se as relações sociais, econômicas e políticas existentes entre as áreas urbanas e rurais.

Há uma relação entre os espaços urbano e rural. É como se disséssemos que um depende do outro. O processo de urbanização acontece em todas as partes do mundo, mesmo com causas e consequências diferentes. Pode-se compreender como esse crescimento se dá em detrimento do outro espaço. Sabe-se que no espaço urbano ocorrem inúmeras transformações, ligadas ao crescimento da população, e que, por esse motivo, nem sempre é possível manter os padrões de vida que se considera de boa qualidade.

Nas áreas urbanas dos países industrializados, o crescimento ocorre pelo desenvolvimento industrial de alguns lugares, ou pela atração que exerce a cidade grande. Nos países de industrialização deficiente, o crescimento ocorre devido à repulsão causada pela situação no campo; ou seja, aquilo que Melhem Adas chamou de “migração da fome”. Isso resulta em um processo doentio que leva à desestruturação desse espaço, provocando uma marginalização da população decorrente da falta de condições de absorção na estrutura industrial ou de serviços. Em outras palavras, há falta de emprego, de moradias, de saneamento básico. Entram em colapso o sistema de saúde, de educação e de transportes.

Observe na **Figura 13.1**, como um aluno interpretou essa situação.



Figura 13.1: Desenho do Carlos – Colégio Pedro II.

Mas a situação no campo não fica melhor. A falta de acesso à terra, o desconhecimento de tecnologia apropriada, as dificuldades de conhecimento das atividades rurais levam a um desconforto no campo que faz o homem migrar para a cidade. É o êxodo rural. O resultado desse processo será o desequilíbrio entre os espaços.

A noção de urbano e de rural permite ampliar o conhecimento para outros territórios em escala regional ou nacional.

Superada a abordagem descritiva é possível estudar o espaço natural e seu uso pelo homem, as diferentes formas de tecnologias empregadas pelos grupos sociais, os meios de transportes e comunicação utilizados que permitem a troca de relações e informações nesse espaço, as formas de trabalho, sua dinâmica e consequência para o espaço e as formas de representar tais espaços em mapas, atlas e globos.



ATIVIDADE

1.a. O lugar onde você mora é uma área urbana ou rural?

1.b. Você pode nomear alguns aspectos que expressam as relações entre sua área e as áreas vizinhas?

1.c. Como funcionam os meios de transportes nesse lugar? Interligam áreas diferentes?

COMENTÁRIO

Qualquer que seja o espaço em que você mora, mesmo sendo urbano ou rural, ele não está isolado. Sempre há necessidade de interligação com outros espaços, seja para a troca de mercadorias e produtos, ou para a circulação das pessoas, e/ou para a prestação de serviços. O sistema de transportes permite e facilita essa interligação e pode inclusive ser apontado como um dos responsáveis por essa interdependência.

O aluno do 2º ciclo tem idade que lhe permite melhor autonomia no que se refere à leitura, à escrita e à pesquisa por novas informações. O professor, ciente dessas possibilidades, pode explorá-las a fim de aperfeiçoar sua proposta pedagógica.

OBJETIVOS DA GEOGRAFIA PARA O 2º CICLO

Como na aula anterior, vamos fazer uma análise dos objetivos, considerando também os conteúdos que podem ser utilizados para alcançá-los. Em alguns objetivos observa-se que existe um elemento comum que serve de linha mestra para orientar e desenvolver todo o trabalho.

Vejamos abaixo alguns objetivos listados pelos PCN:

- Reconhecer e comparar o papel da sociedade e da natureza na construção de diferentes paisagens urbanas e rurais brasileiras.
- Reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e do campo, relativas ao trabalho, às construções e moradias, aos hábitos cotidianos, às expressões de lazer e de cultura.
- Reconhecer, no lugar em que se encontram inseridos, as relações existentes entre o mundo, urbano e rural, bem como as relações que sua coletividade estabelece com coletividades de outros lugares e regiões, focando tanto o presente como o passado.
- Conhecer e compreender algumas das conseqüências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local e em paisagens urbanas e rurais.
- Valorizar o uso refletido da técnica e da tecnologia em prol da preservação e conservação do meio ambiente e da manutenção da qualidade de vida (BRASIL, MEC, 1997, pp. 143-144).

Lendo estes objetivos, percebe-se que existe um ponto comum entre eles. Todos tratam do espaço urbano e rural. Procuramos agrupar os que continham conteúdos ou habilidades semelhantes, somente para facilitar nosso trabalho. Em todos eles, a tecnologia aparece como elemento de ligação do trabalho. Tecnologia ligada ao homem, à sociedade que constrói aquela paisagem urbana e/ou rural. Tecnologia que pode aparecer explícita nas formas de trabalho utilizadas nas maneiras de construir as moradias, nos hábitos e costumes dos grupos sociais e/ou nas formas de lazer. É possível estabelecer comparações com o presente e o passado e verificar as conseqüências do uso dessas tecnologias na natureza; se houve uma utilização pensada, racional, favorecendo a conservação e preservação da qualidade de vida dos grupos.

**ATIVIDADE**

Observe a paisagem abaixo.

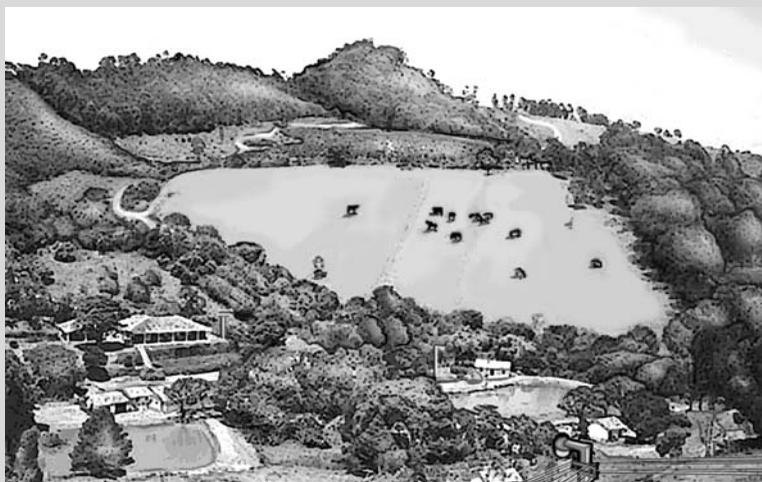


Figura 13.2

2.a. Vamos relacionar quatro elementos que demonstrem o uso do conhecimento humano.

2.b. Explique como esse conhecimento alterou o espaço.

COMENTÁRIO

Nessa figura, a presença do homem aparece na casa, na estrada, nas plantações e nos postes de luz. São elementos que estão incluídos na paisagem pela ação do homem. Ao organizar esse espaço para fazer dele o seu lugar para viver, o homem aplainou o terreno para construir sua casa, desmatou algumas áreas para abrir a estrada e para plantar seu alimento e instalou os postes de iluminação para seu bem-estar. Dessa forma, a paisagem foi modificada e humanizada.

Além da tecnologia, é importante considerar o papel dos meios de transportes e de informações, que nas últimas décadas vêm reestruturando todo o modo de vida de um grupo social.

Em qualquer lugar, até mesmo onde você mora, a televisão é apreciada por muita gente e considerada um modelo a seguir. As pessoas procuram usar roupas, utilizar modos de falar e agir de acordo com os padrões apresentados na telinha. Essa influência chega a todos os cantos do Brasil.

Isto é uma preocupação, porque representa a perda da cultura local. Isso acontece em outras partes do mundo e nós também sofremos a influência mundial. O modo de vida das comunidades, sejam urbanas, sejam rurais, se desestrutura e se reestrutura diminuindo as diferenças e aumentando as semelhanças. Fazendo uma análise crítica dessa influência e discutindo os valores que são perdidos e os que são acrescentados, descobrimos a importância que a mídia dá a alguns lugares em detrimento de outros. Da mesma forma que a cultura de um local é modificada por influência da mídia nacional, ela também sofre influência da mídia internacional.

Vejamos como esse assunto é colocado pelos PCN em seus objetivos: "Reconhecer o papel das tecnologias, da informação, da comunicação e dos transportes na configuração de paisagens urbanas e rurais e na estruturação da vida em sociedade"(BRASIL, MEC, 1997, p. 144).

Aqui também se enfatiza o papel dos transportes como elemento modificador do espaço. Pode-se inferir como ele modifica hábitos e atitudes de uma população, adapta os espaços às suas necessidades ou exclui alguma comunidade não atendida por ele deixando-a no esquecimento.

Vejamos como um aluno representou essa situação.

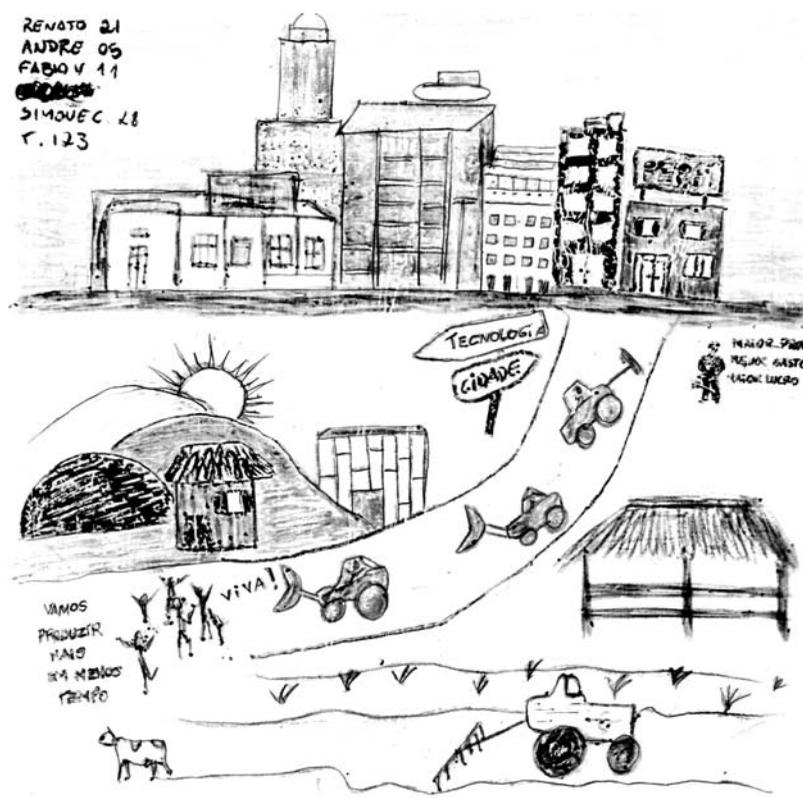


Figura 13.3: Desenho do Renato, André, Fábio e Simone- CAP/UERJ.

Para trabalhar um pouco mais essa idéia, transcrevemos um texto de um autor da Geografia.

As condições favoráveis para a implantação de ferrovias no Brasil somente surgiram em 1850, ao ser promulgada a lei Eusébio de Queirós.

Pela lei Eusébio de Queirós, ficou proibido o tráfico de escravos para o Brasil e, por essa razão, muitos capitais que até então eram aplicados nessa atividade se tornaram disponíveis. Em 30 de abril de 1854, graças à iniciativa do Barão de Mauá, foi inaugurada a primeira via férrea no Brasil. Tratava-se de uma pequena ferrovia, com extensão de 14,5 km, ligando a praia da Estrela à raiz da serra de Petrópolis. Estava assim inaugurada a Imperial Companhia de Estrada de Ferro de Petrópolis, a primeira ferrovia do Brasil.

Logo depois, novas ferrovias surgiram, pois o ciclo do café, ocupando o primeiro lugar na pauta de exportações, necessitava do novo meio de transporte para escoar sua produção. Em 1867, foram inauguradas a E.F. Santos –Jundiaí e a Cia. Paulista de Estrada de Ferro que passaram a servir a área cafeeira do estado de São Paulo e a transportar o café até Santos para ser exportado.

O traçado das ferrovias no Brasil mostra a preocupação de se colocar uma determinada área, produtora de um certo produto, com o litoral ou com o porto exportador, para alcançar o mercado externo. Assim sendo, são ferrovias de pequena extensão e com maior concentração na Região Sudeste que, desde o século XVIII, comanda a economia brasileira (ADAS, 1976, pp. 307-310).

Vamos propor algumas atividades para interpretar o texto.



ATIVIDADE

Após a leitura do texto responda:

3.a. Como foi o traçado das ferrovias no Brasil?

3.b. Qual a função dessas ferrovias?

3.c. Como essas ferrovias contribuíram para o desenvolvimento dessa área?

3.d. Como a presença desse sistema de transporte diferenciou a Região Sudeste das demais regiões brasileiras?

COMENTÁRIO

A implantação das ferrovias no Brasil está atrelada à presença do café e à existência de capitais disponíveis para a construção delas. Era preciso exportar o café, o principal produto brasileiro de exportação; por isso, as ferrovias partiam das áreas produtoras para os portos no litoral. Foram construídas muitas dessas ferrovias, independentes, sem fazer parte de uma rede, de pequena extensão e para atender àquele único objetivo. As áreas por onde passavam, viram um crescimento maior que as outras, porque ali se estabeleciam paradas para abastecimento dos trens e surgia um pequeno comércio. Assim nasceram algumas cidades no Sudeste. O restante do Brasil não plantava café e não tinha, àquela época, nenhum produto de interesse para o mercado externo. Logo, esse sistema de transportes não foi implantado em outras regiões porque, sem interesse imediato e sem capital, não se fazia necessário. Esse é um dos fatores que explicam as diferenças no espaço regional brasileiro.

Outro assunto que pode ser tratado a partir dos objetivos é o modo de vida das populações, sejam elas urbanas ou rurais.

Assim se expressam os PCN:

- adotar uma atitude responsável em relação ao meio ambiente, reivindicando, quando possível, o direito de todos a uma vida plena num ambiente preservado e saudável;
- conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais, como se relacionam e constituem o espaço e a paisagem no qual se encontram inseridos (BRASIL, MEC, 1997, pp. 144-145).

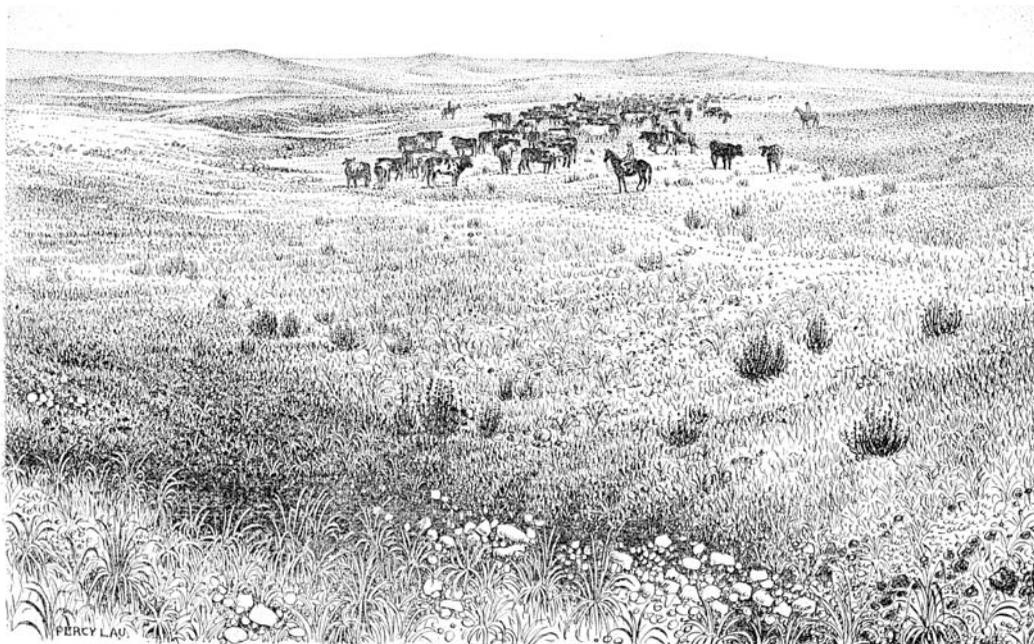
O modo de vida é o tema desses objetivos, o que pode ser abordado a partir de observações seguidas de debates e discussões, estabelecendo comparações entre os diversos modos de vida e considerando as particularidades de cada grupo. Por exemplo, o modo de viver do homem nas áreas rurais da Amazônia, com seus hábitos e costumes, é diferente do homem rural dos campos do Sul do Brasil. Se o aluno é levado a compreender esses diversos modos de vida, também será capaz de respeitá-los.

Observe as paisagens a seguir.



Desenho de Percy Lau

Figura 13.4: Trecho de um rio na Amazônia



Desenho de Percy Lau

Figura 13.5: Campos de criação do Rio Grande do Sul



ATIVIDADE

4. Registre dois elementos de cada uma das figuras.

COMENTÁRIO

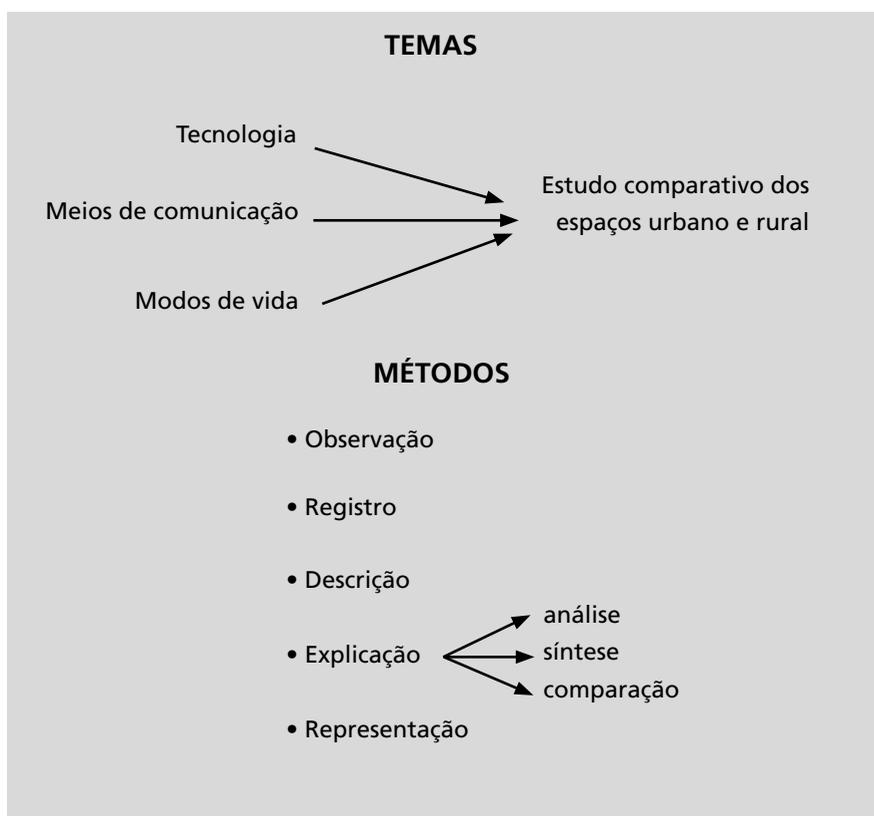
*Independente do que você tenha escrito, o importante é observar que a **Figura 13.4** apresenta um homem que vive da pesca porque está em uma área de muitas florestas e rios. Já o homem da **Figura 13.5** é um criador de gado dos campos de vegetação rasteira. Não queremos ser deterministas, mas pelas figuras deduz-se que os modos de vida desses homens são diferentes, cada um adaptando-se ao meio e/ou utilizando o meio em seu proveito. Não existe a idéia de que um é melhor que outro, cada um vive de acordo com seu conhecimento. Todos os dois vivem em áreas rurais, mas cada qual a seu modo.*

Finalizando, este que segue é o último dos objetivos propostos pelos PCN: "Saber utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas" (BRASIL, MEC, 1997, p. 144).

O que este objetivo apresenta é o desenvolvimento de habilidades.

Essas habilidades acompanham todo o ensino atual da Geografia que não se propõe a descrever e memorizar, repetindo o conhecimento já consolidado. A preocupação é desenvolver no aluno a capacidade de “aprender a aprender”, estimulando-o a descobrir o conhecimento. Esse trabalho é feito por todo o Ensino Básico e em todos os temas abordados.

Vamos organizar o que foi lido, apresentando para você um quadro síntese dos três temas básicos do 2º ciclo.



RESUMO

A Geografia no 2º ciclo tem como tema central os espaços urbano e rural, preocupando-se em mostrar as relações que existem entre eles.

Os PCN direcionam o trabalho de forma a permitir que o professor possa, a partir do espaço mais próximo, ampliar o conhecimento para espaços distantes, buscando entre eles as diferenças e semelhanças.

Nos PCN, a tecnologia, os meios de comunicação e os diferentes modos de vida são considerados os elementos diferenciadores e integradores dos espaços urbano e rural. Os modos de vida dos povos são resultados das relações que se estabelecem entre eles.

A Geografia no 2º ciclo dá continuidade ao trabalho proposto no 1º ciclo, desenvolvendo as habilidades e os procedimentos.

ATIVIDADES FINAIS

1. Assinale a alternativa errada:

- () A relação campo-cidade é assunto do 2º ciclo do Ensino Fundamental.
- () A utilização da observação e da descrição como atividades principais leva à memorização.
- () A Geografia, utilizando-se da análise e da síntese, torna-se crítica do espaço estudado.
- () A tecnologia empregada pelo homem pode diferenciar o espaço.
- () Para representar o espaço faz-se necessário desenvolver habilidades artísticas.
- () O espaço urbano e o espaço rural são modos de o homem organizar seu espaço.
- () Existe uma integração entre os espaços, feita a partir dos meios de comunicação.
- () Compreender os diferentes modos de vida dos grupos sociais faz nascer o respeito por eles.
- () A tecnologia pode ser usada para a melhoria da qualidade de vida dos povos.

COMENTÁRIO

A questão errada é a que diz que para a representação do espaço é preciso desenvolver habilidades artísticas. Sabemos que o principal na representação é a observação do que vai ser representado e depois o conhecimento da linguagem dos mapas já apresentada na Aula 12.

2. Escolha um dos objetivos propostos para o 2º ciclo e explique-o a partir do que leu.

COMENTÁRIO

Para essa atividade você deve se reportar à própria aula em que encontrará o comentário necessário. Se tiver alguma dúvida, pode recorrer ao tutor no seu pólo.

AUTO-AVALIAÇÃO

Neste ponto de nosso trabalho, você já está conhecendo uma nova maneira de trabalhar com a Geografia. Se você vem refletindo e se questionando sobre o assunto, e percebe que adquiriu esta nova consciência, está pronto para continuar com nossas reflexões. Caso contrário, se ainda não se convenceu da necessidade de mudar, faça uma recapitulação dos assuntos iniciais. Aulas 1, 2, 3 e 4.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Nosso próximo assunto será a análise do livro didático e a forma como é utilizado pelos professores. É um tema bastante polêmico.

Os livros didáticos de Geografia – uma reflexão

AULA 14

Meta da aula

Apresentar a Geografia como é desenvolvida nos livros didáticos.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Questionar a prática da Geografia nos livros didáticos.
- Reconhecer as diferentes formas de trabalhar com Geografia nos livros didáticos.

Pré-requisitos

Para melhor entendimento desta aula, você precisa conhecer o assunto discutido na Aula 11, que tratou do ensino da Geografia, e nas Aulas 12 e 13, que abordaram a proposta dos PCN para a Geografia nos dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

NAPOLEÃO BONAPARTE

Imperador da França após a Revolução Francesa. Para levantar o sentimento de nacionalismo no povo, atribuiu grande importância aos conhecimentos geográficos. Entendia que o estudo do espaço, e seu uso, poderia contribuir para desenvolver o sentimento de nacionalidade no povo. É dele a frase: “A política de um Estado está em sua Geografia.” Sobre Napoleão Bonaparte, recorde a Aula 3.

RATZEL

(1844-1904)

Cientista alemão que difundiu a idéia de espaço vital, isto é, uma nação seria tão poderosa quanto de mais espaço dispusesse para atender às necessidades da sua população e dispor de suas riquezas. Esta noção impulsionou a expansão germânica e serviu de base para o surgimento, mais tarde, da **GEOPOLÍTICA**. Sobre Ratzel, volte à Aula 3.

GEOPOLÍTICA

Estudo da possibilidade de manipulação das questões políticas e estratégicas.

Você poderia perguntar por que usar uma aula para analisar o livro didático?

Porque, fora de dúvida, os professores fazem do livro o manual que deve ser seguido e, conseqüentemente, “cobrado” dos alunos, considerando tudo o que ali está escrito como verdades que não precisam ser questionadas. Os pais e responsáveis também o consideram importante, porque foram usuários e vítimas desses livros. Eles fazem uma cobrança da escola e do professor para que o livro seja todo cumprido. Entendem que dessa forma foram dados todos os conteúdos e que seus filhos ganharam um conhecimento maior e também, que o livro custou caro, e por isso deve ser totalmente utilizado.

A escola e também o governo dão uma importância muito grande ao livro didático. Utilizam-no para reproduzir e normatizar o conteúdo oficial, facilitando, dessa forma, qualquer proposta de avaliação pelo governo.

A análise que faremos nesta aula é resultado de um trabalho de investigação e levantamento de situações de aprendizagem da Geografia, em alguns livros didáticos, para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Sabe-se que o problema é bem mais complexo, e, por isso, somente alguns aspectos serão discutidos tanto no que se refere aos conteúdos quanto à proposta metodológica apresentada por eles.

Vocês se recordam de que, nas Aulas 12 e 13, analisamos os objetivos e conteúdos dos PCN, já que eles são o documento oficial do Ensino Fundamental? Lembramos ali que, apesar de ser este o “programa” norteador, muitos livros didáticos, e junto com eles os professores, seguem programas antigos e ultrapassados. Os motivos foram vistos nessas mesmas aulas, recordando que alguns professores não têm conhecimentos suficientes sobre o assunto, outros não querem ou não podem fazer cursos de capacitação, e outros ainda são acomodados e avessos a qualquer mudança.

O livro didático, na maior parte das nossas escolas (públicas), é distribuído pelo governo como forma de impor um conteúdo oficial a todo o país. Essa é uma história muito antiga. No século XIX, definiu-se a consolidação dos Estados-nação. Isso foi possível com a construção de um sentimento de patriotismo em que a escola contribuiu de forma especial. A ideologia de um nacionalismo patriótico veio dos tempos de **NAPOLEÃO** (século XVIII) e **RATZEL** (século XIX) e foi apoiada pela classe burguesa escolarizada. Uniam-se, dessa forma, a nação, a pátria e o povo.

Como diz Vlach,

(...) a burguesia, confundida (ou quase) com o Estado-nação, constatou a necessidade de impor os seus valores (particulares) ao conjunto da sociedade, de preferência mascarando a sua constituição internamente dividida; em outras palavras, constatou a necessidade de impor sua hegemonia. Então, a escola, a definição de uma língua nacional por parte de cada Estado-nação europeu, a constituição de um exército nacional, que inspirou o serviço militar obrigatório no âmbito de um espaço (geográfico) delimitado (resultante de uma produção do espaço sob o capital), se tornaram os seus principais canais (a escola em particular) (1990, p. 73).

Como explica a autora, a burguesia, para se impor como classe dominante no Estado-nação recém-criado, vai se utilizar da escola, da língua nacional e do serviço militar. Fora de dúvida, em relação a esses três elementos, foi a escola que mais se prestou aos interesses dessa classe para a difusão das suas idéias.

À medida que o Estado-nação se consolidava, a ideologia do nacionalismo e o poder da burguesia industrial cresciam. Isso ocorria apesar da contradição, porque a idéia de nacionalismo subentendia uma igualdade de classes, e coube à escola o papel de difundir essa ideologia sob a forma de uma rede oficial de ensino (escola para todos).

Você sabe que o melhor instrumento para se alcançar um povo é através da escola. O livro didático e o professor são os instrumentos ideais para isso.



ATIVIDADE

1.a. Que relação pode ser feita entre Estado-nação e patriotismo.

COMENTÁRIO

O Estado-nação, desde a sua formação, veio inculcando no povo as idéias de patriotismo como forma de garantir sua existência. Utilizava-se de elementos que envolviam os sentimentos do povo, a saber: a língua nacional, um exército para proteção e defesa e a escola, que seria o instrumento mais importante para a divulgação de seus ideais.

1.b. Como o livro didático pode ser considerado um mantenedor da ideologia vigente?

COMENTÁRIO

Atualmente, todos ou quase todos os livros didáticos seguem um mesmo conteúdo, como se fosse uma regra obrigatória. É uma forma de controle do Estado porque pode acompanhar, por meio de provas e exames, como anda o conhecimento de sua população.

1.c. De que forma o Estado se utiliza da escola como instrumento ideológico?

COMENTÁRIO

Seguindo os comentários da questão anterior, a escola, utilizando-se desses livros e de metodologias tradicionais que não exigem que os alunos desenvolvam o hábito de pensar, analisar e questionar, está agindo de acordo com os interesses do Estado para que a situação seja mantida.

IDEOLOGIA

Sistema de idéias; inversão do real (na corrente marxista).

O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

O ensino da Geografia deve priorizar a reflexão sobre o espaço em que se vive. Isto já foi dito em aulas anteriores. Mas na escola ainda se faz uma Geografia que enfatiza os fenômenos geográficos no espaço estudado, memorizando-os, descrevendo e eliminando qualquer tentativa de reflexão. Por que isso? Além do que foi explicado na Aula 11, pode-se lembrar da **IDEOLOGIA** seguida pelo Estado em determinado momento.

No caso da Geografia, ao se enfatizar a descrição do espaço impedindo a reflexão, criou-se a idéia de uma Ciência neutra, apolítica e que, portanto, cumpriria o papel de propagadora do nacionalismo. Era isso que pregava Napoleão.

A ênfase em definir o Estado por seu território e seu quadro natural levou a uma inversão da realidade. Passou-se a priorizar o estudo dos diferentes lugares em vez do estudo da sociedade (as classes sociais,

os conflitos entre elas).

V. Vlach afirma que a ideologia não é apenas a inversão do real.

Ao mesmo tempo, é um instrumento de dominação das classes privilegiadas que, desde o século XIX, tem-se mostrado extremamente eficaz no tocante aos seus interesses porque apropriou-se de uma instituição social – a escola – e dela fez o seu veículo mais importante. De comunicação, de persuasão, de controle social... (VLACH, 1990, p. 62).

Essa forma de pensar fez da escola um instrumento do Estado para propagar suas idéias. Daí o Estado proclamar que **a educação é um dever do Estado e um direito de todos.**

Você compreende por que a atual Constituição Brasileira de 1988 e as anteriores proclamam que a educação é obrigatória e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, confirma que a educação é obrigatória e gratuita, dos 7 aos 14 anos?

Mas vamos voltar a conversar sobre o livro didático de Geografia.

Reclama-se muito do livro didático, mas, todos os anos, milhares de livros são produzidos sem passar por nenhuma avaliação por parte dos autores, dos professores consumidores ou das editoras. Os autores não fazem revisões freqüentes porque acreditam que seus livros são aceitos pelos professores que não questionam e também não deixam de utilizá-los. As editoras não exigem revisão porque dizem que a qualidade do material, tanto do conteúdo como do método, é de responsabilidade do autor. Isso leva os professores, reais consumidores desses livros, a acomodar-se e acreditar no que está escrito. Esses professores ainda preferem os livros que não exijam muito pensar, que apresentem respostas prontas para os questionamentos e, de preferência, que venham junto com o “Livro do Professor”, onde todas as respostas já estão dadas. Esses professores costumam alegar uma série de motivos para sua omissão: falta de recursos financeiros, cargas de trabalho pesadas, falta de tempo para preparar as aulas, dificuldades para estudar e pesquisar, e outros. Recebem em casa os livros de cortesia das editoras, ficam impressionados com as imagens, com as figuras e com as bonitas capas e esquecem de observar os conteúdos. Cada um, a seu modo, se exime da responsabilidade daquilo que está escrito.

Era preciso, inicialmente, fazer essas reflexões para começar

a análise dos livros didáticos.

Pense um pouco nos livros que você conhece. Observe se eles conseguem desenvolver nos alunos as habilidades de saber pensar, refletir e questionar.

Vamos considerar a análise dos conteúdos e da parte metodológica. Observaremos também as ilustrações apresentadas e os exercícios propostos como fixação.

É impossível fazer a análise completa dos conteúdos de um livro didático, por isso trabalhamos com uma amostra para que você possa perceber a necessidade de questionar o que está escrito. Por uma questão de ética, os nomes dos livros e dos autores serão omitidos.

Lembra que, em aulas anteriores, nosso estudo foi feito combinando objetivos e conteúdos? Assim fizemos com a análise dos PCN. Mas por que nossa análise vai privilegiar os conteúdos? Porque eles são a matéria básica dos livros didáticos e cumprem o papel de controle social que o Estado quer manter. Já reparou que todos os livros didáticos apresentam os mesmos conteúdos fixados pelos órgãos oficiais, sem considerar as diferenças entre a clientela ou as diferenças regionais?

Os livros didáticos mostram a ausência de uma visão crítica por parte dos autores, (que querem vender seus livros) e por parte dos professores, que os utilizam porque têm uma formação profissional compartimentada e, em especial, o professor das Séries Iniciais, que tem uma formação calcada na Geografia descritiva.

Escolhemos temas variados para fazer a análise dos conteúdos.

Um dos assuntos abordados nos livros é sobre o tema **A Terra e o Universo**. Estas afirmativas foram encontradas em alguns dos livros

analisados:

Universo é o conjunto de tudo que existe no espaço.

Astros são corpos celestes que giram no espaço.

Estrelas são astros que possuem luz própria.

Planetas são astros que não têm luz própria e giram em volta de uma estrela.

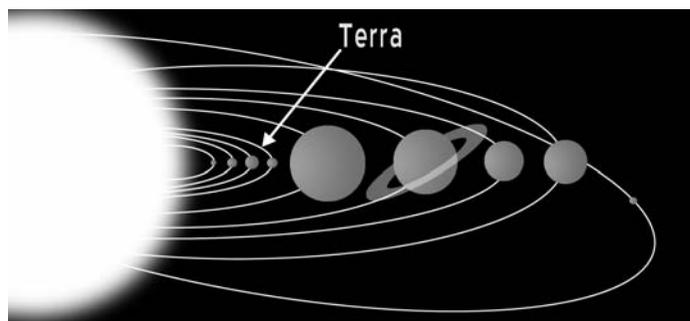


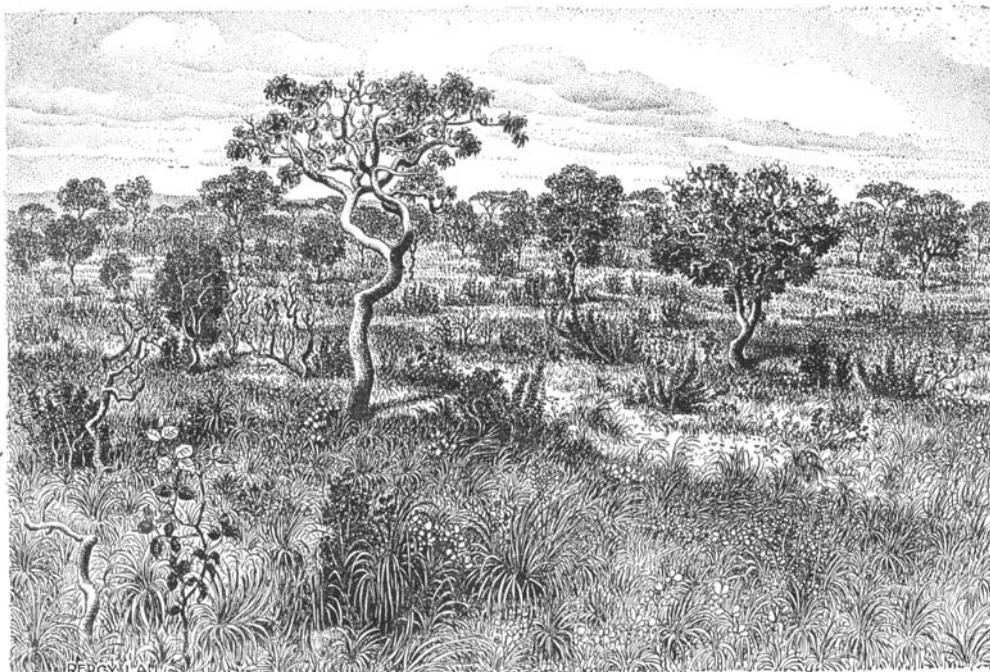
Figura 14.1

A Terra é o planeta onde vivemos.

Outro tema analisado: **Vegetação do Brasil.**

O conjunto de plantas que crescem naturalmente em um lugar chama-se vegetação.

Grande parte da vegetação do Brasil foi destruída para dar lugar



Desenho de Percy Lau

Figura 14.2: Campo cerrado

Sobre o tema **Regiões do Brasil.**

O Brasil está dividido em 5 grandes regiões: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro -Oeste.

Os estados que formam essas regiões apresentam semelhanças na paisagem, nos costumes e nas atividades econômicas.

A região Sudeste é a mais desenvolvida das regiões brasileiras. Ela é formada por 4 estados, sendo que um deles não é banhado pelo mar. (Segue-se o nome dos estados, suas capitais, sua área e a população aproximada.)

Veja o mapa ao lado.



Figura 14.3

Já explicamos que é impossível analisar todos os temas; estes são somente alguns conteúdos para podermos pensar. Esses assuntos fazem parte do currículo proposto pelas Secretarias Estaduais de Educação. Vejamos a forma como são apresentados.

Observe o texto sobre o Universo e o texto seguinte sobre a vegetação. Apresentam informações descontextualizadas da realidade do aluno. Assim, não despertam no aluno a curiosidade, a vontade de aprender (aprender o quê?), a capacidade de análise, a vontade de questionar. Leva a uma repetição do que já está escrito nos manuais, à memorização e ao desinteresse pela disciplina. É a escola maçante, sem graça, que dá vontade de abandonar. Certamente você está recordando que já viu essa história em algum lugar.

No outro exemplo sobre as regiões brasileiras, existem erros conceituais de Geografia, por exemplo, quando se diz que as regiões brasileiras foram divididas porque apresentam semelhanças de paisagem, de costumes e atividades econômicas. Vamos lembrar que o estado do Maranhão está na região Nordeste, mas não apresenta a paisagem da caatinga do sertão semi-árido, nem seu povo é vaqueiro vestido de couro. O desenvolvimento industrial do estado de São Paulo, na região Sudeste não combina com a ocupação pecuarista do norte de Minas Gerais, também na região Sudeste. Na parte regional, segue-se uma fórmula já definida de apresentação (que vem de La Blache): localização, quadro natural (físico), população, economia e sistema de transportes.

Poderíamos seguir por aí dando outras explicações, mas o que se quer é despertar a curiosidade de questionar se o que está escrito é verdadeiro.

Observa-se a dificuldade dos livros didáticos em lidar com a questão do **SABER**. Eles trabalham com **CONHECIMENTO**. Dessa forma, o aluno não desenvolve as habilidades e capacidades para criar seu próprio conhecimento. Essa é uma questão discutida pelas diferentes teorias da aprendizagem. Ainda precisamos encontrar a fórmula ideal para ajudar o aluno a ser verdadeiramente o construtor de seu conhecimento. Você sabe que esta fórmula é o **aprender a aprender**.

Raramente conseguimos encontrar livros didáticos que façam a relação entre o conhecimento acumulado e instituído e a produção do saber através de questionamentos.

SABER

Um trabalho de caráter interrogativo e fundamentalmente marcado por várias possibilidades; – sabedoria

CONHECIMENTO

Produzido por determinadas pessoas ou sociedades em certo tempo e em um dado lugar; – idéia, informação (VLACH, 1990, pp. 43 e 68).

**ATIVIDADE**

2. Crie um exemplo de situação para diferenciar **saber** de **conhecimento**.

COMENTÁRIO

Claro que o exemplo que eu vou dar é diferente do seu, mas a idéia é essa. O primeiro exemplo de análise falava da **Terra** e do **Universo**. Colocando as informações como os autores fizeram no livro observado, estamos passando aos alunos somente conhecimentos, informações que precisam ser decoradas para as provas. E, se ao contrário disso, os alunos fossem convidados a observar o céu, a pesquisar gravuras e fotos ou a assistir a um documentário do planetário? Provavelmente seria mais interessante, e os alunos seriam estimulados e incentivados a construir seu próprio conhecimento. Dessa forma, ele estaria incorporado a sua mente, logo fazendo parte do seu saber.

Analisando as ilustrações pode-se afirmar que muitas vezes elas aparecem somente com o efeito decorativo, mas de uma forma geral, os livros são bonitos e bem ilustrados. Encontramos alguns casos em que a ilustração, colocada sem nenhuma explicação, dificulta a aprendizagem.

Veja um exemplo do que estamos dizendo. No texto, não encontramos explicação para a figura, que, além disso, é de difícil entendimento.

Observe a **Figura 14.4**.

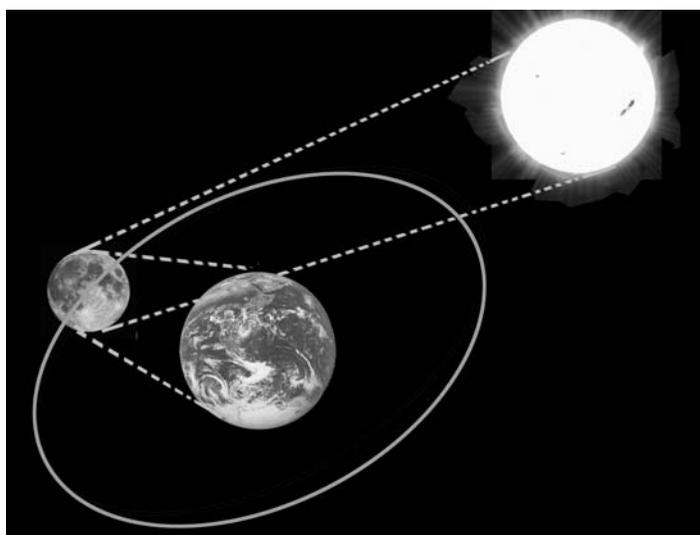


Figura 14.4

Vejam alguns exercícios apresentados em livros didáticos. Constatamos que eles não exigem raciocínio, basta somente saber buscar a resposta nos textos. Algumas questões reforçam a necessidade de memorizar os conteúdos. Veja os exemplos abaixo:

Que oceano banha a região Nordeste?

Quem cuida do gado no sertão?

Descreva uma festa popular do Nordeste.

Para responder a estas perguntas, basta procurar a resposta nos textos. Não é preciso nenhuma habilidade especial.

O processo ensino-aprendizagem se realiza com a participação efetiva do aluno e professor. Cabe aos professores criar situações de aprendizagem, estimular os alunos a participarem da construção do saber. O que dizer, então, do “Manual do Professor”? Esses anexos ao livro didático trazem, geralmente, os assuntos divididos pelos bimestres, apresentam os objetivos a serem alcançados e trazem exercícios e atividades já respondidos. O professor é tratado como um “incapaz” de elaborar seu próprio planejamento e como “desconhecedor” da matéria a ser estudada.

É bem verdade que muitos professores, por comodidade, utilizam e até consideram importantes esses manuais. Seria bom se eles existissem como meios auxiliares para os professores e não como meios norteadores. Fica difícil para o professor desenvolver seu papel de criador, estimulador e incentivador da aprendizagem. Isso leva de volta à situação de descrição de fatos isolados e descontextualizados que impede o pensamento de se desenvolver.

Na medida em que os livros não apresentam uma visão crítica da realidade, mas, conforme assinalado, apenas transmitem informações quanto a fatos e dados, isolados entre si e do processo histórico, não contribuem para com a formação do espírito crítico do educando. Pelo contrário: parte-se do pressuposto de que o conhecimento é absoluto, e suas verdades precisam ser divulgadas (VLACH, 1990, p. 41).

Cabe aos professores, coordenadores e às escolas escolher o livro didático com mais atenção. É um desastre a forma como estes materiais são escolhidos. Quase sempre no final do período e com muita pressa.

Essas abordagens dos livros didáticos educam para a alienação e o descompromisso...

É preciso questionar, por outro lado, a postura do professor que adota um livro e se escraviza aos capítulos, páginas, exercícios e respostas dos livros didáticos. Muitas vezes o ditador dos planos de curso, planos de aula, dos exercícios é o livro didático (PASSINI, 1994, p. 84).

Não foi nossa intenção discutir nenhum livro didático em especial. Queríamos somente levantar a necessidade de questionar o material impresso de forma crítica para saber se estamos sendo conduzidos na formação de nossos alunos ou se estamos livres para formar alunos criativos, questionadores e construtores de seu próprio conhecimento.

RESUMO

O livro didático cumpre o papel, que é também da escola, de manutenção da situação vigente. Esse motivo explica a série de leis que apontam a Educação como um bem para todos.

A análise dos livros possibilitou ver como os conteúdos, as ilustrações e os exercícios cumprem esse objetivo. Essa situação não sofre mudanças porque as pessoas que poderiam fazer essa transformação não se interessam em fazê-la, por incapacidade ou omissão.

Existem falhas na divulgação dos conteúdos, as ilustrações muitas vezes são decorativas, e os exercícios repetem o que foi apresentado no texto.

Os livros não desenvolvem habilidades e capacidades.

ATIVIDADES FINAIS

Redija uma frase conclusiva utilizando-se das palavras:

1. escola ideologia

COMENTÁRIO

Escola combina com ideologia, já que a maneira de trabalhar vem ao encontro do que é proposto pelo Estado. Assim, o currículo, a forma de avaliação ou a metodologia apresentada são sugeridos pelo Estado.

2. escola patriotismo

COMENTÁRIO

A escola, quando surgiu como instituição a serviço dos interesses do Estado, foi utilizada como forma para desenvolver o patriotismo necessário, no século XIX, para a afirmação do Estado-nação.

3. Assinale, nas afirmativas, certo ou errado:

- () A escola é responsável pela construção do saber.
- () Acumular informações pode levar ao saber.
- () Construir o conhecimento leva à formação de cidadãos.
- () O livro didático cumpre o papel de divulgador da ideologia do Estado.
- () Declarando que a Educação é um direito de todos, o Estado garante a manutenção do poder.
- () A escola, e com ela o livro didático, é elemento de continuidade da situação vigente.

COMENTÁRIO

Nesse exercício, todas as afirmativas estão corretas, à exceção da segunda. Esta afirmativa – Acumular informações pode levar ao saber – está errada porque o saber deve ser construído e não somente transmitido. O que se transmite é a informação.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você percebeu que a escola e os livros didáticos cumprem determinados papéis nos interesses do Estado. Se compreendeu o que foi dito nesta aula, você, está pronto para seguir para a aula seguinte.

Aqui terminamos mais uma unidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A aula seguinte, de número 15, inicia nova unidade, que tem como objetivo o conhecimento e a utilização das habilidades instrumentais da Geografia no 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental.

Geografia na Educação 1

Referências

Aula Introdutória

GANDIN, Danilo. *A prática do planejamento participativo*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.48 e 110

Aula 1

ALMEIDA, Rosângela Doin de; SANCHEZ, Miguel Cesar; PICARELLI, Adriano. *Atividades cartográficas*. São Paulo: Atual, 1997. 44p. v. 3.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da geografia*. 2.ed. São Paulo: Difel, 1985. 318p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1986. 138p.

RAISZ, Erwin. *Cartografia*. Barcelona: Omega Ediciones, 1953. 428p.

SILVA, Eunice Isaías da. *O espaço: une, separa, une*. In: SANTOS, Milton. (Org.). *Geografia, território e tecnologia*. São Paulo, Terra Livre AGB, n. 9, jul./dez. 1991, 152p.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à geografia*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 131p.

Aula 2

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*. 13.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

QUAINI, Massimo. *A construção da geografia humana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Aula 3

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

_____. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo: EdUSP, 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1997.

QUAINI, Massimo. *A construção da geografia humana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Aula 4

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1997.

QUAINI, Massimo. *A construção da geografia humana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SANTOS, Milton. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. *Por uma geografia nova*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

Aula 5

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *Região e organização espacial*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.

Aula 6

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *Região e organização espacial*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.

VALLADARES, Lícia do Prado. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Aula 7

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. São Paulo: Contraponto, 1997.

DUPAS, Gilberto. *Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HAESBAERT, Rogério. *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói: EdUFF, 1998.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOBBSBAWM, Eric. *O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Cia. da Letras, 1996.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Aula 8

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. São Paulo: Contraponto, 1997.

DUPAS, Gilberto. *Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HAESBAERT, Rogério. *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói: EdUFF, 1998.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HOBBSBAWM, Eric. *O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia. da Letras, 1996.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia*. Brasília,DF: MEC/SEF, 1997. v. 5.

CALLAI, Helena Copetti. Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico. *In: REGO, Nelson et al. Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p. 57-73.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FONTOURA, Ana Elisa S. Dinâmica cotidiana da construção do espaço geográfico. *In: REGO, Nelson et al. Um Pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p. 151-160.

KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia a dia. *In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001. p.11-21.

MAGNOLI, Demétrio; ARAUJO, Regina. *Geografia geral e do Brasil: paisagem e território*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MARSICO, Maria Tereza et al. *Estudos Sociais - 4ª série - 1º grau*. São Paulo: Scipione, 1997. (Coleção marcha criança).

MASCARIN, Silvia Regina. *Refletindo sobre o ensino de geografia neste final de século*. Campinas,SP: Papirus, 1996. p. 64-72. (Caderno CEDES; v. 39).

PEREIRA, Diamantino; SANTOS, Douglas; CARVALHO, Marcos. *Geografia: ciência do espaço*. São Paulo: Atual, 1993. v. 4.

_____. *Geografia escolar: uma questão de identidade*. Campinas,SP: Papirus, 1996. p. 47-56. (Cadernos CEDES, v. 39).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia*. Brasília,DF: MEC/SEF, 1997. v. 5.

CALLAI, Helena Copetti. Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico. *In: REGO, Nelson et al. Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p. 57-73.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FONTOURA, Ana Elisa S. Dinâmica cotidiana da construção do espaço geográfico. *In: REGO, Nelson et al. Um Pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p. 151-160.

KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia a dia. *In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001. p.11-21.

MAGNOLI, Demétrio; ARAUJO, Regina. *Geografia geral e do Brasil: paisagem e território*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MARSICO, Maria Tereza et al. *Estudos Sociais - 4ª série - 1º grau*. São Paulo: Scipione, 1997. (Coleção marcha criança).

MASCARIN, Silvia Regina. *Refletindo sobre o ensino de geografia neste final de século*. Campinas,SP: Papyrus, 1996. p. 64-72. (Caderno CEDES; v. 39).

PEREIRA, Diamantino; SANTOS, Douglas; CARVALHO, Marcos. *Geografia: ciência do espaço*. São Paulo: Atual, 1993. v. 4.

_____. *Geografia escolar: uma questão de identidade*. Campinas,SP: Papyrus, 1996. p. 47-56. (Cadernos CEDES, v. 39).

Aula 11

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia*. Brasília,DF: MEC/SEE, 1997. v. 1 e 5

CALLAI, Helena C. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. *In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. et al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2001. p. 57-63.

_____. Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico. *In: REGO, Nelson. et al. Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação, o local e o global*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p. 57-73.

Aula 12

ALMEIDA, Rosangela D.; SANCHEZ, Miguel César; PICARELLI, Adriano. *Atividades cartográficas*. São Paulo: Atual, 1996. v. 1

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia*. Brasília,DF: MEC/SEE, 1997. v. 5.

KESSELRING, Thomas. *Jean Piaget*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MARSICO, Maria Teresas et al. *Estudos Sociais - 2ª série*. 7.ed. São Paulo: Scipione, 1997. (Coleção marcha criança).

PASSINI, ElzaY. *Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica*. Belo Horizonte: Lê, 1994.

SAVIANI, Dermeval. *A nova Lei da Educação (LDB): trajetória, limites e perspectivas*. 4.ed. Campinas,S.P: Autores Associados, 1997.

Aula 13

ADAS, Melhem. *Panorama geográfico do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1980.

_____. *Estudos de geografia do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1976.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia*. Brasília,DF: MEC/SEF, 1997. v. 5.

KAERCHER, Nestor André. *Estudos Sociais: reflexões, conflitos e desafios*. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS/AGB, 2001. p. 49-55.

Aula 14

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

PASSINI, ElzaY. *Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica*. Belo Horizonte: Lê, 1994.

VLACH, Vânia. *Geografia em debate*. Belo Horizonte: Lê, 1990.

ISBN 85-7648-104-9



9 788576 481041



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ministério
da Educação

